



ROTATIVIDADE NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos



ROTATIVIDADE NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

DIEESE

São Paulo, 2016

Presidenta da República: Dilma Rousseff

Ministro do Trabalho e Previdência Social: Miguel Soldatelli Rossetto

Secretário Especial do Trabalho: José Lopez Feijóo

Secretário de Políticas Públicas e Emprego: Márcio Alves Borges

Presidente do Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador: Virgílio

Nelson da Sila Carvalho

Diretora do Departamento de Emprego e Salário: Sinara Alves Ferreira

Coordenadora-Geral de Estatística do Trabalho: Maria Emilia Piccinini Veras

Equipe técnica: Mário Magalhães, Maria das Graças Parente Pinto, Jociany Monteiro Luz

Ministério do Trabalho e Previdência Social

Secretário de Políticas Públicas e Emprego - SPPE

Esplanada dos Ministérios - Bl. F - Sede - 3º andar - Sala 300

CEP: 70059-900

Tel.: 61 2031-6264

*É permitida a reprodução parcial ou total dos textos desta publicação,
desde que citada a fonte.*

Os textos apresentados nessa publicação não refletem,
necessariamente, a posição do MTPS.

DIEESE

D419 Rotatividade no mercado de trabalho brasileiro: 2002 a 2014./
Departamento Intersindical de Estatística e Estudos
Socioeconômicos. São Paulo, SP: DIEESE, 2016.

140 p.

ISBN 978-85-87326-80-5

1. Rotatividade 2. Mercado de Trabalho 3. Rais I. DIEESE
II MTPS - Ministério da Previdência e Assistência Social
III Título.

CDU 331.5

Rotatividade no mercado de trabalho brasileiro

São Paulo, 2016



Ministério do
Trabalho e Previdência Social



DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

Escritório Nacional: rua Aurora, 957 - Centro - São Paulo - CEP 01209-001

Tel.: 11 3874-5366 - 3821-2199 - www.dieese.org.br

Direção Executiva

Presidente: Zenaide Honório - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de SP (Apeoesp)

Vice-presidente: Luís Carlos De Oliveira - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo, Mogi das Cruzes e Região - SP

Diretor Executivo: Alceu Luiz dos Santos - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba - PR

Diretor Executivo: Alex Sandro Ferreira da Silva - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: Bernardino Jesus de Brito - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de SP

Diretora Executiva: Cibele Granito Santana - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas - SP

Diretor Executivo: Josinaldo José de Barros - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel - SP

Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes - Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do RS

Diretora Executiva: Maria das Graças de Oliveira - Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de PE

Diretor Executivo: Nelsi Rodrigues da Silva - Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa - Sindicato dos Eletricitários da Bahia

Diretora Executiva: Raquel Kacelnikas - Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região - SP

Diretor Executivo: Roberto Alves da Silva - Federação dos Trabalhadores em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de SP

Direção Técnica

Diretor técnico: Clemente Ganz Lúcio; **Coordenadora executiva:** Patrícia Pelatieri;

Coordenadora administrativa e financeira: Rosana de Freitas; **Coordenador de educação:** Nelson de Chueri Karam; **Coordenador de relações sindicais:** José Silvestre Prado de Oliveira; **Coordenador de atendimento técnico sindical:** Airton Santos; **Coordenadora de estudos e desenvolvimento:** Angela Maria Schwengber

Equipe responsável

Samira Schatzmann, Ademir Figueiredo, Antonio Ibarra, Laender Batista Gustavo Monteiro, Thomas Coen (apoio), Geni Marques e Iara Heger (revisão e finalização), Eliana Martins (apoio)

Projeto gráfico: Caco Bisol Ltda.

Diagramação: Caco Bisol e Zeta Studio

Impressão: Rettec Artes Gráficas

Tiragem: 3 mil exemplares

Sumário

Prefácio	7
Apresentação	9
Introdução	11
Capítulo 1 Rotatividade e flexibilidade do mercado de trabalho formal	17
Capítulo 2 A rotatividade segundo os setores de atividades econômicas	59
Capítulo 3 A movimentação da Rais segundo os estabelecimentos	101
Conclusão	111
Referências bibliográficas	117
Anexo	119

Prefácio

GARANTIR O EMPREGO E COMBATER A ROTATIVIDADE

Um dos principais objetivos dos governos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da presidente Dilma Rousseff foi adotar um conjunto de iniciativas para garantir a todos os cidadãos brasileiros oportunidades de acesso a bens, serviços e oportunidades. Com o olhar voltado para o trabalho, a renda, a educação, a faixa etária, o sexo, a raça, as diferenças regionais, foram desenvolvidos programas e ações nas mais diversas áreas, visando aumentar a inclusão social de milhões de pessoas.

Os resultados das políticas econômicas voltadas para o mercado de trabalho e para a proteção social nos últimos 13 anos foram expressivos. Os ganhos alteraram positivamente o panorama social do país nesses anos: mais de 20 milhões de empregos formais foram criados; a política de valorização do salário mínimo garantiu quase 70% de aumento no poder de compra desta remuneração; o programa de combate à fome e à miséria, representado pelo Bolsa-Família, tirou 36 milhões de pessoas da pobreza extrema; no campo da educação, as políticas de reestruturação e expansão da rede federal de ensino possibilitaram dobrar o número de matrículas nas universidades federais, o que, aliado também às políticas de financiamento do ensino e de cotas sociais e raciais, contribuiu para democratização do acesso ao ensino superior, entre outras ações. A política social implementada no Brasil ganhou reconhecimento de diversos organismos internacionais e multilaterais, como a Organização das Nações Unidas (ONU).

Apesar das melhorias observadas durante esse período, muitos problemas permanecem sem solução, em várias áreas, inclusive no mercado de trabalho.

A alta rotatividade da mão de obra é um deles. Evidentemente, faz parte da dinâmica do mercado de trabalho apresentar alguma rotatividade, mas quando o ritmo das contratações e demissões é igualmente alto, em períodos de economia desaquecida e aquecida, é importante investigar o que está por trás dessa movimentação. No momento em que o país experimenta as menores taxas de desemprego da história, é de se esperar que um trabalhador peça o desligamento de um posto em busca de outro que lhe ofereça melhores condições ou salário. Já para as empresas, mesmo precisando de mais força de trabalho e disputando trabalhadores no mercado de trabalho, o volume de desligamentos permaneceu em patamares elevados. A indagação que fica é qual a racionalidade econômica por trás da alta rotatividade em contexto de aquecimento do mercado de trabalho.

O estudo da questão é um dos mais importantes no mercado de trabalho, pois a rotatividade é problema para todos, com sérias consequências em todas as áreas. Prejudica o trabalhador, que não consegue obter qualificação em um posto de trabalho, que precisa procurar outra ocupação, que fica sem renda, que perde tempo na contagem de tempo para a aposentadoria etc. Prejudica as empresas, obrigadas a iniciar uma relação com outro profissional, o que envolve tempo e treinamento e afeta a produtividade. Prejudica o governo, que precisa dispor de recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço e do Fundo de Amparo do Trabalhador, que, por mais que sejam recursos para beneficiar o trabalhador, são também usados em obras de infraestrutura urbana e programas de desenvolvimento econômico.

A rotatividade é um grande desafio para o país. Dar continuidade a estudos e a iniciativas que visem elucidar e solucionar este fenômeno é fundamental. A garantia do emprego e a melhora da qualidade dos postos, de forma a torná-los mais duradouros, deve ser um dos principais objetivos da política pública voltada para o mercado de trabalho. Combater a rotatividade dos empregos e todas as formas de flexibilização das relações de trabalho deve ser uma tarefa permanente na agenda da ação do Ministério do Trabalho e Previdência Social e um compromisso de honra de todos os gestores públicos.

*Márcio Alves Borges
Secretário de Políticas Públicas de Emprego*

Apresentação

A parceria entre o DIEESE e o Ministério do Trabalho e Previdência Social na investigação de temas relevantes do mundo do trabalho no Brasil remete há várias décadas. A partir de 2004, a cooperação tem visado ao desenvolvimento de políticas, ações e instrumentos para fortalecer o Sistema Públco de Emprego, Trabalho e Renda.

No âmbito dessa parceria, em 2007, deu-se início a um projeto intitulado *Desenvolvimento de Instrumentos e Atualização dos Indicadores de Apoio à Gestão de Políticas Públicas de Emprego, Trabalho e Renda*, uma cooperação entre o DIEESE e o Ministério (até então denominado Ministério do Trabalho e Emprego). Este projeto contemplou uma série de ações que visavam tanto à ampliação do alcance da participação democrática, por meio da produção de mecanismos para subsidiar o exercício da intervenção qualificada de atores sociais, representantes da sociedade nos conselhos de políticas públicas, quanto à produção de subsídios, processos e instrumentos para que os gestores atuassem de forma mais qualificada na condução das políticas públicas de emprego, trabalho e renda.

Foi no âmbito desta parceria que, em 2011, foi publicado o livro *Rotatividade e flexibilidade no mercado de trabalho*. O livro traz um resgate das discussões sobre as configurações do mercado de trabalho brasileiro e a questão da rotatividade e apresenta diversos indicadores que permitem uma caracterização da movimentação dos vínculos empregatícios no Brasil e o cálculo da taxa de rotatividade, utilizando dados da Relação Anual de Informações Sociais - Rais, registro administrativo do Ministério do Trabalho e Previdência Social.

Já em 2014, foi lançado o segundo livro elaborado pelo DIEESE e o MTPS, *Rotatividade e políticas públicas para o mercado de trabalho*, dando con-

tinuidade ao estudo do problema. O enfoque desta publicação foram os efeitos da rotatividade decorrente do elevado número de desligamentos imotivados, ou seja, aqueles que ocorrem por iniciativa do empregador, e a relação com o aumento dos gastos do Programa do Seguro-Desemprego e as contas do Fundo de Amparo ao Trabalhador. Este estudo elencou um conjunto de propostas para o enfrentamento do desafio de redução das taxas de rotatividade e o aprimoramento do Sistema de Políticas Públicas de Emprego.

Este livro atualiza os indicadores consolidados para o estudo da rotatividade e flexibilidade contratual no mercado de trabalho brasileiro, em continuidade com a linha de pesquisa desenvolvida anteriormente, e também abre novas frentes de investigação do fenômeno, analisando os aspectos da dinâmica regional e observando o comportamento da remuneração média dos empregos formais.

Esta publicação foi produzida pelo DIEESE para a Secretaria de Políticas Públicas de Emprego do MTPS, visando contribuir com o debate sobre este tema, tão caro ao desenvolvimento produtivo brasileiro. Contudo, as interpretações aqui contidas são de responsabilidade do DIEESE e podem não refletir exatamente o ponto de vista do Ministério.

Introdução

O mercado de trabalho no Brasil apresentou expressivo dinamismo na geração de empregos formais nos primeiros anos da década passada. De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais - MTPS), entre 2002 e 2014, 20 milhões de empregos formais foram criados, uma média de 1,8 milhão de postos por ano. O mercado de trabalho chegou a um estoque próximo de 50 milhões de empregos formais¹, ou seja, tanto com carteira assinada, os *celetistas*, quanto com vínculos estatutários no setor público.

Em que pese essa dinâmica virtuosa do mercado de trabalho brasileiro, no que diz respeito à geração de empregos, existe outra dinâmica notável. Considerando o dado mais recente disponível na época da realização deste estudo, em 2014, o mercado de trabalho adicionou cerca de 620 mil empregos em relação ao ano anterior. Este crescimento, entretanto, dependeu da movimentação de aproximadamente 28 milhões de vínculos, considerando as contratações e os desligamentos. O mercado de trabalho opera, constantemente, com a admissão e o desligamento de trabalhadores. Em momentos de expansão de emprego, a admissão supera os desligamentos, o que tem sido o caso dos últimos anos. E o contrário ocorre quando a economia está recessiva, com o desemprego aumentando.

No mercado de trabalho, caracterizado pela flexibilidade contratual, parte do movimento de admissões e desligamentos refere-se à reposição de trabalhadores necessários ao processo produtivo da economia. O volume de emprego necessário à reposição da força de trabalho, o menor montante entre

¹ Para contabilização do estoque anual de empregos formais, a Rais considera a referência de 31/12 de cada ano.

o volume de admitidos e desligados em um determinado período, é considerado como um indicador *proxy* da rotatividade.

Os dados das declarações da Rais não permitem classificar se a movimentação referente aos desligamentos e às contratações devem-se a mudanças que ocorrem em um mesmo posto de trabalho, mas permitem observar o fenômeno da rotação da força de trabalho de forma agregada. É por meio da elevada movimentação dos vínculos de empregos que os agentes econômicos operam anualmente, no mercado de trabalho brasileiro, o “ajuste da mão de obra” necessária ao processo produtivo.

Ocorrem desligamentos no mercado de trabalho por diversos motivos. Uma parte acontece devido a razões diretamente ligadas aos trabalhadores e outra deve-se a razões estritamente patronais. No primeiro grupo, o rompimento do contrato de trabalho pode ter origem na solicitação de um trabalhador que pede dispensa da empresa, dos que se aposentam ou ainda daqueles que falecem. Nesses casos, a eventual necessidade de contratação de um trabalhador em substituição ao que saiu independe da vontade dos empregadores. Os registros da Rais também consideram a transferência de um trabalhador para outra unidade da mesma empresa um tipo de desligamento, que é seguido de uma readmissão. Além desses motivos, existem os desligamentos resultantes das decisões das empresas, os chamados “desligamentos imotivados”, entre os quais a maioria é referente à “demissão sem justa causa”. Eis aí o objeto de estudo deste trabalho e dos que o antecederam²: observar, por meio da Rais, a dinâmica da contratação no mercado de trabalho, ou seja, a movimentação do total de vínculos (a taxa global de rotatividade) e os desligamentos, descontando os ocasionados por motivos que independem das decisões empresariais, entendendo as causas do desligamento como determinantes da rotatividade no mercado de trabalho.

A mensuração da taxa de rotatividade no mercado de trabalho brasileiro dá-se pela razão entre: a) o número mínimo entre admitidos e desligados no mesmo ano, como *proxy* do volume de substituições realizadas no mercado formal; e b) o estoque médio de empregos formais no ano de referência³. Assim é possível mensurar, em termos relativos, a magnitude desta rotação da mão de obra em relação ao volume de empregos total. São calculadas duas taxas, uma chamada de *global*, que envolve todos os tipos de desligamentos registrados

2 Ver DIEESE (2011) e DIEESE (2014).

3 Calculado pela média do estoque de empregos apurado pela Rais em 31/12 do ano de referência e do ano anterior. Ou seja, Estoque médio de empregos_t = [(Estoque de empregos em 31/12_t + Estoque de empregos em 31/12_{t-1})/2].

pela Rais, e uma chamada de *descontada*, ou seja, que deduz do montante dos desligamentos aqueles com motivação ligada diretamente ao trabalhador, os que ocorrem devido a aposentadoria e morte e também as transferências. Assim, é obtida uma aproximação da taxa de rotatividade cuja motivação reside nas decisões empresariais. Na medida em que a contratação do emprego no setor público obedece à regra própria, por meio de concurso público, e que os vínculos estatutários possuem estabilidade no emprego, o foco desse estudo recai sobre o segmento celetista do mercado de trabalho, que é o que está sujeito à flexibilidade contratual que caracteriza o mercado de trabalho brasileiro.

Em um mercado de trabalho que tem sido contratante, como é o caso do período que será objeto de análise deste livro, 2002 a 2014, o valor mímino entre admissões e desligamentos é sempre o de desligamentos. Portanto, a taxa de rotatividade descontada equivale à participação dos desligamentos imotivados em relação ao estoque médio de empregos.

Diversas são as razões que levam as empresas a romper volumes significativos de vínculos de emprego, com subsequente contratação. Uma delas decorre da própria atividade econômica, a depender da natureza do processo produtivo, uma vez que existem atividades que enfrentam sazonalidade, como é o caso da agricultura, ou cujo processo produtivo se dá em etapas, como é o caso das diversas fases de uma obra de construção civil, para além de contratações que são, por natureza, esporádicas. Ciclos econômicos também influenciam a rotatividade. Existem evidências de que o porte do estabelecimento também está associado à maior ou menor prática da rotatividade. Uma revisão bibliográfica acerca das causas da rotatividade pode ser encontrada em DIEESE (2011, p. 19-32). A literatura sobre o tema, bem como os dados apresentados no presente estudo, indica que os vínculos de emprego que estão mais sujeitos à instabilidade são, na maioria, ocupados por trabalhadores jovens, com baixa escolaridade e baixa remuneração média, sinalizando, portanto, vínculos mais precários de emprego, que, por sua vez, estão associados à uma facilidade maior de substituição.

Em suma, a premissa adotada por este estudo é de que a rotatividade no mercado de trabalho é um fenômeno complexo, com múltiplas causas, e não se pode pensar que exista uma forma única de enfrentamento desta questão e reestruturação desta dinâmica. Ademais, a elevada magnitude de admissões e desligamentos não permite corroborar a alegação de rigidez do mercado de trabalho no Brasil, feita por certos segmentos empresariais e correntes de economistas identificados com a corrente de pensamento *mainstream*.

Os impactos desta dinâmica de intensa movimentação dos vínculos afetam tanto as empresas quanto os trabalhadores, o governo, ou seja, a sociedade como um todo. No caso das empresas, a rotatividade pode afetar a estrutura de custos de seleção e treinamento de pessoal, a perda de “capital intelectual”, além de complexificar a gestão administrativa dos “recursos humanos”. Já os trabalhadores que vivem a situação de intermitência na condição de empregado/desempregado experimentam a insegurança e sofrem devido aos impactos que a rotatividade gera sobre suas condições de vida e de seus familiares, e tem prejudicada a qualidade da trajetória ocupacional e a definição da remuneração, tanto no presente como no futuro.

Do ponto de vista dos recursos públicos, a manutenção de uma alta participação dos desligamentos sem justa causa, um dos condicionantes de acesso ao benefício do seguro-desemprego, provoca impacto nas contas do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), o financiador do programa. O seguro-desemprego, como o abono salarial, constitui uma política passiva de emprego. O aumento do desembolso com este tipo de política afeta os recursos para as políticas ativas, como a intermediação de mão de obra e os programas de qualificação e reciclagem profissional, que poderiam contribuir para melhor estruturação do mercado de trabalho. Os desligamentos sem justa causa também dão ao trabalhador a possibilidade de resgate do saldo do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS. Embora, segundo critérios específicos, os recursos de ambos os fundos sejam próprios para utilização pela e para a classe trabalhadora, eles conformam, ou conformariam, uma fonte de recursos importantes - “*funding*” - para utilização em políticas públicas de caráter mais estruturante e de longo prazo, da economia nacional e do mercado de trabalho, conforme previsto nas definições constitucionais desses fundos.

E, por fim, a lógica que leva a esta dinâmica de alocação da força de trabalho impõe limites à capacidade produtiva da economia, na medida em que ela influi sobre o aumento sustentado da produtividade do sistema econômico. Ademais, a provisão dos recursos necessários para a rescisão contratual dos trabalhadores compõe a estrutura de custos das empresas, constituindo-se como um dos elementos da formação dos preços dos produtos e dos serviços, sendo, dessa forma, repassados para o conjunto da sociedade.

Os objetivos deste estudo são a atualização e o aprofundamento dos indicadores que têm sido trabalhados no âmbito dos convênios celebrados entre DIEESE e SPPE-MTPS, visando ampliar a compreensão acerca do fenômeno da rotatividade e flexibilidade no mercado de trabalho brasileiro. Apresenta um conjunto de indicadores baseados nas declarações da Rais, per-

mitindo tanto o cálculo da taxa de rotatividade no mercado de trabalho quanto a investigação acerca da própria caracterização dos vínculos de emprego e movimentação. Em outras palavras, são investigadas as dinâmicas de contratação e demissão como determinantes da rotatividade no mercado de trabalho, a partir das informações que a Rais permite analisar.

Entende-se que este conhecimento é de fundamental importância para os formuladores e gestores das políticas de emprego, posto que se reflete na demanda por políticas públicas de intermediação, seguro-desemprego e qualificação.

Assim, são contempladas: a) as análises acerca da própria natureza da movimentação do mercado de trabalho, como as causas dos desligamentos e o tempo de duração dos vínculos de emprego; b) as diferenças regionais da questão da rotação da força de trabalho; c) os atributos dos trabalhadores, procurando identificar quais segmentos estão mais suscetíveis ao impacto da rotatividade; d) as famílias ocupacionais que possuem maior participação no total dos desligamentos, análise particularmente importante na perspectiva da atuação das políticas públicas de emprego, trabalho e renda; e) a evolução da remuneração dos empregos celetistas, de modo que seja possível observar alguns dos impactos da rotatividade no mercado de trabalho; e) a questão da rotatividade na ótica das atividades econômicas; f) análise dos estabelecimentos que mais contribuem para a movimentação de mão de obra.

Capítulo 1

Rotatividade e flexibilidade do mercado de trabalho formal

O mercado de trabalho formal brasileiro¹, composto de contratos de trabalho celetistas e estatutários, terminou 2014 com um estoque de 49,6 milhões de empregos². Em relação a 2002, foram criados mais de 20 milhões de empregos, com um incremento médio anual de 1,8 milhões de postos (Tabela 1). Este resultado, entretanto, é fruto de forte movimentação contratual no período, conforme revelam os dados que são exibidos na Figura 1, p. 19.

Ao todo, ao longo do ano de 2014, o mercado de trabalho formal brasileiro registrou 76,1 milhões de vínculos de empregos, considerando os segmentos celetista e estatutário. Destes, 49,6 milhões estavam ativos em 31/12, data-base de declaração da Rais e referência para acompanhamento do desempenho do mercado de trabalho formal em termos de geração de empregos, e 26,5 milhões de vínculos haviam sido desligados ao longo do ano em análise.

Importante destacar que, anualmente, parte destes vínculos de emprego é resultante de exercícios anteriores ao ano de referência em análise. Em 2014, dos 49,6 milhões de vínculos ativos, 33,3 milhões (67,2%) haviam sido celebrados em 2013 ou antes, portanto, 16,2 milhões foram celebrados no decorrer de 2014. Ou seja, do total do estoque de empregos formais no final de

¹ O segmento formal do mercado de trabalho, composto pelos contratos de trabalho celetistas e estatutários, representa parte da ocupação no país. Outras formas de ocupação incluem os trabalhadores assalariados sem carteira assinada, os trabalhadores por conta própria, os empregadores, os trabalhadores na produção para o próprio consumo, entre outros. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Pnad-IBGE), a participação da população ocupada que tinha carteira assinada, era militar ou funcionário público estatutário era de 46,6% dos ocupados com mais de 14 anos, em 2014.

² Na nomenclatura da Rais, um vínculo corresponde a um contrato de trabalho, que corresponde a um emprego. Observe que isso não corresponde ao número de trabalhadores, posto que um trabalhador pode ter mais de um contrato de trabalho, ter mais de um vínculo ativo simultaneamente, prerrogativa existente para algumas categorias de profissionais, principalmente aqueles ligados aos segmentos de educação e saúde, bem como na situação em que um mesmo trabalhador celebra e rompe vínculos empregatícios durante o ano.

2014, aproximadamente um terço não chegava a ter um ano completo de duração do vínculo³.

TABELA 1
Evolução do número de vínculos formais
(celetistas e estatutários) de emprego, por grupo
Brasil - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)	
2002	12.243.952	5.345.251	28.683.913	8.565.740	40.927.865	13.910.991
2003	12.424.235	5.249.967	29.544.927	8.656.817	41.969.162	13.906.784
2004	13.276.334	5.962.363	31.407.576	9.602.127	44.683.910	15.564.490
2005	14.418.482	6.426.072	33.238.617	10.565.719	47.657.099	16.991.791
2006	15.545.778	6.773.683	35.155.249	11.025.108	50.701.027	17.798.791
2007	17.041.703	7.513.832	37.607.430	12.399.988	54.649.133	19.913.820
2008	20.264.853	9.276.267	39.441.566	13.301.140	59.706.419	22.577.407
2009	19.919.350	8.555.296	41.207.546	13.868.758	61.126.896	22.424.054
2010	22.678.947	10.635.886	44.068.355	15.350.879	66.747.302	25.986.765
2011	24.660.494	11.324.340	46.310.631	16.277.359	70.971.125	27.601.699
2012	25.867.773	11.692.342	47.458.712	16.191.224	73.326.485	27.883.566
2013	26.452.077	11.984.118	48.948.433	17.071.297	75.400.510	29.055.415
2014	26.535.769	11.597.129	49.571.510	16.246.063	76.107.279	27.843.192

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

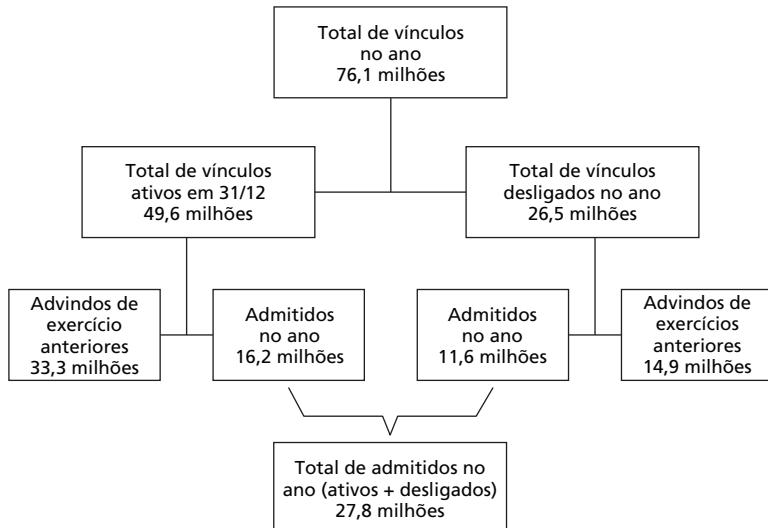
Da mesma forma, parte dos vínculos desligados durante o ano também é oriunda de exercícios anteriores; parte havia sido celebrada dentro do ano em análise - situação em que o vínculo é admitido e desligado no mesmo ano. Em 2014, os dados da Rais mostram que, do total de 26,5 milhões de desligamentos, pouco mais da metade havia sido celebrada em exercícios anteriores a 2013 (56,3%). Parte expressiva dos desligamentos (43,7%) era de vínc-

³ Importante ressaltar que estes novos vínculos de emprego podem ser celebrados a título de primeiro emprego formal do trabalhador, por transferência do trabalhador de um estabelecimento para outro da mesma empresa e, principalmente, por reemprego, que é a situação do trabalhador que possui experiência anterior no mesmo setor/função ou não.

culos de emprego celebrados no próprio ano de 2014, portanto, com duração inferior a um ano.

FIGURA 1

**Número de vínculos de empregos formais
(celetistas e estatutários) no ano, por grupos
Brasil - 2014**



Fonte: MTPS. Ráis

Elaboração: DIEESE

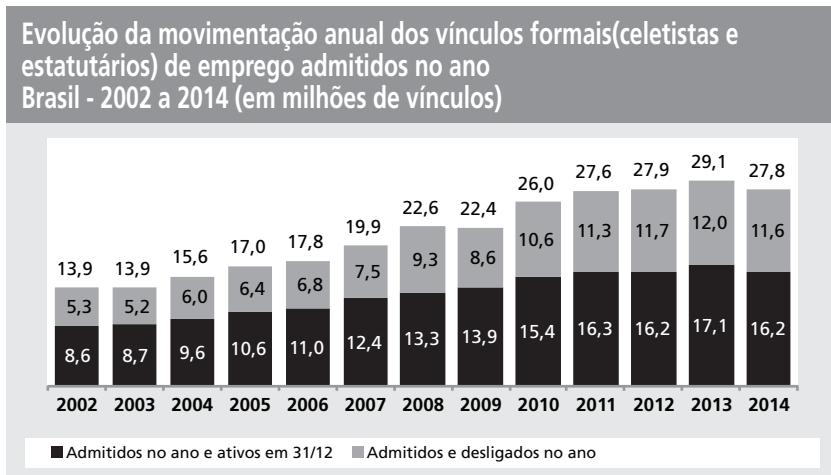
Esta significativa movimentação dos contratos de trabalho decorre de uma grande flexibilidade contratual, dado que, anualmente, há elevado número de admissões e desligamentos. Tendo por base 2014, das 27,8 milhões de admissões realizadas no decorrer do ano, 11,6 milhões de vínculos foram desligados durante o ano e não permaneceram ativos no estoque em 31/12 (Tabela 1, p. 18, e Gráfico 1, p. 20). Cabe destacar que, ainda que as admissões anuais tenham tido elevada magnitude, 2014 apresentou ligeira redução das contratações em relação ao ano anterior, o que só havia acontecido em 2009, quando o mercado de trabalho brasileiro repercutia os impactos da crise internacional.

De modo geral, no decorrer da série analisada, verifica-se que o total de admissões no ano, bem como o de desligamentos, apresenta ritmo de crescimento mais intenso do que o total do estoque de empregos ao final de cada ano. Entre 2002 e 2014, enquanto o estoque de empregos acumulou alta de

Rotatividade no mercado de trabalho brasileiro

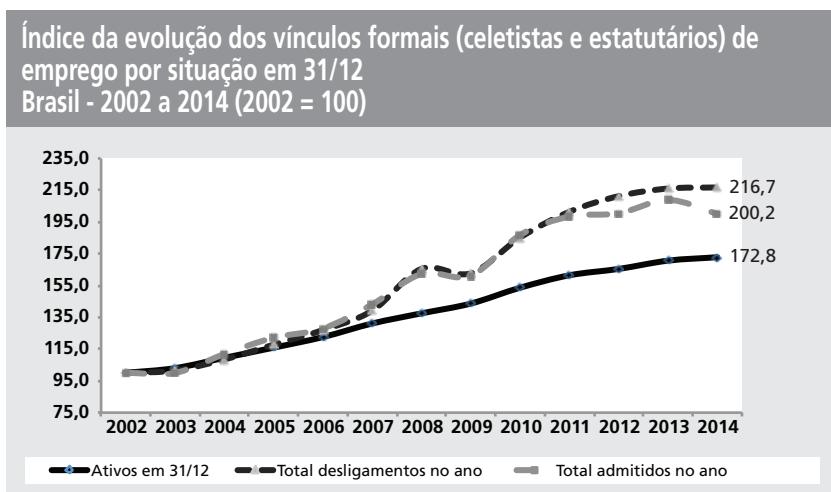
72,8%, as admissões no ano aumentaram 100,2%, e os desligamentos, 116,7% (Gráfico 2).

GRÁFICO 1



Fonte: MTPS, Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 2



Fonte: MTPS, Rais
Elaboração: DIEESE

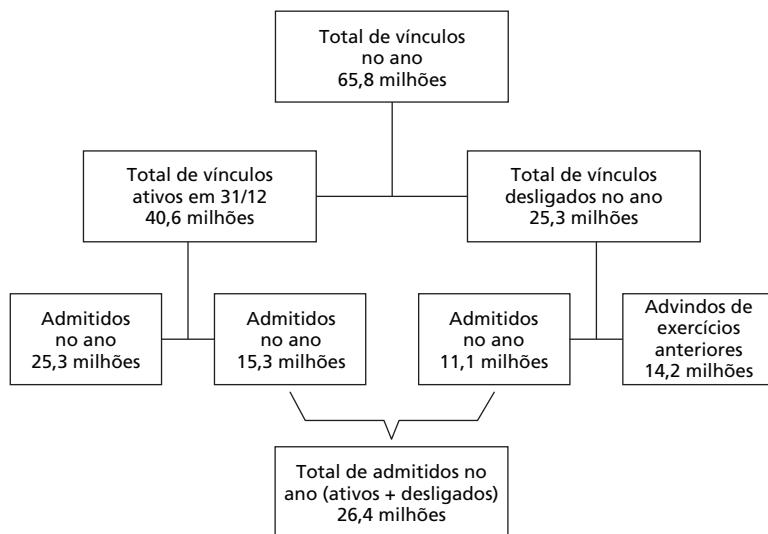
O segmento celetista do mercado de trabalho formal responde por pouco mais de 80% do mercado de trabalho formal brasileiro⁴. Em 2014, estavam ativos, em 31/12, 40,6 milhões de vínculos celetistas, o que responde a 81,8% do total do emprego formal - o percentual restante corresponde aos vínculos estatutários. O emprego no setor público possui dois aspectos particulares: a admissão se dá por meio de concursos públicos e; para a demissão ou o desligamento, existem restrições legais e/ou estatutárias, o que faz com que os postos de trabalho sejam mais estáveis ao longo do tempo. Por essa razão, quando o objeto de estudo é a movimentação dos vínculos no mercado de trabalho formal, as motivações e implicações dos desligamentos, é preciso analisar detalhadamente o desempenho do segmento celetista, pois é onde se realiza a movimentação contratual, principalmente por meio de decisões patronais de empresas privadas, com destaque para a demissão sem justa causa, ainda que o setor público também se utilize de contratações pela CLT. Em outras palavras, o segmento celetista é o que está sujeito à flexibilidade contratual que caracteriza o mercado de trabalho brasileiro.

No segmento celetista do mercado de trabalho formal, foram registrados, em 2014, um total de 65,8 milhões de vínculos contratuais de emprego, dos quais 40,6 milhões permaneciam ativos ao final do ano, compondo o estoque final da Rais de 2014. Outros 25,3 milhões de vínculos encontravam-se inativos, pois foram desligados durante o ano (Figura 2, p. 22). Em outras palavras, para cada 100 vínculos que permaneceram ativos no final de 2014, mais de 60 foram rompidos durante o mesmo ano.

Como mais um indicativo da forte movimentação da força de trabalho, observa-se que parte significativa desses vínculos foram estabelecidos - e muitos deles foram estabelecidos e também rompidos - dentro do mesmo ano em análise. Assim, considerando o universo dos 40,6 milhões de vínculos celetistas que representavam o estoque da Rais, em 2014, 37,7% referiam-se a contratos que foram realizados dentro do mesmo ano. Entre os desligados, esse percentual é ainda maior, na ordem de 43,9%. Disso depreende-se que um volume considerável dos vínculos de emprego não permanece um ano completo no vínculo.

Os dados das declarações da Rais, em 2014, mostram também que, no mercado de trabalho celetista, foram realizadas 26,4 milhões de admissões durante o ano, de um total de 65,8 milhões de vínculos no ano, ou 40,1% (Tabela 2, p. 23). Das admissões realizadas no ano, 15,3 milhões vínculos ainda estavam ativos em 31/12, enquanto 11,1 milhões haviam sido desligados durante o decorrer do ano (Tabela 2 e Gráfico 3, p. 24).

⁴ Neste estudo, os vínculos estatutários não efetivos são classificados como celetistas.

FIGURA 2
**Número de vínculos de empregos celetistas no ano, por grupos
Brasil - 2014**


Fonte: MTPS. Rais
Elaboração: DIEESE

O incremento do emprego celetista tem sido mais acentuado do que o do total do mercado de trabalho (ou seja, incluindo estatutários). O estoque de empregos, avaliados em 31/12, do mercado celetista foi 81,7% maior em 2014, em relação a 2002, contra os 72,8% do total do mercado de trabalho apresentados anteriormente. Verifica-se elevação da movimentação contratual no período analisado, com as admissões crescendo 101,2% no período e os desligamentos, 115,1%. Nota-se que, nos anos finais da série analisada, a evolução dos desligamentos tem se dado em ritmos mais elevados do que as admissões, que inclusive se reduziram no último ano, embora ainda se apresentem em patamar bastante elevado (Gráfico 3, p. 24).

Os dados analisados até aqui, a partir das declarações anuais da Rais, já indicam, portanto, elevada movimentação no mercado de trabalho formal, com um volume considerável de admissões e desligamentos no decorrer de cada ano. A partir destes dados, é possível, então, calcular a taxa de rotatividade do mercado de trabalho brasileiro.

Como discutido em DIEESE (2011, p. 79-88), os critérios aqui utilizados para mensuração da taxa de rotatividade no mercado de trabalho brasileiro dão-se pela razão entre: a) o número mínimo entre admitidos e desligados

no mesmo ano⁵, como *proxy* do volume de substituições realizadas no mercado formal⁶; e b) o estoque médio de empregos formais no ano de referência⁷. Assim, é possível mensurar, em termos relativos, a magnitude desta rotação da mão de obra, comparativamente ao volume de empregos total, aqui denominado de taxa de rotatividade global.

TABELA 2
Evolução do número de vínculos celetistas de emprego, por grupo
Brasil - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2002	11.753.450	5.164.235	22.321.414	7.943.330	34.074.864	13.107.565
2003	11.858.309	5.032.811	22.980.911	7.971.636	34.839.220	13.004.447
2004	12.585.873	5.692.772	24.695.574	9.054.131	37.281.447	14.746.903
2005	13.797.057	6.105.077	26.169.651	9.641.362	39.966.708	15.746.439
2006	14.801.352	6.496.457	27.704.644	10.202.163	42.505.996	16.698.620
2007	16.287.077	7.216.752	29.778.490	11.515.253	46.065.567	18.732.005
2008	19.213.533	8.858.914	31.476.694	12.486.170	50.690.227	21.345.084
2009	18.934.480	8.089.473	32.899.568	12.756.080	51.834.048	20.845.553
2010	21.669.277	10.201.476	35.489.945	14.513.661	57.159.222	24.715.137
2011	23.575.117	10.879.871	37.605.894	15.284.539	61.181.011	26.164.410
2012	24.489.380	11.155.875	38.906.771	15.311.673	63.396.151	26.467.548
2013	25.144.508	11.336.350	39.981.813	15.755.515	65.126.321	27.091.865
2014	25.280.077	11.089.998	40.562.383	15.283.081	65.842.460	26.373.079

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

5 Importante ressaltar que, conforme visto anteriormente, parte dos vínculos desligados foi, inclusive, admitida dentro do próprio ano, sendo, portanto, um vínculo de emprego com menos de 12 meses completos de duração. Mais detalhes sobre os desligamentos por tempo de permanência no emprego serão dados na seção seguinte.

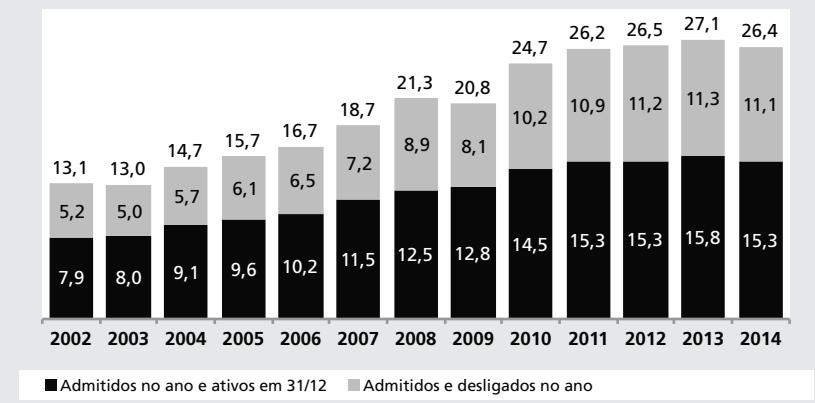
6 É evidente que, em um contexto de expansão do emprego formal, como foi o período aqui em análise, as admissões em cada ano superaram os desligamentos, apresentando, portanto, saldos positivos de emprego em cada ano analisado.

7 Calculado pela média do estoque de empregos apurado pela Rais em 31/12 do ano de referência e do ano anterior. Ou seja, estoque médio de empregos_t = [(Estoque de empregos em 31/12_t + Estoque de empregos em 31/12_{t-1})/2]

Rotatividade no mercado de trabalho brasileiro

GRÁFICO 3

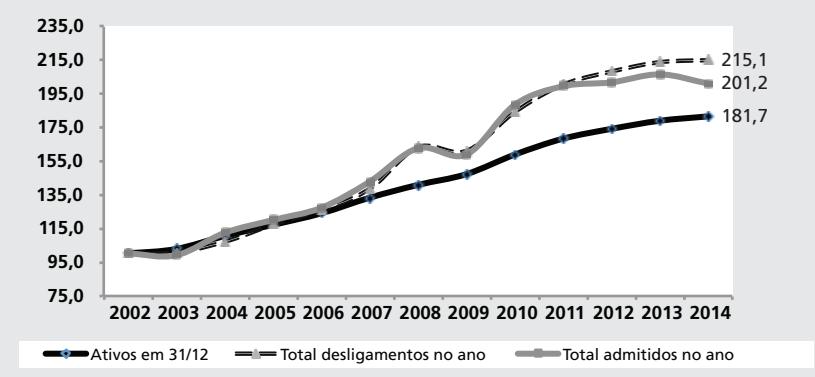
Evolução da movimentação anual dos vínculos celetistas admitidos no ano
Brasil - 2002 a 2014 (em milhões de vínculos)



Fonte: MTPS. Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 4

Índice da evolução dos vínculos celetistas de emprego por situação em 31/12
Brasil - 2002 a 2014 (2002 = 100)



Fonte: MTPS. Rais
Elaboração: DIEESE

Ademais, é importante marcar a distinção entre as causas de rompimento dos vínculos de emprego. Uma delas responde aos desligamentos cuja motivação são as decisões empresariais, entre as quais a demissão sem justa causa e os términos de contrato de trabalho são os mais frequentes⁸. A outra refere-se aos demais motivos de desligamentos, dos quais parte significativa refere-se aos desligamentos a pedido do trabalhador, a transferências⁹, aposentadorias e falecimentos dos trabalhadores. Assim, é apresentada ainda a taxa de rotatividade denominada de *descontada*, ou seja, aquela que subtrai do total dos desligamentos aqueles cuja motivação está ligada ao trabalhador (a pedido, por morte e aposentadoria) e as transferências, buscando uma aproximação da taxa de rotatividade com motivação nas decisões empresariais¹⁰.

A partir dessas considerações, nota-se que a taxa de rotatividade global do mercado de trabalho formal brasileiro (celetistas e estatutários) foi de 53,9%, em 2014. Por sua vez, a taxa descontada foi de 37,1% nesse mesmo ano. Como destacado nas publicações anteriores¹¹, a trajetória da taxa de rotatividade, tanto a global como a descontada, tem apresentado crescimento em momentos de desempenho positivo do mercado de trabalho, com uma demarcada mudança de patamar a partir de 2010. Vale destacar ainda que a taxa de rotatividade global apresentou crescimento ligeiramente mais intenso do que a rotatividade descontada (Gráfico 5). Contribui para explicação das distintas ênfases das trajetórias da taxa de rotatividade global e a taxa de rotatividade descontada o comportamento dos desligamentos a pedido do trabalhador, que será detalhado na seção a seguir.

Por sua vez, considerando apenas o mercado de trabalho celetista, a taxa de rotatividade global chegou a 62,8%, em 2014, e a descontada, após a exclusão dos motivos ligados aos trabalhadores, foi de 43,1% no mesmo ano. Nota-se que tais percentuais, relativos ao segmento do mercado de trabalho celetista, são significativamente superiores àqueles verificados para a totalidade do mercado de trabalho formal, que incluem também os vínculos estatutários, que têm a característica da estabilidade no emprego.

Após um pequeno arrefecimento, em 2009, da taxa global e da descontada, em função dos efeitos da crise internacional, a rotatividade voltou a

⁸ Uma análise mais pormenorizada sobre a movimentação no mercado de trabalho celetista segundo motivos de desligamentos será empreendida na próxima seção do texto.

⁹ As transferências são um tipo de desligamento que é seguido de uma readmissão por transferência, em outro estabelecimento da mesma empresa, ou outra empresa do mesmo grupo. Pode ser do tipo com ou sem ônus das obrigações trabalhistas para aquela que “cede” o empregado. Neste estudo, tanto uma como outra serão tratadas somente como “Transferências”, por ser indiferente para o objeto em análise.

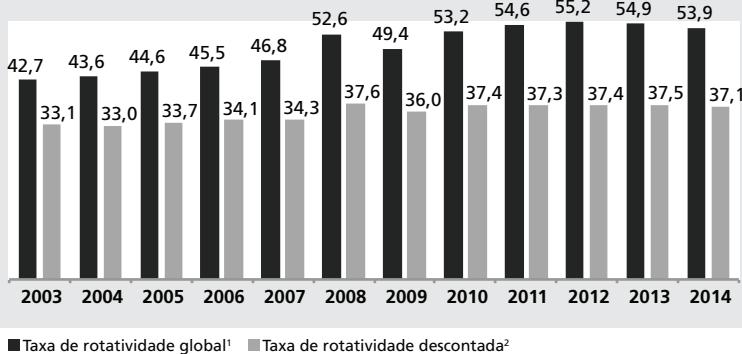
¹⁰ Contudo, como ressaltado em DIEESE (2011, p. 13), “a caracterização [dos desligamentos a pedido do trabalhador] como realizados com base em motivos ligados diretamente ao trabalhador merece relativização, já que para uma parte delas pode ter contribuído a ação patronal. [...] Mesmo no caso da demissão a pedido do trabalhador, em muitos casos, concorrem a opressão causada por diferentes tipos de assédios praticados no mercado de trabalho”.

¹¹ Ver DIEESE (2011, p. 88-90; 2014, p. 37-39).

subir. Desde 2010, a taxa global tem ficado em aproximadamente 64%, enquanto a descontada, está próxima de 43% (Gráfico 6).

GRÁFICO 5

Taxas de rotatividade no mercado de trabalho formal (celetistas e estatutários) Brasil - 2003-2014 (em %)



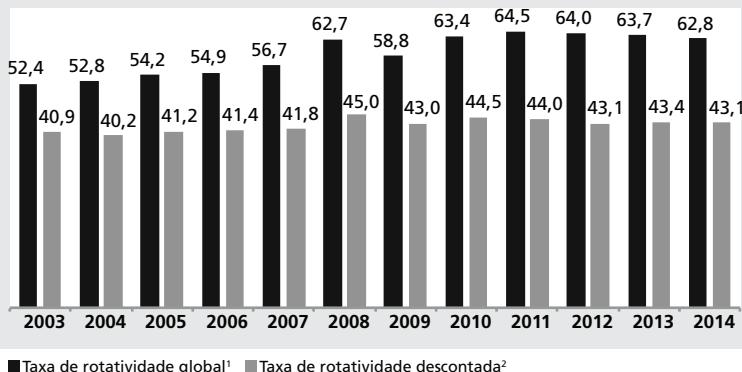
Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Considera todos os motivos de desligamentos; (2) Exclui os desligamentos por falecimento, aposentadoria, transferência e demissão a pedido do trabalhador

GRÁFICO 6

Taxas de rotatividade no segmento celetista do mercado de trabalho Brasil - 2003-2014 (em %)



Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Considera todos os motivos de desligamentos; (2) Exclui os desligamentos por falecimento, aposentadoria, transferência e demissão a pedido do trabalhador

Justamente por considerar as particularidades envolvidas na questão da estabilidade dos vínculos estatutários é que o estudo dedica-se a analisar, daqui em diante, as características de movimentação dos empregos no segmento celetista do mercado de trabalho brasileiro.

1.1 A FLEXIBILIDADE CONTRATUAL NO SEGMENTO CELETISTA DO MERCADO DE TRABALHO

1.1.1 Motivos dos desligamentos

Como visto anteriormente, o mercado de trabalho brasileiro é marcado por um montante considerável de vínculos de emprego que são rompidos em cada ano, em particular no segmento celetista, onde não há estabilidade e os trabalhadores estão sujeitos, portanto, a desligamentos involuntários, motivados por decisões gerenciais dos empregadores. É exatamente esta dinâmica que predomina quantitativamente no mercado de trabalho brasileiro, ou seja, os encerramentos de contratos de trabalho por decisão tipicamente patronal¹². A demissão por iniciativa do empregador, sem justa causa, é a responsável pelo maior volume de desligamentos, chegando a 48,7%, em 2014. Ainda assim, é importante apontar a significativa redução de participação neste motivo na totalidade dos desligamentos, que partiram de 56,0% no começo da série analisada, em 2002. Simultaneamente, os desligamentos a pedido do trabalhador ganharam espaço, passando de 15,6% para 24,3% no mesmo período, ultrapassando os desligamentos por término de contrato, que apresentam uma participação mais estável, porém com leve tendência de redução, passando de uma média de cerca de 20,0% nos primeiros anos analisados e chegando a 18,1% nos anos finais. Os desligamentos ocorridos por outros motivos não somam nem 10,0% do total, mas, entre eles, as transferências possuem o maior peso (6,7%, em 2014) - Gráfico 7. Em que pese esta tendência de alteração estrutural verificada para a última década, os dois últimos anos analisados sinalizam pequena reversão na tendência.

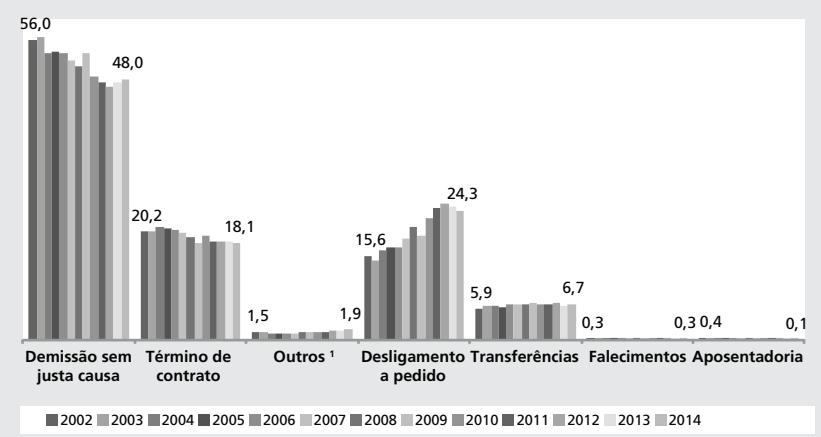
Entre os fatores que podem explicar o aumento de participação dos desligamentos a pedido do trabalhador, pode-se considerar a importância da dinâmica positiva da conjuntura econômica que animou o mercado de trabalho no período analisado, oferecendo alternativas aos trabalhadores na busca por melhores postos de trabalho. No período analisado, observou-se a redução da taxa e do tempo de desemprego, o aumento do salário real médio dos tra-

¹² As decisões tipicamente patronais dizem respeito principalmente às demissões sem justa causa, com justa causa e término de contrato. Entre os demais motivos de desligamento existem aqueles tipicamente vinculados aos trabalhadores, como os pedidos de desligamentos, falecimento, aposentadorias, bem como as transferências, quando o trabalhador é desvinculado de um estabelecimento da empresa para ser readmitido em outro.

balhadores, entre outros fatores positivos que permitiram, a uma parcela dos trabalhadores, maior mobilidade na busca dos postos de trabalho. É importante ressaltar que o trabalhador que toma a iniciativa pela rescisão do contrato não pode acessar os depósitos feitos no Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS)¹³ e também não tem direito às verbas rescisórias do FGTS de 40% do montante depositado no período nem acesso ao seguro-desemprego.

GRÁFICO 7

**Distribuição dos desligamentos celetistas no ano por causas
Brasil - 2002 a 2014 (em %)**



Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Na categoria "Outros" estão inclusos os desligamentos por rescisão de contrato de trabalho por justa causa e iniciativa do empregador ou demissão de servidor, Rescisão com justa causa por iniciativa do empregado (rescisão indireta), Posse em outro cargo inacumulável (específico para servidor público), Readaptação (específico para servidor público), Cessão, Redistribuição (específico para servidor público), Mudança de regime trabalhista e Reforma de militar para a reserva remunerada

O acesso a esses fundos é vedado ao trabalhador que voluntariamente rompe o contrato de trabalho. A condição principal para acessá-los é que o desligamento ocorra por iniciativa do empregador, e ainda, desde que seja “sem justa causa”.

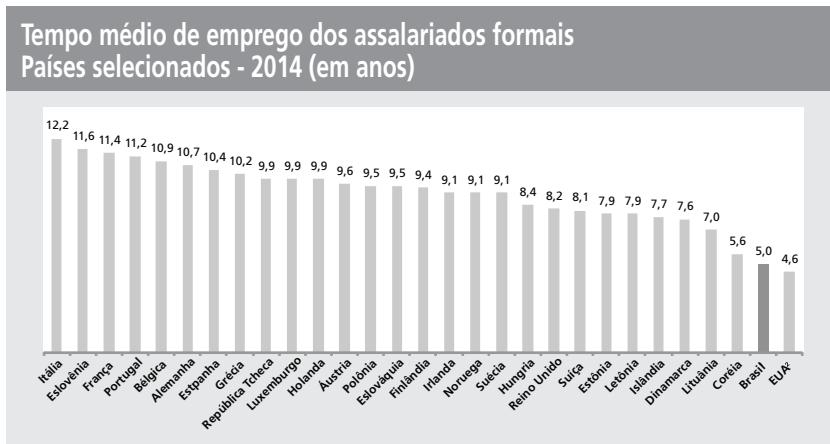
13 Exceto pelas razões permitidas legalmente, como para financiamento da casa própria, por exemplo, ou quando o trabalhador fica desempregado por mais de três anos.

1.1.2 Tempo de permanência no emprego

O tempo médio de duração de um vínculo de trabalho no segmento formal no Brasil era de 5,0 anos em 2014¹⁴. É um dos países com menor tempo médio de emprego, como pode ser visto no Gráfico 8. O resultado verificado para o Brasil é superior somente ao dos Estados Unidos, onde é de apenas 4,6 anos. O mercado de trabalho estadunidense é, reconhecidamente, na literatura especializada, um dos mais flexíveis do mundo.

Já a análise dos vínculos de emprego desligados ao longo do ano mostra uma prevalência dos contratos de trabalho de curta duração, fato já antecipado anteriormente na medida em que foi visto que um montante considerável dos vínculos rompidos em cada ano havia sido também celebrado no mesmo ano. Assim, entre 2002 e 2014, cerca de 45% dos desligamentos aconteceram com menos de seis meses de vigência do contrato de trabalho e cerca de 65% sequer atingiram um ano completo (Gráfico 9). O aspecto mais marcante a respeito disso é a prevalência de desligamentos do emprego com menos de três meses completos, com 30,2% dos desligamentos em 2013, que compreende o período de experiência no emprego. Esses desligamentos serão analisados mais pormenorizadamente mais adiante.

GRÁFICO 8

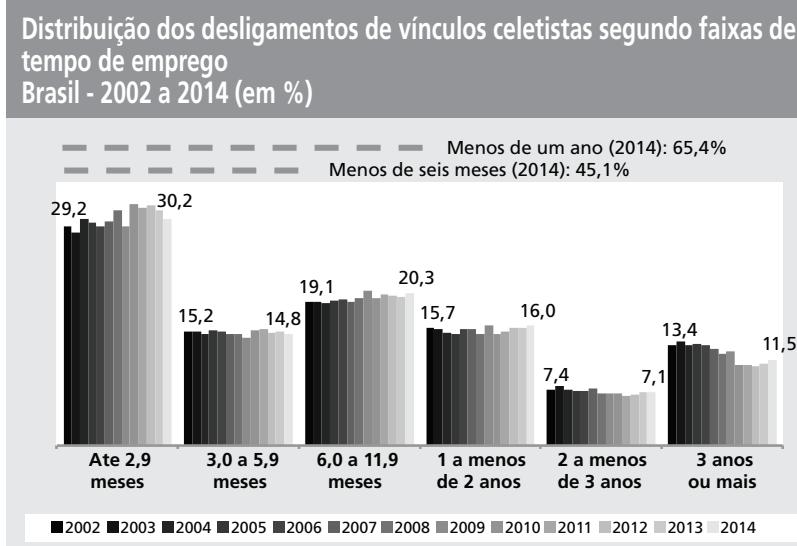


Fonte: OCDE Stats; MTPS. Rais; Bureau of Labor Statistics

Nota: (1) Os dados do Brasil referem-se a todos os vínculos ativos (estatutários e celetistas) da Rais; (2) O dado dos EUA é o tempo mediano, não médio

14 Conforme a nota explicativa do Gráfico 8, que expõe o dado em questão, trata-se do tempo médio de permanência no emprego do conjunto dos vínculos ativos formais em 31/12, pela Rais. Para o total do segmento celetista, esse tempo de permanência é ainda menor, de 3,6 anos, pois não é influenciado pelos vínculos estatutários de longa duração, para os quais existe a prerrogativa de estabilidade no emprego.

GRÁFICO 9



Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Obs.: Total exclui os ignorados

1.1.3 Os desligamentos com até três meses de duração

Como visto na seção anterior, o percentual de desligamentos de vínculos com até três meses é bastante relevante: alcança 30,2% dos desligamentos ocorridos em 2014, um montante de 7,6 milhões de vínculos desligados. Segundo prevê a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), os primeiros 90 dias de trabalho são regidos por um contrato de experiência, o que caracteriza, a rigor, um vínculo com contrato de prazo determinado. Após este período, o contrato passa automaticamente para prazo indeterminado¹⁵.

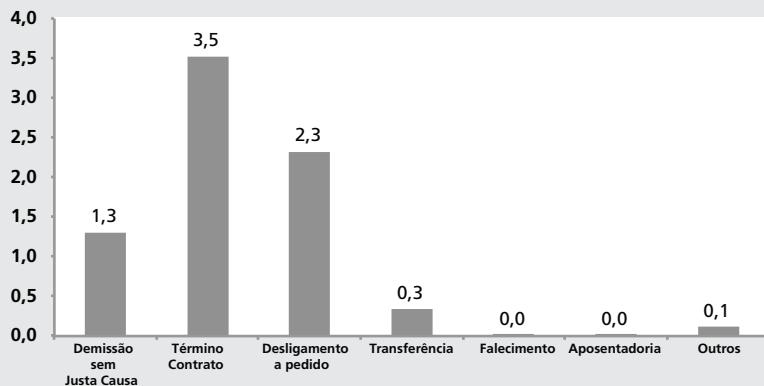
Portanto, ainda que não haja discriminação da informação do contrato de experiência na declaração da Rais, considerando o regulamento da legislação pertinente, os desligamentos ocorridos até três meses dos vínculos celetistas de prazo indeterminado são os referentes aos contratos de experiência e deveriam ter como tipo de desligamento “término de contrato”. Do total de vínculos com até três meses desligados no mercado celetista, em 2014, 46,4% correspondem a término de contrato e equivalem a 3,5 milhões. Foi a causa predominante dos desligamentos dos vínculos com menos de três meses de duração. Contudo, verifica-se ainda o percentual de 17,1% por demissão sem justa causa, o que represen-

¹⁵ Com exceção dos contratos de trabalho que já são celebrados, em princípio, por prazo determinado, não possuindo então um prazo para experiência.

ta 1,3 milhão de vínculos. Portanto, em conjunto, esses desligamentos por iniciativa do empregador somaram quase 5,0 milhões dos desligamentos ocorridos com até três meses - 63,4% do total (Gráfico 10 e Gráfico 11).

GRÁFICO 10

**Distribuição dos desligamentos celetistas com menos de três meses de tempo de permanência no emprego, por tipo de desligamento
Brasil - 2014 (em milhões de vínculos)**

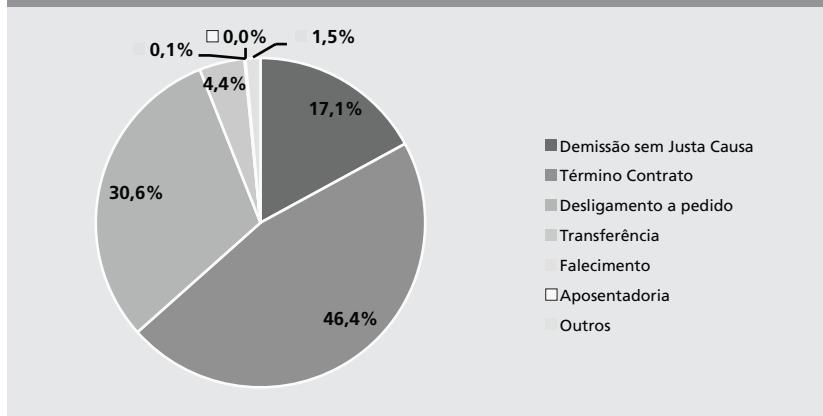


Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 11

**Distribuição dos desligamentos celetistas com até menos de três meses de tempo de permanência no emprego, por tipo de desligamento
Brasil - 2014 (em %)**



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

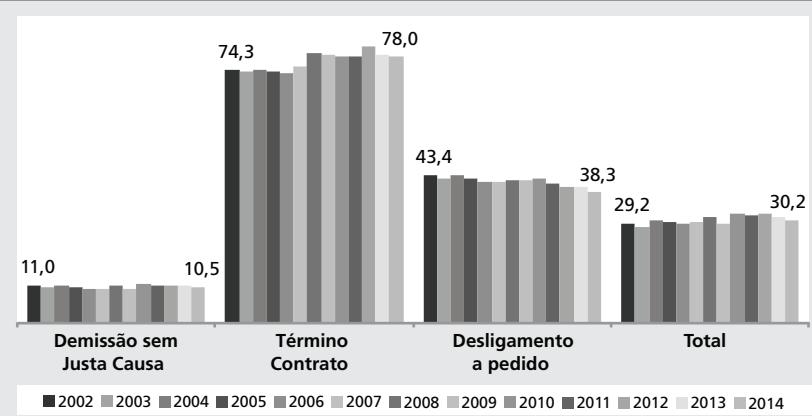
Destaca-se ainda a participação dos desligamentos a pedido do trabalhador, com menos de três meses no emprego. Em 2014, eles foram responsáveis por 30,6% dos desligamentos ocorridos com este tempo de permanência, acima, portanto, da participação média deste tipo de desligamento, de 25,0%, como visto anteriormente.

Ao longo dos anos analisados, a participação dos términos de contrato nos desligamentos com até três meses de emprego reduziu-se ligeiramente, partindo de 50,9%, em 2002, e chegando aos 46,4% em 2014. Já os desligamentos sem justa causa por iniciativa do empregador e a pedido do empregado apresentaram a mesma tendência geral, de redução, no primeiro caso, e ampliação, no segundo (Tabela 1 do Anexo, p. 119).

Observando a mesma questão sob outra ótica, que considera a participação dos vínculos desligados com menos de três meses no total de cada tipo de desligamento, verifica-se que eles representavam 78,0% dos vínculos rompidos por término de contrato, em 2014. Já entre o total dos desligamentos no mesmo período, os vínculos com menos de três meses representavam 30,2%. Ao longo dos anos, verifica-se leve aumento da participação dos desligamentos com menos de três meses no total dos términos de contrato, na mesma magnitude em que se percebe redução nos desligamentos a pedido do trabalhador - em torno de 4 p.p. (Gráfico 12).

GRÁFICO 12

**Participação dos contratos de experiência (menos de três meses) nos motivos de desligamentos selecionados
Brasil - 2002 a 2014 (em %)**



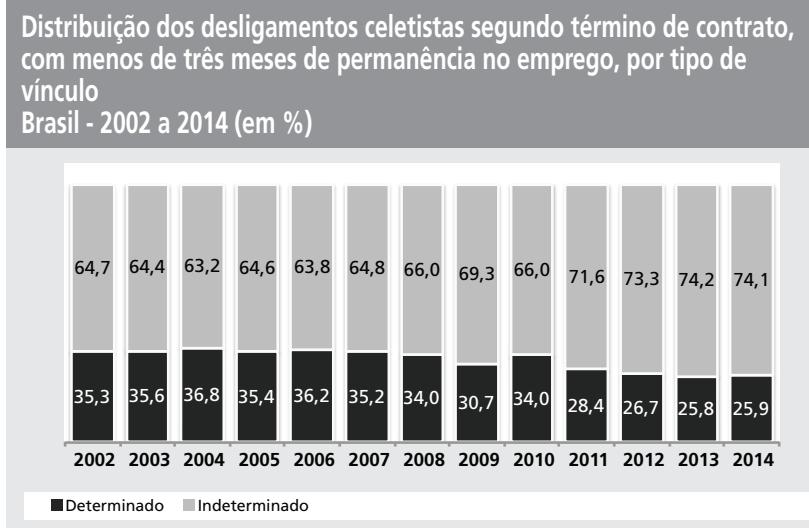
Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Obs.: Total inclui os outros tipos de desligamento e não inclui as faixas de tempo de emprego ignoradas

Por fim, complementando o panorama acerca da caracterização do grau de flexibilidade contratual no mercado de trabalho celetista, quanto aos desligamentos de vínculos com até três meses, cumpre analisar os contratos de trabalho por prazo determinado e/ou contratos temporários. Verifica-se que, entre os vínculos rompidos por término de contrato com menos de três meses, aqueles caracterizados como vínculos de trabalho por prazo determinado representavam 25,9%, em 2014. Além de ter uma participação reduzida nesses tipos de desligamentos, esta categoria vem se reduzindo ao longo do tempo e perdeu quase 10 p.p. de participação desde o começo da série, em 2002 (Gráfico 13).

GRÁFICO 13



Fonte: MTPS. Rais

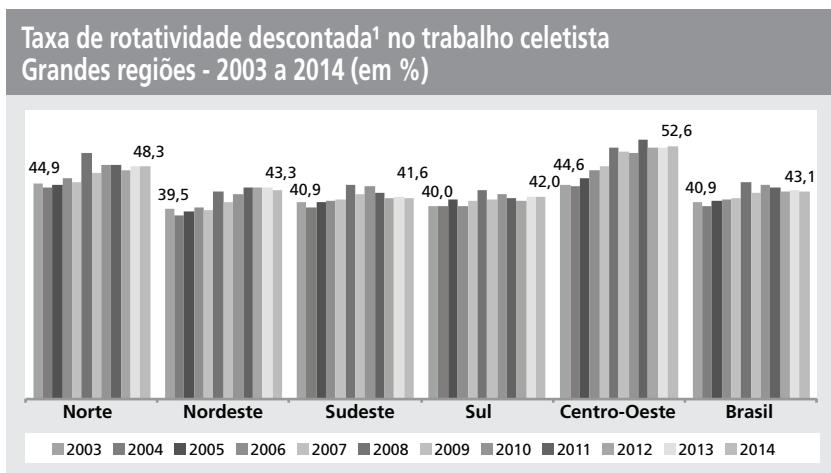
Elaboração: DIEESE

Os dados analisados corroboram a elevada flexibilidade contratual no mercado de trabalho formal brasileiro, em especial com o uso da prerrogativa do contrato de experiência. Tendo em vista a possibilidade de desligar o trabalhador com menos de três meses, sem algumas obrigações trabalhistas, como o aviso prévio e a multa do FGTS, por exemplo, celebrar um contrato de trabalho por prazo determinado ou indeterminado, com esta duração é, na prática, indiferente em termos de custo de demissão.

1.2 A ROTATIVIDADE NO MERCADO CELETISTA SEGUNDO GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Centro-Oeste, Norte e Nordeste apresentaram taxas de rotatividade descontadas superiores à média nacional em 2014 (43,1%) e, nas duas primeiras regiões, a taxa ficou em 52,6% e 48,3%, respectivamente. No Nordeste o percentual foi próximo à média nacional (43,3%). No mesmo ano, Sul e Sudeste apresentaram taxa de rotatividade descontada próxima de 42% (Gráfico 14).

GRÁFICO 14



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Exclui os desligamentos por falecimento, aposentadoria, transferência e demissão a pedido do trabalhador

As taxas de rotatividade observadas em cada região seguem aproximadamente a mesma tendência nacional, com o registro de elevação menos pronunciada entre 2003 e 2007, um pico em 2008, e uma relativa estagnação a partir deste ano, em patamares superiores aos verificados no início do período em análise. Aquelas regiões que, em 2014, foram responsáveis pelas maiores taxas de rotatividade também são as que registraram o maior aumento em suas taxas no período analisado. Isso ocorreu em especial na região Centro-Oeste, que saiu de um patamar de 44,6%, em 2003, chegando aos 52,6% de 2014. A região Norte, que passou de uma taxa de rotatividade descontada de 44,9% para 48,3%, tem a maior amplitude em relação ao pico verificado em 2008, quando a taxa alcançou 51,1%. Já o Nordeste, que inicia o período em análise com a menor taxa de rotatividade (39,5%, em 2003), alcançou o terceiro maior patamar no final do período, com 43,3%, aproximando-se da

média nacional de 43,1%. Por fim, as regiões Sudeste e Sul apresentaram as menores taxas, de 41,6% e 42,0%, respectivamente. Como essas duas regiões têm grande participação no emprego, elas têm peso maior sobre a taxa de rotatividade nacional¹⁶.

1.2.1 Região Norte

Com um total de 1,9 milhões de vínculos celetistas ativos ao final de 2014, a região Norte é a que possui menor participação no estoque de empregos nacional (4,6%). Contudo, foi a região que presenciou a maior expansão no volume de empregos celetistas desde 2002, com um acréscimo anual médio de 7,6% do total de vínculos ativos, contra 5,1% do total do país. Durante o ano de 2014, houve o desligamento de 1,2 milhão de vínculos, o que representou 63,2% do total de vínculos ativos em 31/12 da região no ano. O percentual dos desligamentos no ano, em relação ao total de vínculos ativos, teve um aumento de quase 9,0 p.p., isso porque os desligamentos no decorrer do ano apresentaram crescimento mais intenso do que os vínculos que permaneciam ativos, de 9,0% contra os 7,6% mencionados anteriormente (Tabela 3).

Os estados que registraram, em 2014, as maiores taxas de rotatividade descontada no mercado celetista da região Norte foram Tocantins (53,1%), Rondônia (51,0%) e Roraima (50,0%). Estas taxas estão entre as cinco maiores verificadas para o país de forma geral, ficando atrás apenas de Mato Grosso (67,9%) e Goiás (53,4%), como será visto em detalhes adiante. Entre estes três estados da região Norte, Roraima e Rondônia foram aqueles em que se verificou o aumento mais consistente da taxa de rotatividade, quando observado o período pré e pós-crise de 2008/2009. Enquanto nos primeiros anos da série analisada, a taxa de rotatividade se situava no patamar entre 46% e 47%, no caso de Rondônia, e entre 40% e 42%, em Roraima, elas passaram a oscilar, no período seguinte, e chegaram ao patamar de 54,8% e 47,0%, respectivamente. Estes estados elevaram a média da região Norte. Por sua vez, os estados do Acre e Pará apresentaram, ao longo do tempo, uma trajetória com patamar mais alinhado à média nacional, com as marcadas distinções de que, no Acre, houve um crescimento intenso da taxa de rotatividade entre 2005 e 2006, quando ela saiu de 35,1% para 42,2%, não retornando aos níveis mais baixos observados no início da série e chegando, em 2014, 46,5% (contra 43,1% da média brasileira). Já o Pará apresenta uma evolução da taxa de rotatividade mais aderente à média nacional durante todo o período, mas com um aumen-

¹⁶ As Tabelas 2 e 3 do Anexo trazem dados adicionais da taxa de rotatividade global e descontada para as grandes regiões e unidades da Federação. Em 2014, a taxa de rotatividade global para o segmento celetista foi de 75,6% na região Centro-Oeste, 66,7% no Sul, 63,7% no Norte, 61,4% no Sudeste e 56,3% no Nordeste, ficando na média de 62,8% para o Brasil.

to mais intenso nos últimos anos da série, quando alcança o percentual de 47,0%. Em 2014, Amazonas e Amapá também apresentaram taxas de rotatividade em níveis mais próximos à média nacional, com 47,2% e 48,0%, respectivamente (Gráfico 15, p. 37)¹⁷.

TABELA 3
Evolução do número de vínculos celetistas de emprego, por grupo
Região Norte - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2002	425.034	186.096	782.976	316.594	1.208.010	502.690
2003	454.458	200.524	829.121	332.330	1.283.579	532.854
2004	510.665	238.996	949.474	408.092	1.460.139	647.088
2005	568.371	250.956	1.017.168	425.721	1.585.539	676.677
2006	625.764	271.637	1.103.338	456.746	1.729.102	728.383
2007	681.443	296.318	1.219.904	520.746	1.901.347	817.064
2008	833.958	369.397	1.294.630	553.562	2.128.588	922.959
2009	809.396	335.199	1.375.446	583.306	2.184.842	918.505
2010	936.077	432.542	1.528.203	680.816	2.464.280	1.113.358
2011	1.043.002	464.819	1.678.244	754.622	2.721.246	1.219.441
2012	1.103.083	480.621	1.779.220	756.433	2.882.303	1.237.054
2013	1.166.312	504.714	1.853.361	800.244	3.019.673	1.304.958
2014	1.190.122	503.565	1.883.408	770.515	3.073.530	1.274.080

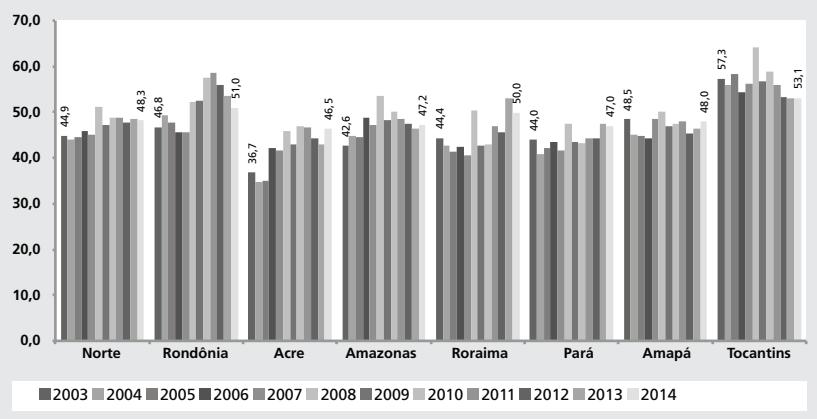
Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

17 As Tabelas 2 e 3 do Anexo mostram que, em 2014, a taxa de rotatividade global para o segmento celetista na região Norte foi de 63,7%, e nos estados da região: 69,6%, no Tocantins, 69,2%, em Rondônia, 66,7%, em Roraima, 65,3%, no Amazonas, 60,7%, no Amapá, 60,3%, no Pará e 59,4%, no Acre.

GRÁFICO 15

**Taxa de rotatividade descontada¹ no trabalho celetista
Estados da Região Norte - 2003-2014**



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Exclui os desligamentos por falecimento, aposentadoria, transferência e demissão a pedido do trabalhador

1.2.2 Região Nordeste

A região Nordeste detém a terceira maior participação nos empregos celetistas no Brasil. Com 6,7 milhões de vínculos ativos no final de 2014, a região ficou atrás do Sudeste e Sul, com uma participação de 16,5% do total de vínculos celetistas no país. Com crescimento médio anual de 6,0% desde 2002, a região obteve aumento de 1,5 p.p. na participação do emprego no país (Tabela 4).

O total de desligamentos da região, ao longo de 2014, somou 3,7 milhões de vínculos. Este montante, que era de 45,5% do total de vínculos ativos em 2002, correspondeu a 55,5% do total de vínculos ativos em 2014. O aumento de participação dos desligamentos está alinhado com o aumento da taxa de rotatividade, como apontado no Gráfico 16, p. 39.

Como destacado anteriormente, a região Nordeste apresentou um crescimento na taxa de rotatividade descontada que passou de 39,5%, em 2003, para 43,3%, em 2014, ou seja, próximo à média nacional. Três estados apresentaram uma taxa de rotatividade descontada do mercado celetista acima da média da região em 2014. São eles, em ordem decrescente: Bahia (45,4%), Maranhão (45,1%) e Pernambuco (44,8%). Piauí, Sergipe e Paraíba apresentaram as menores taxas de rotatividade da região Nordeste, com 39,0%, 38,6% e 37,7%, respectivamente (Gráfico 16). Vale apontar ainda que alguns estados da região apresentaram crescimento mais significativo da taxa de rotatividade. É o caso, principalmente, do Piauí, que passou de uma taxa de 25,1%, em

2003, para 28,5%, em 2007, alcançando patamares próximos ou superiores a 38,0% após 2010, ainda que permaneça com uma taxa reduzida comparativamente à média regional. Maranhão e Ceará foram outras localidades onde o crescimento da taxa de rotatividade também foi percebido com relativa intensidade e, Pernambuco e Bahia, com menor. Já os estados de Sergipe e Rio Grande do Norte apresentaram maiores oscilações nesta taxa, sem uma tendência definida¹⁸.

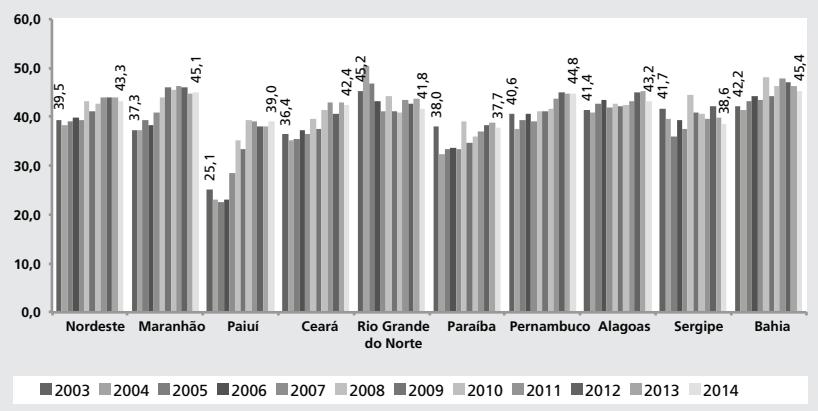
TABELA 4
Evolução do número de vínculos celetistas de emprego, por grupo
Região Nordeste - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2002	1.517.469	600.280	3.335.312	1.188.229	4.852.781	1.788.509
2003	1.593.376	590.901	3.426.812	1.197.881	5.020.188	1.788.782
2004	1.631.553	649.331	3.675.852	1.307.496	5.307.405	1.956.827
2005	1.792.497	711.376	3.924.668	1.444.388	5.717.165	2.155.764
2006	1.948.813	759.609	4.193.852	1.530.868	6.142.665	2.290.477
2007	2.074.699	794.912	4.453.618	1.674.206	6.528.317	2.469.118
2008	2.451.993	971.572	4.758.756	1.850.886	7.210.749	2.822.458
2009	2.487.441	938.303	5.142.895	2.044.781	7.630.336	2.983.084
2010	2.911.899	1.209.135	5.609.121	2.341.436	8.521.020	3.550.571
2011	3.273.500	1.318.269	6.056.312	2.480.075	9.329.812	3.798.344
2012	3.504.989	1.381.970	6.286.608	2.493.993	9.791.597	3.875.963
2013	3.618.705	1.430.479	6.489.702	2.662.002	10.108.407	4.092.481
2014	3.708.644	1.430.022	6.685.083	2.583.734	10.393.727	4.013.756

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

¹⁸ Como mostram as Tabelas 2 e 3 do Anexo, em 2014, a taxa de rotatividade global para o segmento celetista na região Nordeste foi de 56,3%, e nos estados da região: 59,3%, em Pernambuco, 58,1%, no Ceará, 57,9%, no Maranhão, 57,1%, na Bahia, 54,2%, no Rio Grande do Norte, 52,1%, em Alagoas, 52,0%, no Piauí, 49,6%, em Sergipe e 49,4%, na Paraíba.

GRÁFICO 16
**Taxa de rotatividade descontada¹ no emprego celetista
Estados da Região Nordeste - 2003-2014**


Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Exclui os desligamentos por falecimento, aposentadoria, transferência e demissão a pedido do trabalhador

1.2.3 Região Sudeste

A região Sudeste responde, sozinha, por mais da metade do emprego formal celetista do país. Em 2002, 55,6% dos vínculos ativos em 31/12 estavam nesta região, cuja participação reduziu-se para 52,9%, em 2014, o que representa um contingente de 21,4 milhões de vínculos. O crescimento anual médio do estoque de empregos, na ordem de 4,7% ao ano, foi ligeiramente inferior ao total nacional (5,1%), o que explica a redução da participação regional no período.

No decorrer de 2014, 13,1 milhões de vínculos foram encerrados. Este número é aproximadamente o dobro do volume de contratos rompidos em 2002. Com isso, a participação dos desligamentos na totalidade dos vínculos do mercado de trabalho celetista ao longo do ano passou de 34,9% para 38,0%, com os desligamentos aumentando em maior ritmo do que o estoque de vínculos ativos em 31/12 do ano de referência (Tabela 5).

O Sudeste apresenta uma taxa de rotatividade descontada no mercado celetista próxima à do país, seguindo praticamente os mesmos patamares e tendências até 2010, ano em que as médias desta região descolam da tendência nacional, permanecendo em patamares pouco menores. Minas Gerais e Espírito Santo são os estados da região que apresentaram as maiores taxas de rotatividade do período, 47,7% e 46,0%, respectivamente, em 2014. Já Rio de Janeiro e São Paulo tiveram as menores taxas e terminaram 2014 com 39,0% e 40,1%, respectivamente. De todos os estados da região, o Rio de Janeiro é o

único com pequena tendência de acréscimo da taxa de rotatividade no período após 2009 - os demais apresentaram relativa estabilidade no período analisado (Gráfico 17)¹⁹.

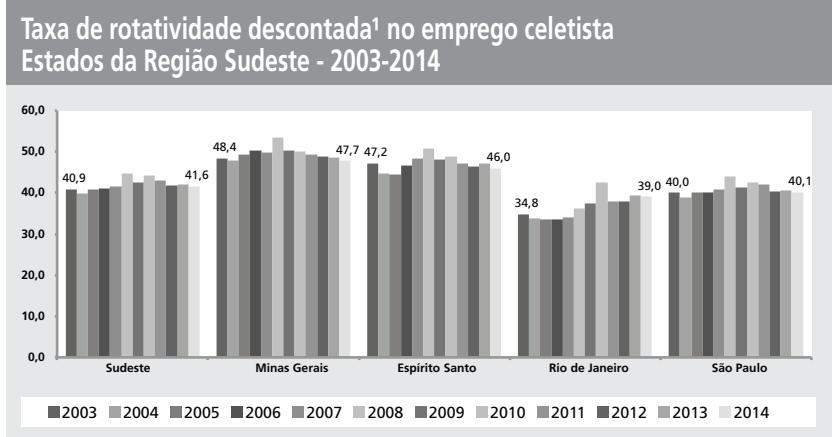
TABELA 5
Evolução do número de vínculos celetistas de emprego, por grupo
Região Sudeste - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano desligados e ativos em 31/12 (B + D)
2002	6.645.144	2.985.537	12.420.371	4.287.292	19.065.515	7.272.829
2003	6.531.414	2.818.386	12.688.154	4.227.170	19.219.568	7.045.556
2004	6.830.410	3.118.976	13.550.553	4.785.875	20.380.963	7.904.851
2005	7.523.974	3.414.308	14.417.980	5.202.090	21.941.954	8.616.398
2006	8.184.367	3.703.171	15.293.917	5.516.094	23.478.284	9.219.265
2007	9.051.960	4.093.995	16.505.441	6.309.068	25.557.401	10.403.063
2008	10.657.439	5.002.269	17.351.374	6.755.484	28.008.813	11.757.753
2009	10.385.597	4.481.243	17.930.895	6.717.447	28.316.492	11.198.690
2010	11.892.683	5.723.058	19.255.356	7.663.821	31.148.039	13.386.879
2011	12.696.995	5.891.629	20.265.720	8.067.392	32.962.715	13.959.021
2012	12.988.655	5.959.468	20.869.562	7.980.239	33.858.217	13.939.707
2013	13.191.128	5.929.295	21.277.648	8.057.811	34.468.776	13.987.106
2014	13.124.201	5.716.231	21.446.467	7.797.485	34.570.668	13.513.716

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

19 Como pode ser visto nas Tabelas 2 e 3 do Anexo, em 2014, a taxa de rotatividade global para o segmento celetista na região Sudeste foi de 61,4%, e nos estados da região: 65,1%, no Espírito Santo, 65,0%, em Minas Gerais, 60,6%, em São Paulo e 59,6%, no Rio de Janeiro.

GRÁFICO 17

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Obs.: (1) Exclui os desligamentos por falecimento, aposentadoria, transferência e demissão a pedido do trabalhador

1.2.4 Região Sul

O Sul tem a segunda maior participação no estoque de empregos celetistas no país, com 7,4 milhões de vínculos, o que corresponde a 18,2% do emprego nacional, em 2014. No mesmo ano, houve o desligamento de 4,9 milhões de vínculos, o que correspondeu a 39,8% do total de vínculos da região no período (Tabela 6).

O Rio Grande do Sul apresentou a maior taxa de rotatividade descontada da região Sul, em 2014, com 43,1%, seguido do Paraná, com 42,9%. Os dois estados tiveram acréscimo dessa taxa, em linha com o aumento nacional e regional. Já em Santa Catarina, houve relativa estabilidade da taxa de rotatividade e, em alguns anos após 2008, até pequenos decréscimos (Gráfico 18)²⁰.

²⁰ Em 2014, a taxa de rotatividade global para o segmento celetista na região Sul foi de 66,7%, e nos estados da região: 69,0%, em Santa Catarina, 67,2%, no Paraná e 64,6%, no Rio Grande do Sul (Tabelas 2 e 3 do Anexo).

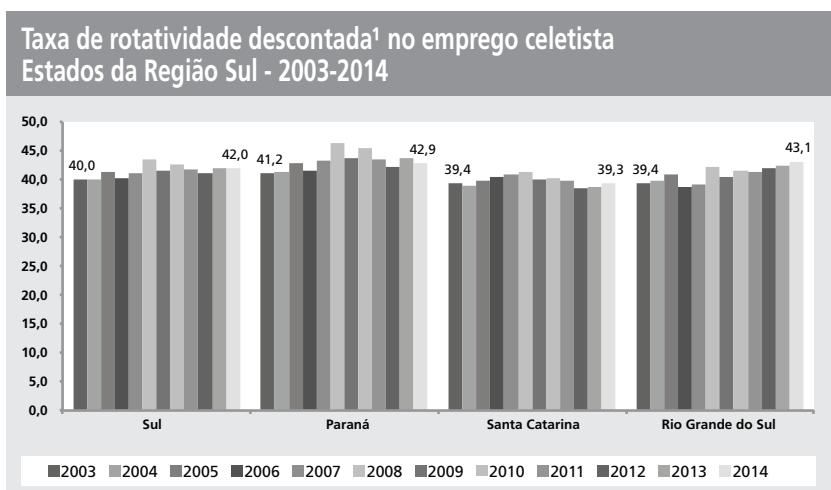
TABELA 6
Evolução do número de vínculos celetistas de emprego, por grupo
Região Sul - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2002	2.247.855	975.243	4.267.956	1.529.093	6.515.811	2.504.336
2003	2.341.993	1.007.737	4.423.207	1.564.027	6.765.200	2.571.764
2004	2.562.513	1.193.419	4.744.321	1.800.274	7.306.834	2.993.693
2005	2.779.719	1.217.303	4.935.010	1.798.466	7.714.729	3.015.769
2006	2.840.150	1.233.762	5.159.154	1.914.892	7.999.304	3.148.654
2007	3.133.409	1.393.930	5.481.286	2.105.359	8.614.695	3.499.289
2008	3.660.928	1.716.732	5.790.036	2.308.097	9.450.964	4.024.829
2009	3.594.877	1.571.861	6.027.830	2.333.282	9.622.707	3.905.143
2010	4.095.533	1.949.144	6.478.989	2.640.631	10.574.522	4.589.775
2011	4.461.946	2.155.552	6.796.380	2.712.300	11.258.326	4.867.852
2012	4.667.387	2.216.855	6.987.657	2.762.308	11.655.044	4.979.163
2013	4.829.556	2.308.949	7.231.225	2.852.255	12.060.781	5.161.204
2014	4.874.512	2.299.129	7.376.651	2.775.261	12.251.163	5.074.390

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 18



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Exclui os desligamentos por falecimento, aposentadoria, transferência e demissão a pedido do trabalhador

1.2.5 Região Centro-Oeste

Com 7,8%, o Centro-Oeste detém a segunda menor participação no estoque de empregos celetistas nacionais, em 2014. Isso equivaleu a um total de 3,2 milhões de vínculos ativos em 31/12 do referido ano. Se for considerado que, no decorrer de 2014, houve um total de 2,4 milhões de desligamentos, isso faz da região a que tem o maior volume de desligamentos em relação ao total de vínculos do ano, com 42,9%. Isso ajuda a explicar por que a taxa de rotatividade do Centro-Oeste é a maior entre as regiões brasileiras (Tabela 7).

Mato Grosso é o estado brasileiro onde foram verificadas as maiores taxas de rotatividade nos anos recentes. Em 2014, o estado apresentou taxa de 67,9%, mas já tinha atingido 68,3% em 2011. Goiás registrou uma das cinco maiores taxas de rotatividade em 2014, com 53,4%. Já Mato Grosso do Sul (49,5%) e, em especial, o Distrito Federal (41,0%) tiveram as menores taxas da região Centro-Oeste, em 2014. Com exceção do Mato Grosso do Sul, todos os estados do Centro-Oeste apresentaram tendências de aumento da taxa de rotatividade, ainda que com oscilações, com maior destaque para as trajetórias de Mato Grosso e do Distrito Federal (Gráfico 19)²¹.

TABELA 7
Evolução do número de vínculos celetistas de emprego, por grupo
Região Centro Oeste - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2002	917.948	417.079	1.514.799	622.122	2.432.747	1.039.201
2003	937.068	415.263	1.613.617	650.228	2.550.685	1.065.491
2004	1.050.732	492.050	1.775.374	752.394	2.826.106	1.244.444
2005	1.132.496	511.134	1.874.825	770.697	3.007.321	1.281.831
2006	1.202.258	528.278	1.954.383	783.563	3.156.641	1.311.841
2007	1.345.566	637.597	2.118.241	905.874	3.463.807	1.543.471
2008	1.609.215	798.944	2.281.898	1.018.141	3.891.113	1.817.085
2009	1.657.169	762.867	2.422.502	1.077.264	4.079.671	1.840.131
2010	1.833.085	887.597	2.618.276	1.186.957	4.451.361	2.074.554
2011	2.099.674	1.049.602	2.809.238	1.270.150	4.908.912	2.319.752
2012	2.225.266	1.116.961	2.983.724	1.318.700	5.208.990	2.435.661

(continua)

²¹ A taxa de rotatividade global para o segmento celetista, em 2014, na região Centro-Oeste foi de 75,6% e nos estados da região: 95,1%, no Mato Grosso, 75,6%, em Goiás, 74,0%, no Mato Grosso do Sul e 60,8%, no Distrito Federal.

TABELA 7
Evolução do número de vínculos celetistas de emprego, por grupo
Região Centro Oeste - 2002 a 2014

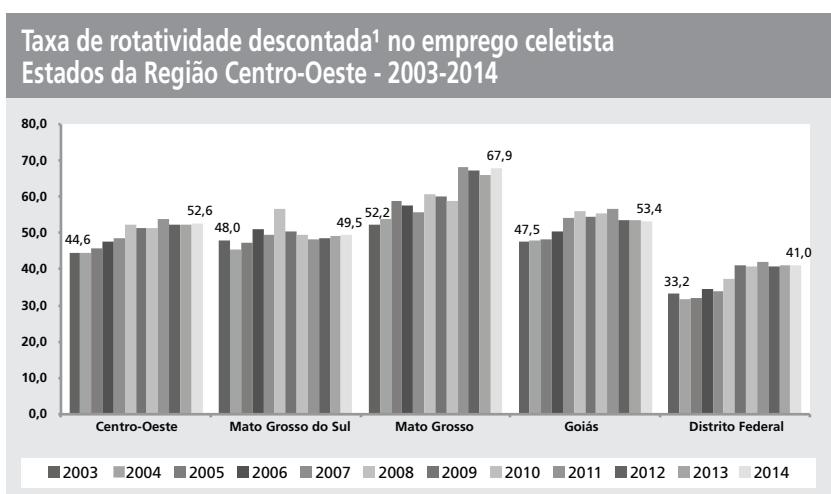
Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2013	2.338.807	1.162.913	3.129.877	1.383.203	5.468.684	2.546.116
2014	2.382.598	1.141.051	3.170.774	1.356.086	5.553.372	2.497.137

(conclusão)

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 19



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

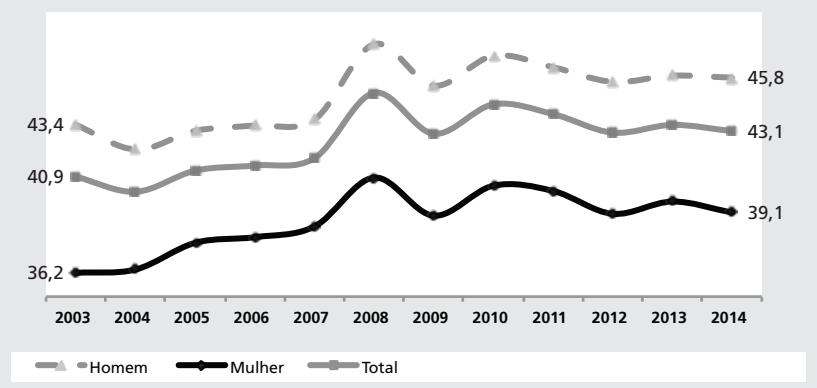
Nota: (1) Exclui os desligamentos por falecimento, aposentadoria, transferência e demissão a pedido do trabalhador

11.3 A rotatividade no mercado celetista segundo atributos pessoais e escolaridade

As taxas de rotatividade descontadas do mercado celetista são sistematicamente maiores nos postos de trabalho ocupados por homens do que por mulheres. Em 2014, foram de 45,8%, para eles, e de 39,1%, para elas. No decorrer do período analisado, a taxa de rotatividade descontada para esses grupos segue a mesma tendência, sem evidências de redução ou crescimento significativo da diferença entre elas (Gráfico 20).

GRÁFICO 20

**Taxa de rotatividade descontada¹ dos vínculos celetistas segundo sexo
Brasil - 2003 a 2014 (em %)**



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

As evidências acima destacadas podem ser complementadas por meio da análise da participação de ambos os sexos nos diferentes grupos de vínculos. Antes, vale pontuar que as mulheres, em geral, são minoria no mercado de trabalho formal, embora sejam maioria na população. Segundo dados da Pnad 2014, as mulheres representavam 51,6% dos cerca de 200 milhões de brasileiros e 51,9% do total das pessoas em idade ativa (acima de 10 anos) - Tabela 8. Quando se observa a participação das mulheres no mercado de trabalho, considerando se estão economicamente ativas ou não, a situação se inverte. No mesmo ano, as mulheres respondiam por 44,0% do total de indivíduos economicamente ativos e 64,3% dos não economicamente ativos. Já no total dos vínculos celetistas ativos registrados na Rais, embora tenham crescido paulatinamente ao longo do tempo, chegaram a 40,0%, em 2014 (Gráfico 21).

O que se verifica é que a participação das mulheres no total de vínculos celetistas ativos registrados na Rais é ligeiramente maior do que a participação delas entre o total de vínculos desligados e nos ativos no ano, nos períodos analisados. Em 2014, 40,0% dos vínculos ativos em 31/12 eram ocupados por mulheres. Já entre os desligados ao longo do ano, as mulheres representaram 38,3%, e, entre os admitidos no ano, 39,1%. Em outras palavras, nos vínculos que tiveram movimentação durante o ano, os homens tinham maior participação do que as mulheres, em magnitudes maiores do que o total dos vínculos ativos (61,7%, entre os desligados, 60,9%, entre os admitidos no ano, e 60,0% dos ativos) - Gráfico 21.

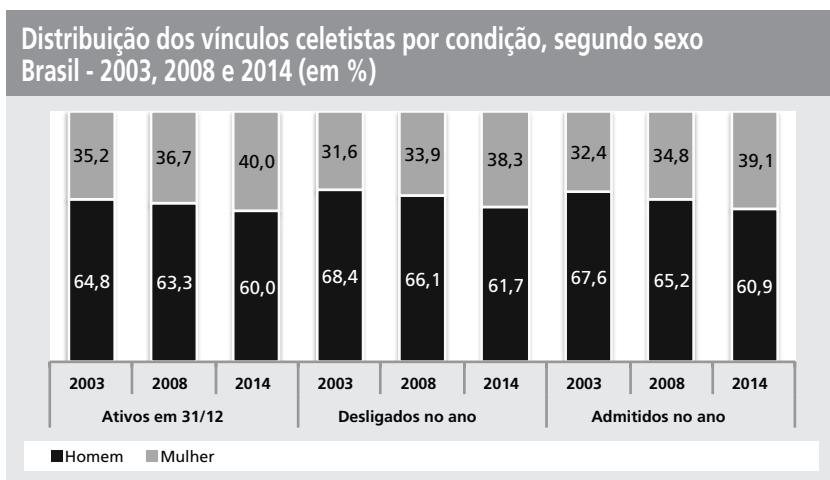
TABELA 8
População total e população em idade ativa segundo condição de atividade
Brasil - 2014

População e condição de atividade	Em mil pessoas			Em %		
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total
População total	104.772	98.419	203,2	51,6	48,4	100,0
População em idade ativa (10 anos ou mais)	91.011	84.224	175,2	51,9	48,1	100,0
População economicamente ativa	46.993	59.832	106,8	44,0	56,0	100,0
População não economicamente ativa	44.018	24.392	68,4	64,3	35,7	100,0

Fonte: IBGE. Pnad

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 21



Fonte: MTPS. Rais

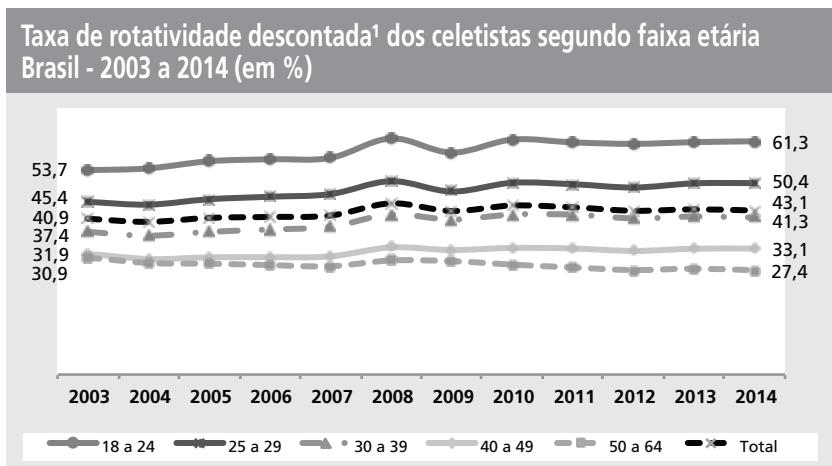
Elaboração: DIEESE

Os dados mostram que o fenômeno da rotatividade atinge com mais intensidade os trabalhadores mais jovens. A taxa de rotatividade descontada no mercado celetista para os trabalhadores com entre 18 e 24 anos de idade foi de 61,3%, em 2014; para aqueles na faixa etária entre 25 a 29 anos, ficou em 50,4%. Por sua vez, para os trabalhadores acima de 30 anos, durante todo o período, foi inferior à média nacional.

A tendência de crescimento da taxa de rotatividade foi observada nos postos de trabalho ocupados por trabalhadores de todas as faixas etárias analisadas, exceto para os que tinham entre 50 e 64 anos, para os quais houve redu-

ção de 30,9%, em 2003, para 27,4%, em 2014. Houve ainda aumento, ainda que com menor ênfase, nos vínculos de emprego ocupados por trabalhadores com 40 a 49 anos, passando de 31,9% para 33,1%. Os maiores acréscimos na taxa de rotatividade durante o período analisado foram percebidos justamente nos postos de trabalho ocupados por trabalhadores nas faixas de menor idade. No caso daqueles com entre 18 a 24 anos, a taxa foi de 53,7% para os 61,3% já mencionados (Gráfico 22).

GRÁFICO 22



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

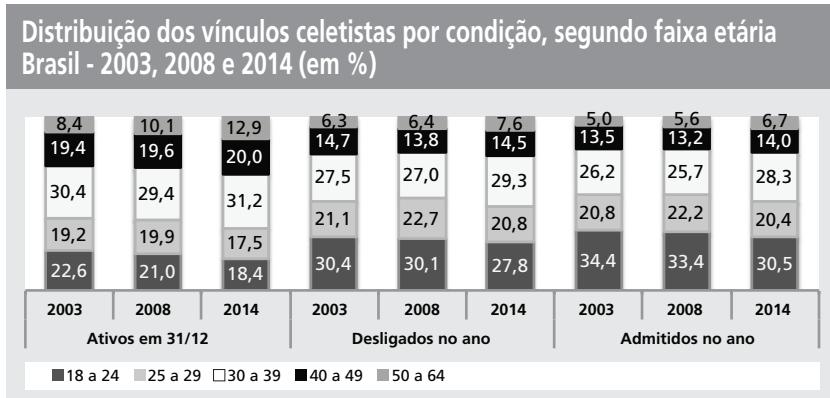
Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

Comparando a distribuição etária entre os vínculos desligados e ativos, observa-se a predominância das faixas de menor idade entre os desligamentos e admissões no ano. Em 2003, os trabalhadores com idade entre 18 e 24 anos tinham 22,6% de participação no estoque de vínculos ativos, enquanto participavam com 30,4% nos desligamentos e 34,4% nas admissões no ano. Já em 2014, os percentuais foram de 18,4% dos vínculos ativos, 27,8% dos desligamentos e 30,5% dos admitidos no ano, ampliando a distância em termos de pontos percentuais. Já a participação dos trabalhadores com idade entre 50 e 64 anos, em 2014, era de 7,6% entre os vínculos desligados, 6,7% entre os vínculos admitidos no ano, e 12,9% nos vínculos ativos (Gráfico 23).

Ademais, observa-se que, tanto no caso dos trabalhadores desligados como no caso dos ativos, no decorrer do período, houve um crescimento de participação das faixas etárias de maior idade e, ao mesmo tempo, redução da participação das faixas de menor idade. Esta tem sido uma característica do mercado de trabalho. Além dos dados expostos no parágrafo anterior ressaltarem a queda de participação da faixa etária de 18 a 24 anos, tanto entre ativos quanto entre os

desligados, a faixa de emprego ocupada por trabalhadores com mais de 30 anos passa de 58,2% para 64,0%, entre 2003 e 2014, no caso dos vínculos ativos.

GRÁFICO 23



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

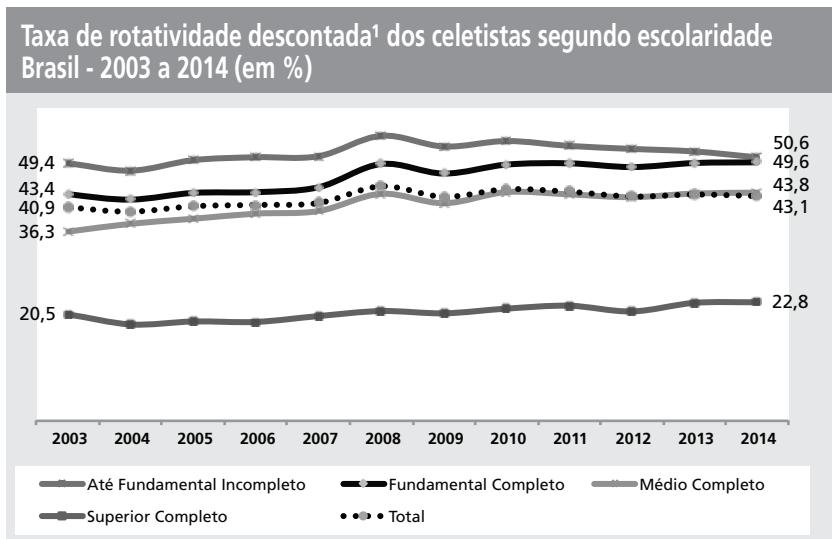
Obs.: Exclui as faixas inferiores a 18 anos completos e superiores a 65 anos completos

Os Gráficos e 1 e 2 do Anexo trazem os dados da taxa de rotatividade descontada dos vínculos celetistas, segundo os atributos pessoais de sexo e faixa etária dos trabalhadores. De modo geral, pode-se observar o seguinte:

- Para todos os recortes de faixa etária, permanece a assimetria das taxas de rotatividade segundo o sexo do trabalhador que ocupa este posto, ou seja, é maior para os homens e menor para as mulheres;
- Ademais, o diferencial das taxas de rotatividade segundo faixa etária dos ocupados nos vínculos celetistas é percebido para ambos os sexos, ou seja, a rotatividade é maior para os jovens;
- Em 2014, a taxa de rotatividade dos vínculos celetistas ocupados por trabalhadores com idade entre 18 e 24 anos foi de 65,9%, no caso dos homens, e 55,2%, no caso das mulheres. Já para a faixa etária entre 50 a 59 anos, foi de 29,1% e 24,3%, respectivamente. Nesse último caso, houve uma drástica redução desta amplitude, que chegou a ser de 12,3 p.p. em 2003, em decorrência de uma redução acelerada da taxa de rotatividade entre os homens, fato que destoa da trajetória geral da taxa, também percebida majoritariamente pelos recortes de segmento populacional analisados. Por sua vez, a taxa de rotatividade calculada para os vínculos ocupados por mulheres na faixa etária de 40 a 49 anos apresentou elevação acentuada no período, em particular entre 2004 e 2008, quando passou de 25,2% para 29,1%.

As taxas de rotatividade descontadas no segmento celetista, calculadas segundo escolaridade do trabalhador, indicam que elas tendem a ser maior quanto menor for a escolaridade. Assim, em 2014, enquanto a taxa de rotatividade descontada do mercado de trabalho celetista apresentou o percentual de 43,1%, a dos vínculos ocupados por trabalhadores com até ensino fundamental completo, incluindo os analfabetos, foi de 50,6%, seguido do ensino fundamental completo, com 49,6%. Por sua vez os vínculos de emprego que demandam a escolaridade de nível superior completo tenderam a ser mais estáveis, com a menor taxa de rotatividade - 22,8%, em 2014, quase metade da média do mercado de trabalho (Gráfico 24).

GRÁFICO 24



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

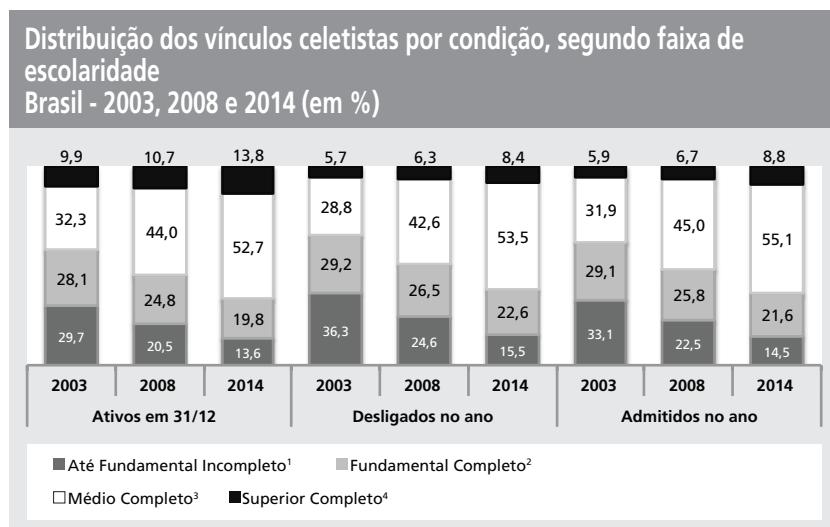
Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

De modo geral, é possível perceber a tendência de aumento de escolaridade dos trabalhadores do segmento celetista ao longo do período analisado, notadamente com aumento do ensino médio completo e ensino superior completo, e redução de participação das faixas de menor escolaridade, ou seja, ensino fundamental incompleto e completo.

Em que pese essa tendência, é possível notar que, entre os vínculos movimentados no ano, admitidos ou desligados, há uma participação ligeiramente maior das faixas de menor escolaridade comparativamente à participação deste estrato entre os vínculos que permanecem ativos em 31/12. Em 2003, vê-se que entre os vínculos desligados no ano, 36,3% possuíam ensino fundamental incom-

pleto e, entre os admitidos no ano, estes somavam 31,1%, contra 29,7% de participação da mesma categoria entre os vínculos ativos. Em 2014, eram, respectivamente, 15,5%, 14,5% e 13,6%. Em relação aos trabalhadores com o ensino fundamental completo, as participações foram de 22,6%, entre os desligados, 21,6%, entre os admitidos no ano, e 19,8% nos vínculos ativos em 31/12, em 2014. Adicionalmente, verifica-se que, durante 2014, a participação dos trabalhadores com ensino superior foi de 6,3% nos desligados, 8,8% nos admitidos, contra 13,8% entre os que estavam ativos ao final do ano (Gráfico 25).

GRÁFICO 25



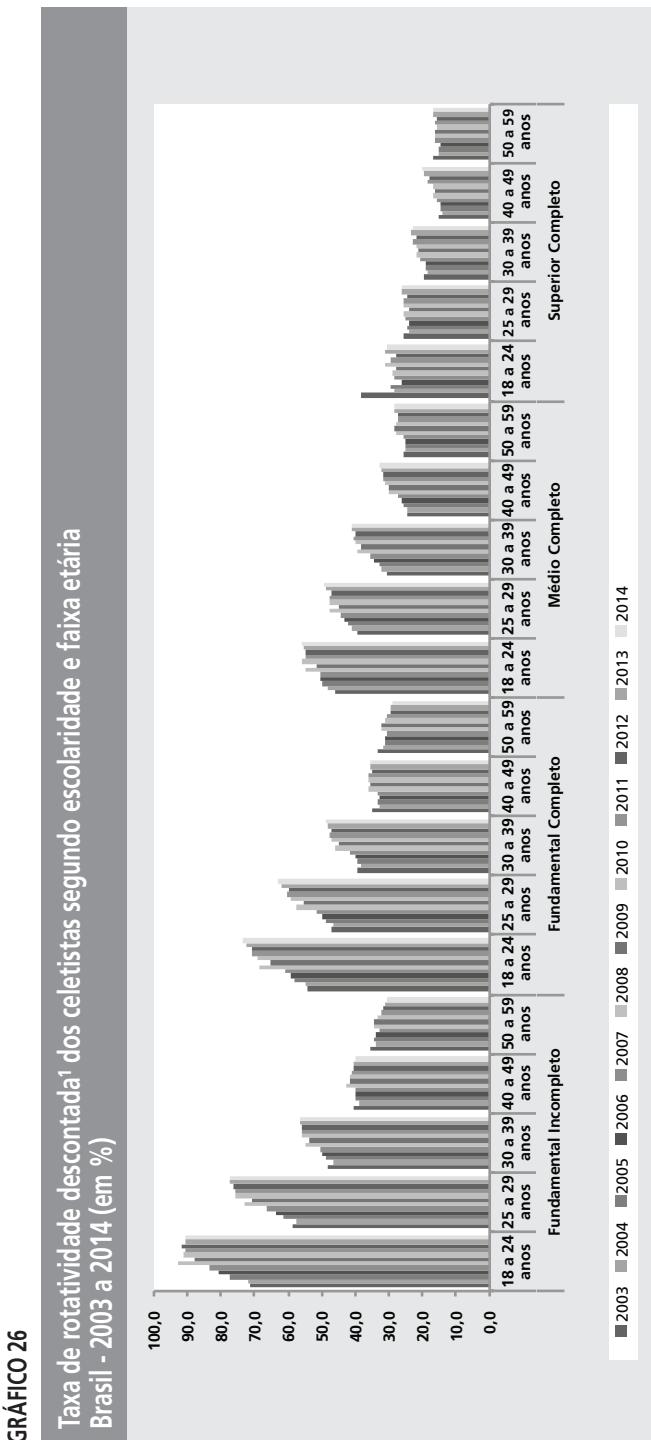
Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui Analfabetos; (2) Inclui Ensino Médio Incompleto; (3) Inclui Ensino Superior Incompleto; (4) Inclui mestrado e doutorado

A observação da taxa de rotatividade descontada no mercado celetista segundo escolaridade e faixa etária dos trabalhadores indica que quanto mais jovem o trabalhador, e com menos escolaridade, maior é a rotatividade do vínculo que ele ocupa, com prevalência do perfil etário sobre a escolaridade. Ademais, as faixas com menor escolaridade também vêm apresentando crescimento da taxa de rotatividade no período (Gráfico 26).

A análise da distribuição dos vínculos celetistas segundo condição de atividade, de acordo com sexo e escolaridade dos trabalhadores apresenta duas conclusões principais: a) para ambos os sexos, a participação das faixas de menor escolaridade é relativamente maior entre desligados e admitidos no ano do que entre os ativos, reforçando as observações feitas anteriormente; e b) as mulheres possuem maior escolaridade média do que os homens, que se reflete tanto nos vínculos ativos quanto nos desligados (Tabela 9, p. 52).



Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

Obs.: Fundamental incompleto inclui Analfabetos; Fundamental completo inclui Ensino Médio Incompleto; Ensino médio completo inclui Ensino Superior Incompleto; Superior completo inclui mestrado e doutorado

TABELA 9
Distribuição dos vínculos celetistas por condição e faixa
de escolaridade, segundo sexo
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)

Faixa de escolaridade	Ativos					
	2003		2008		2014	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Até Fundamental Incompleto ¹	19,2	35,4	12,5	25,1	8,5	17,0
Fundamental Completo ²	24,7	30,0	20,6	27,3	16,1	22,3
Médio Completo ³	42,2	27,0	51,7	39,5	57,1	49,8
Superior Completo ⁴	13,9	7,7	15,1	8,1	18,3	10,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Admitidos no ano						
Faixa de escolaridade	2003		2008		2014	
	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
	19,4	39,6	12,5	27,9	8,6	18,3
Até Fundamental Incompleto ¹	25,9	30,6	21,0	28,3	17,6	24,2
Fundamental Completo ²	45,1	25,6	55,9	39,1	61,0	51,3
Médio Completo ³	9,5	4,1	10,5	4,7	12,8	6,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Até Fundamental Incompleto ¹	21,8	43,0	13,8	30,1	9,0	19,5
Fundamental Completo ²	26,7	30,3	21,8	29,0	18,4	25,2
Médio Completo ³	42,2	22,6	54,3	36,6	60,3	49,4
Superior Completo ⁴	9,3	4,1	10,1	4,4	12,2	5,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui analfabetos; (2) Inclui ensino médio incompleto; (3) inclui ensino superior incompleto; (4) Inclui mestrado e doutorado

Observando a taxa de rotatividade descontada por faixa de escolaridade, segundo sexo, nota-se que ela é menor para as mulheres, entre os vínculos ocupados por trabalhadores com o fundamental incompleto. Em 2014, para as trabalhadoras, ficou em 41,7%, e para os trabalhadores, em 53,5%. A diferença vai diminuindo para as maiores faixas de escolaridade, até que a tendência se inverte para os postos ocupados por trabalhadores com ensino superior completo. Nesse caso, a taxa de rotatividade descontada das mulheres é maior, de 24,9%, contra 20,4% dos homens. Não se verificam particularidades na

tendência da taxa de rotatividade das categorias analisadas, ao longo dos anos (Gráficos 6 a 9 do Anexo, p. 128-130).

1.4 AS FAMÍLIAS OCUPACIONAIS

De acordo com DIEESE (2014, p. 50-51), um volume considerável dos desligamentos que acontecem no mercado de trabalho brasileiro se concentra em torno de 20 famílias ocupacionais, representadas quase que uniformemente ao longo dos anos analisados. Em 2014, foram 55,5% dos desligamentos celetistas, percentual próximo aos identificados nos anos anteriores (Tabela 10).

TABELA 10

Ranking das famílias ocupacionais com maior número de desligamentos celetistas por participação no total de vínculos, segundo tipo, e tempo médio de permanência no emprego (em anos)
Brasil - 2014

Ranking	Família ocupacional	Total de vínculos - Distrib (%)				Tempo médio de permanência (em anos)		
		Desligamentos		Admitidos no ano	Total	Descontados ¹	Ativos	
		Total	Descontados ¹					
1º	Vendedores e demonstradores em lojas ou mercados	10,4	10,3	8,7	10,5	1,1	1,2	2,4
2º	Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos	6,8	6,8	8,3	7,0	1,6	1,7	3,5
3º	Ajudantes de obras civis	5,1	5,9	2,1	5,0	0,6	0,7	1,5
4º	Trabalhadores nos serviços de manutenção de edificações	3,9	3,7	3,7	4,3	1,1	1,2	3,0
5º	Alimentadores de linhas de produção	3,3	3,3	2,3	3,3	0,9	1,0	2,7
6º	Trabalhadores de estruturas de alvenaria	2,7	3,0	1,3	2,5	0,8	0,8	1,9
7º	Garçons, barmen, copeiros e sommeliers	2,8	2,6	2,0	2,9	0,9	1,1	2,3
8º	Motoristas de veículos de cargas em geral	2,4	2,5	2,4	2,3	1,4	1,5	3,0

(continua)

TABELA 10

Ranking das famílias ocupacionais com maior número de desligamentos celetistas por participação no total de vínculos, segundo tipo, e tempo médio de permanência no emprego (em anos)
Brasil - 2014

Ranking	Família ocupacional	Total de vínculos - Distrib (%)				Tempo médio de permanência (em anos)		
		Desligamentos		Admitidos no ano	Desligamentos	Tempo médio de permanência (em anos)		
		Total	Descontados ¹			Total	Descontados ¹	
9º	Caixas e bilheteiros (exceto caixa de banco)	2,7	2,3	2,3	2,8	1,1	1,2	2,3
10º	Almoxarifes e armazenistas	1,7	1,8	1,6	1,8	1,2	1,3	2,9
11º	Trabalhadores de cargas e descargas de mercadorias	1,6	1,7	1,4	1,8	1,0	1,1	3,0
12º	Porteiros, guardas e vigias	1,7	1,7	2,1	1,7	1,5	1,6	4,5
13º	Recepcionistas	1,6	1,5	1,7	1,7	1,3	1,4	2,7
14º	Trab. nos serviços de manutenção e conservação de edifícios e logradouros	1,4	1,5	1,5	1,4	1,3	1,3	3,9
15º	Cozinheiros	1,4	1,4	1,4	1,4	1,3	1,4	3,1
16º	Trab. de montagem de estrut. de madeira, metal e compósitos em obras civis	1,1	1,3	0,5	1,0	0,8	0,8	1,9
17º	Operadores de telemarketing	1,9	1,2	1,2	2,0	0,8	0,9	1,5
18º	Motoristas de veículos de pequeno e médio porte	1,0	1,1	1,1	1,0	1,5	1,6	3,3
19º	Trabalhadores na exploração agropecuária em geral	1,0	1,1	0,9	1,0	1,3	1,4	3,9
20º	Vigilantes e guardas de segurança	1,0	1,0	1,7	1,1	1,9	2,0	3,5
Subtotal Famílias ocupacionais selecionadas		55,5	55,6	48,0	56,6	1,1	1,2	2,9
Demais Famílias ocupacionais		44,5	44,4	52,0	43,4	1,7	1,7	4,2
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	1,4	1,4	3,6

(conclusão)

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

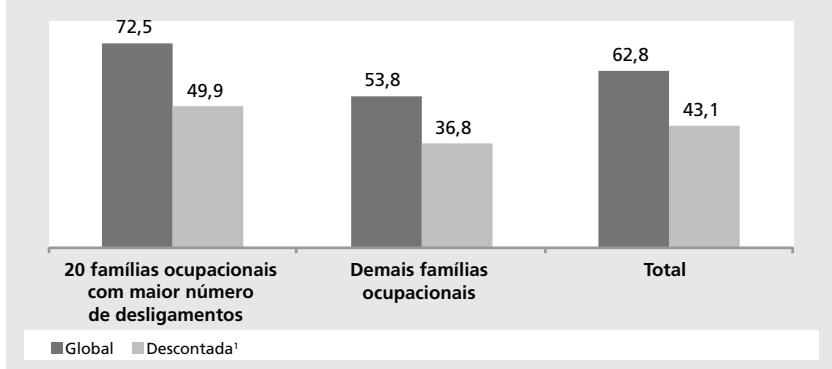
Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

A concentração dos desligamentos em torno dessas famílias ocupacionais é explicada, em parte, pela elevada participação delas também no estoque de empregos, ou seja, nos vínculos que permanecem ativos ao final de cada ano. Contudo, cabe notar que há uma participação relativamente menor dessas famílias ocupacionais no estoque de empregos formais, *vis-à-vis* a sua participação entre os desligamentos, bem como entre as admissões dentro de cada ano. Assim, em 2014, enquanto essas 20 famílias ocupacionais responderam por 55,5% dos desligamentos, como já mencionado no parágrafo anterior, também respondiam por 56,6% das admissões no ano e por 48,0% dos vínculos de empregos ativos em 31/12. Ainda que a magnitude dos que passaram por movimentação no ano, admissão ou desligamento, em relação aos que permaneceram ativos no final do ano, seja relativamente pequena, é possível perceber um indício de maior rotatividade nestas funções.

As conclusões do parágrafo anterior podem ser corroboradas pela análise da taxa de rotatividade dessas famílias ocupacionais comparadas à totalidade do mercado de trabalho. Como foi visto anteriormente, a taxa de rotatividade descontada, ou seja, aquela que reflete mais aproximadamente as decisões patronais dos desligamentos do mercado de trabalho celetista, foi de 43,1%, em 2014. Para as 20 famílias ocupacionais analisadas na Tabela 10, foi de 49,9%, o que representou mais de 14 p.p. de diferença em relação à taxa de rotatividade descontada para o conjunto das demais famílias ocupacionais (Gráfico 27).

GRÁFICO 27

**Taxas de rotatividade global e descontada¹ no mercado celetista
Brasil - 2014**



Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

As famílias ocupacionais dos *Vendedores e demonstradores em lojas ou mercados* e os *Escriturários em geral, agentes, assistentes e auxiliares administrativos* são aquelas que respondem pela maior participação do estoque de empregos e também dos desligamentos e admissões no ano.

Retomando observação feita anteriormente sobre o diferencial de participação dessas famílias ocupacionais no total de desligamentos em relação ao total de empregos que permanece no estoque de um ano para o outro, nota-se que isso acontece com mais ênfase para alguns grupos de ocupação, como é o caso dos *Ajudantes de obras civis, Trabalhadores de estruturas de alvenaria, Operadores de telemarketing, Trabalhadores de montagem de estruturas de madeira, metal e compostos em obras civis, Trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas*, para mencionar somente algumas. Comparando a participação relativa destas famílias ocupacionais no total dos desligados no ano com os ativos no ano, vê-se maior ênfase na movimentação desses grupos. O tempo de duração média dos vínculos de empregos celetistas nestas famílias ocupacionais, inferior a um ano completo, reforça essa percepção.

É importante que esses dados sejam analisados em complemento à análise da rotatividade e flexibilidade contratual para os setores de atividade econômica que serão objeto de estudo da seção 2 deste estudo. Contudo, de modo geral, como destacado em DIEESE (2014, p. 50), é importante reforçar que

[...] este conjunto de ocupações reflete fortemente a demanda por políticas públicas, tanto de intermediação, qualificação e do seguro-desemprego. Assim, estas famílias ocupacionais devem ser foco de preocupação na programação da oferta regular das políticas públicas de emprego e renda e ser alvo dos programas de fiscalização do Ministério do Trabalho.

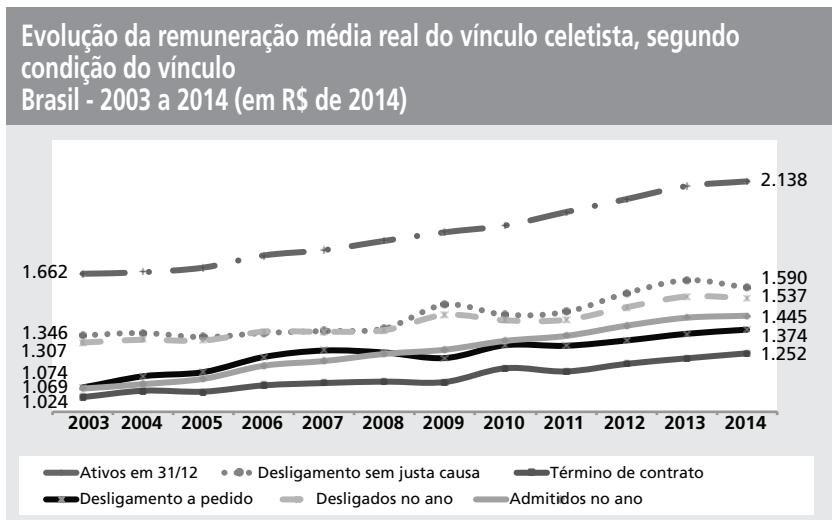
1.5. REMUNERAÇÃO MÉDIA E MOVIMENTAÇÃO DOS VÍNCULOS²²

O fenômeno da rotatividade no mercado de trabalho também traz impacto sobre a remuneração do trabalhador. No que se refere ao mercado de trabalho brasileiro, nota-se que a remuneração média apresentou crescimento real no período analisado. Os vínculos que permanecem ativos ao final de cada ano em análise são os que apresentam a maior remuneração média, bem como o maior crescimento médio anual no período. Isso é explicado pela composição do estoque da Rais no final de cada ano, que congrega vínculos mais estáveis e

²² Segundo o manual de declaração da Rais, devem integrar o valor da remuneração mensal, além dos salários, abonos, adicionais, gratificações, comissões, entre outros. Ver Manual de Orientação da Relação Anual de Informações Sociais (Rais): ano base 2014.

de remuneração mais elevada, além do fato de acumularem maiores reajustes salariais advindos das negociações coletivas. Em 2014, a remuneração média do conjunto de vínculos ativos foi de R\$ 2.138 no segmento celetista²³, contra R\$ 1.662, em 2003²⁴, o que representou crescimento real médio, portanto, acima da inflação medida pelo INPC-IBGE, de 2,3% ao ano (Gráfico 28).

GRÁFICO 28



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Obs.: (a) Para os vínculos ativos em 31/12, refere-se à remuneração média real em dezembro, a preços do INPC/IBGE em dez/2014. Para os demais vínculos, refere-se à remuneração média do ano, a preços do INPC/IBGE médio de 2014; (b) Dados referentes às causas de desligamentos mais incidentes no mercado de trabalho celetista

Já a remuneração média dos vínculos desligados no ano é inferior à dos vínculos que permanecem ativos, em parte porque recaem sobre este conjunto os impactos da rotatividade no mercado de trabalho. Dessa maneira, em 2014, a remuneração média de um vínculo desligado ao longo do ano foi de R\$ 1.537, ou seja, o equivalente a 71,9% da remuneração de um vínculo ativo em 31/12. O crescimento verificado para a remuneração do conjunto dos desligamentos no período foi de 1,5% ao ano, em termos reais, portanto, em magnitude inferior aos que permanecem ativos no estoque ao final de cada ano.

23 A título de referência, a remuneração média do conjunto dos vínculos do mercado de trabalho formal, portanto, incluindo os estatutários, foi de R\$ 2.265 no mesmo ano.

24 Este estudo tem privilegiado a análise do mercado de trabalho brasileiro desde 2002. Contudo, no que diz respeito à remuneração, os dados de 2002 apresentam uma movimentação atípica (de redução), razão pela qual fez-se a opção de realizar a análise a partir de 2003, quando se inicia uma trajetória que é predominante no restante do período analisado.

Assim, sistematicamente, vem se ampliando a distância entre a remuneração média dos ativos em 31/12 e dos desligados no ano. Em 2003, a remuneração média de um vínculo desligado foi equivalente a 78,7% à de um vínculo ativo, reduzindo-se até o percentual de 71,9% já mencionado.

Observando a estrutura da remuneração média dos vínculos desligados segundo os motivos de desligamento predominantes no mercado de trabalho, nota-se que os trabalhadores desligados sem justa causa, por iniciativa do empregador, são os que possuíam maior remuneração média, de R\$ 1.590, em 2014, ligeiramente acima, portanto, da remuneração média do conjunto de desligamentos, que foi de R\$ 1.537. Em seguida, aparecem os desligamentos a pedido do trabalhador, que alcançaram R\$ 1.374, no mesmo ano. Esse baixo patamar de remuneração média pode ajudar a explicar o crescimento dos desligamentos a pedido do trabalhador, já que ele pode sair em busca de novos postos de trabalho com melhores perspectivas em termos de remuneração. Vale destacar ainda que, entre os tipos de desligamentos analisados, este foi o que apresentou maior crescimento real da remuneração média, da ordem de 2,4% ao ano, contra 1,5% do desligamento sem justa causa e 1,8% dos términos de contrato, em linha com o aumento da remuneração dos vínculos ativos,

Por sua vez, os desligados por término de contrato apresentam a menor remuneração média dos tipos de vínculos analisados, de R\$ 1.252, em 2014, portanto 18,6% inferior ao conjunto dos vínculos desligados no mesmo ano, para os quais a remuneração foi de R\$ 1.537. Tendo em vista o baixo tempo médio de duração desses tipos de vínculos, conforme analisado anteriormente, a baixa remuneração média é mais um indicativo da precariedade desses vínculos de emprego.

Por fim, fechando o panorama do comportamento da remuneração média real dos vínculos, segundo movimentação no mercado de trabalho celesta, vale destacar que a remuneração média dos admitidos em cada ano foi sempre inferior à dos desligados, ainda que esta diferença venha se reduzindo em função do aquecimento do mercado de trabalho no período. Um novo contrato de trabalho celebrado em 2014 teve como remuneração média o valor de R\$ 1.445, 6,0% inferior à remuneração de um vínculo desligado - em 2003, esta diferença era de 18,3%. Isso porque a remuneração média dos admitidos no ano cresceu a um ritmo maior do que a dos desligados, 2,8% e 1,5%, respectivamente, no período analisado.

Capítulo 2

A rotatividade segundo os setores de atividades econômicas

Os setores de atividade econômica diferem no que diz respeito à intensidade da rotatividade e é importante considerar a natureza distinta das atividades de cada segmento, em particular na Construção civil e no setor Agrícola¹, cujos processos de produção podem ser considerados discretos no tempo, ao contrário dos demais setores, caracterizados por uma produção mais contínua². Para os dados de 2014, ordenados do maior para o menor, as taxas de rotatividade calculadas para os vínculos celetistas foram:

1. Construção Civil - taxa global: 116,2%; taxa descontada: 91,9%
2. Agricultura - taxa global: 83,3%; taxa descontada: 61,3%
3. Comércio - taxa global: 63,3%; taxa descontada: 41,9%
4. Serviços - taxa global: 58,7%; taxa descontada: 38,2%
5. Administração Pública³ - taxa global: 58,3%; taxa descontada: 50,1%
6. Indústria de transformação - taxa global: 50,7%; taxa descontada: 35,6%
7. Extrativa Mineral - taxa global: 30,4%; taxa descontada: 20,5%
8. Serviço Utilidade Pública - taxa global: 28,4%; taxa descontada: 18,7%

A evolução das taxas de rotatividade descontada do segmento celetista por setor de atividade econômica pode ser vista no Gráfico 1⁴.

¹ Por exemplo, na Construção civil, cada obra é um produto que é realizado por etapas, envolvendo diferentes volumes de trabalho e distintos tipos de ocupação. A atividade agrícola tem forte componente de sazonalidade, caracterizando-se por uma produção cíclica anual em algumas culturas importantes da economia do país.

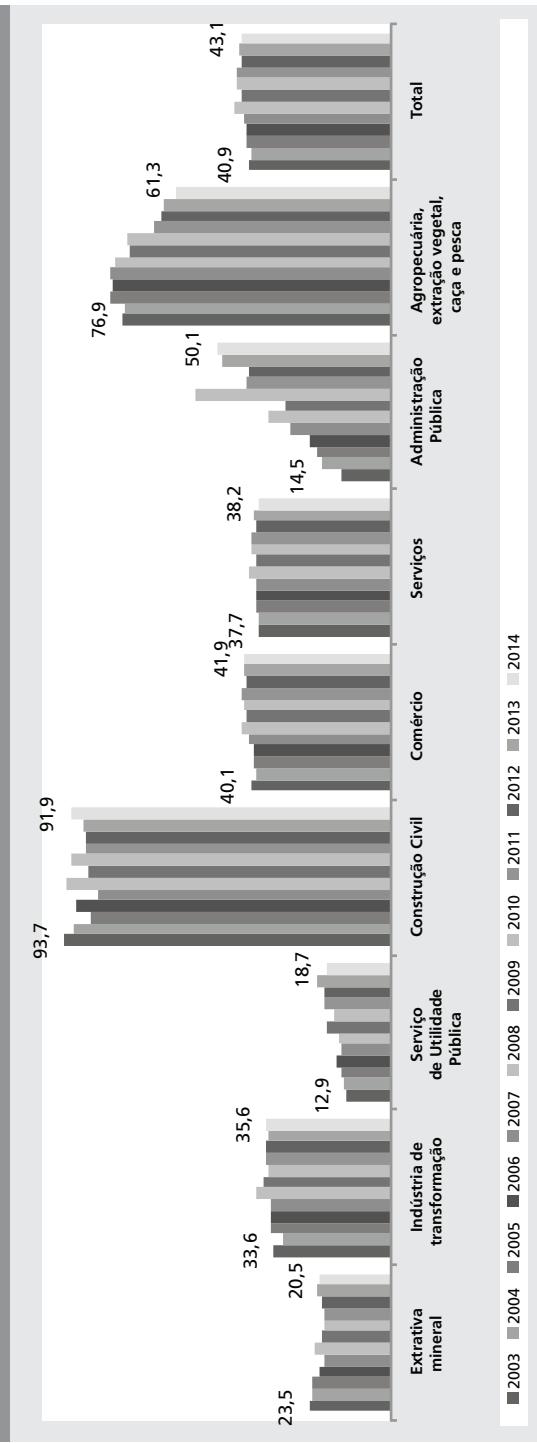
² Para mais detalhes sobre esta noção, ver DIEESE (2011, p. 24-25).

³ Este cálculo do setor público refere-se às contratações feitas segundo o regime da CLT por entes públicos federais, estaduais e municipais. Este movimento é crescente no mercado de trabalho brasileiro e é conhecido sobretudo pela "tercerização" no setor público.

⁴ A Tabela 4 do Anexo traz também as taxas de rotatividade global dos vínculos celetistas por setor de atividade econômica.

GRÁFICO 1

Taxa de rotatividade descontada¹ dos celetistas segundo setor de atividade econômica
Brasil - 2003 a 2014 (em %)



Fonte: MTPS, Raís
Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

As seções que se seguem dedicam-se à análise das taxas de rotatividade dos subsetores de atividade econômica⁵ e à caracterização da movimentação contratual nos setores com maior representatividade no estoque de empregos formais no segmento celetista do mercado de trabalho.

2.1 SERVIÇOS

Em 2014, dois em cada cinco vínculos celetistas pertenciam ao setor de Serviços, totalizando mais de 16 milhões de vínculos e configurando-se como o maior setor em número de vínculos formais de trabalho (Tabela 1). Esse setor abrange seis subsetores: instituições financeiras, administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos e profissionais, transporte e comunicação, alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação, serviços médicos, odontológicos e veterinários e ensino. Trata-se, portanto, de um setor grande que, por isso mesmo, é pouco homogêneo.

Entre 2002 e 2014, a quantidade de vínculos formais de trabalho no setor de Serviços cresceu de forma ininterrupta. No período, o crescimento do número de vínculos ativos foi de 86,6%, ligeiramente superior à ampliação do restante do mercado de trabalho celetista (Gráfico 2, p. 63). Embora os vínculos formais tenham mantido uma trajetória contínua de crescimento, mesmo durante a crise econômica de 2008, a queda dos movimentos de admissão e demissão em 2009 fornecem evidências de que houve ao menos um pequeno desaquecimento do mercado de trabalho no setor durante esse momento de instabilidade econômica.

O fenômeno da rotatividade se expressa de maneiras muito distintas quando se analisam os subsetores do setor de Serviços. De um lado, existe o subsetor com uma das mais elevadas taxas de rotatividade descontadas do mercado celetista, como administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos e profissionais. Com 52,8%, em 2014, a taxa de rotatividade deste subsetor foi inferior apenas à dos setores de Construção civil e Agricultura, já mencionados anteriormente por serem reconhecidamente aqueles nos quais se verificam as maiores taxas de rotatividade do mercado de trabalho brasileiro. Por outro lado, o setor de Serviços também possui dois subsetores com as menores taxas de rotatividade do mercado de trabalho formal celetista brasileiro: o subsetor das instituições financeiras (11,8%) e, com 6,0 p.p. a mais, os serviços médicos, odontológicos e veterinários, com 17,8% (3).

⁵ Os setores da Construção Civil e Agricultura, segundo a classificação do IBGE, não possuem subsetores.

TABELA 1
Evolução do número de vínculos celetistas
de emprego no setor de Serviços, por grupo
Brasil - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2002	4.427.241	1.951.085	9.011.235	3.012.781	13.438.476	4.963.866
2003	4.408.647	1.861.484	9.203.484	3.003.020	13.612.131	4.864.504
2004	4.696.861	2.111.744	9.717.239	3.292.213	14.414.100	5.403.957
2005	5.068.278	2.257.230	10.310.763	3.610.252	15.379.041	5.867.482
2006	5.434.028	2.374.632	10.848.019	3.798.922	16.282.047	6.173.554
2007	5.948.410	2.623.429	11.567.642	4.175.227	17.516.052	6.798.656
2008	6.956.001	3.196.936	12.229.572	4.634.207	19.185.573	7.831.143
2009	6.928.675	2.961.835	12.868.956	4.786.409	19.797.631	7.748.244
2010	7.955.364	3.699.946	13.943.201	5.424.216	21.898.565	9.124.162
2011	8.739.132	4.045.461	14.938.119	5.843.602	23.677.251	9.889.063
2012	9.210.735	4.192.536	15.718.487	5.980.916	24.929.222	10.173.452
2013	9.537.658	4.221.652	16.270.035	6.138.018	25.807.693	10.359.670
2014	9.715.440	4.242.806	16.815.246	6.204.729	26.530.686	10.447.535

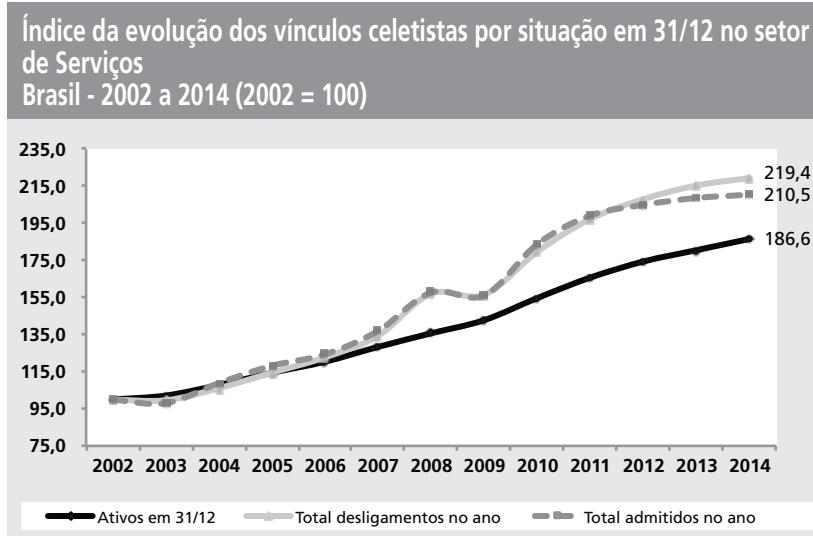
Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

No que tange à trajetória da taxa de rotatividade entre estes subsetores, nota-se que, enquanto administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos e profissionais vêm demonstrando redução paulatina das taxas de rotatividade, passando do patamar médio de 65,0%, pré-crise de 2008-2009, para alcançar 52,8%, em 2014, subsetores como transporte e comunicação e alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação apresentam trajetória crescente de taxas de rotatividade ao longo do período analisado, conforme o Gráfico 3⁶.

⁶ A Tabela 5 do Anexo traz a taxa de rotatividade global dos subsetores dos Serviços, para os vínculos celetistas. Em 2014, ela foi de 58,7%, para o setor e de: 77,1% para o subsetor de administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos e profissionais, 63,5% para alojamento, alimentação, reparação, manutenção e redação, 53,0% para transporte e comunicação, 36,5% para ensino, 34,5% para serviços médicos, odontológicos e veterinários e 27,6% para instituições financeiras.

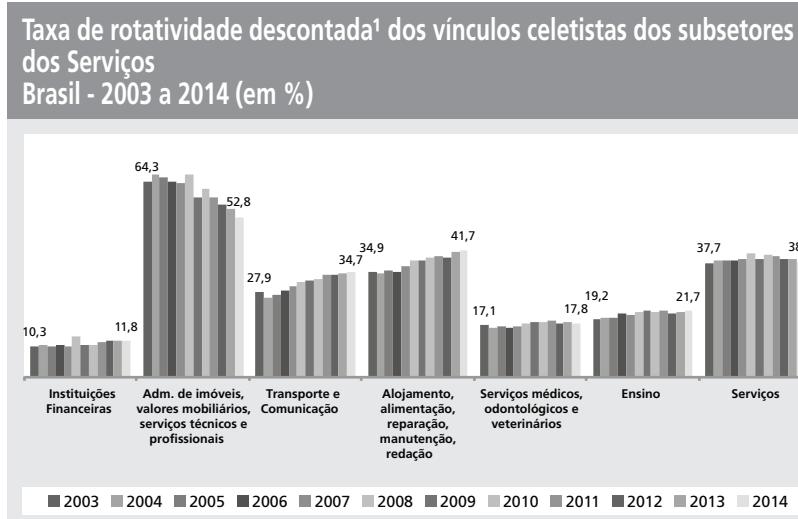
GRÁFICO 2



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 3



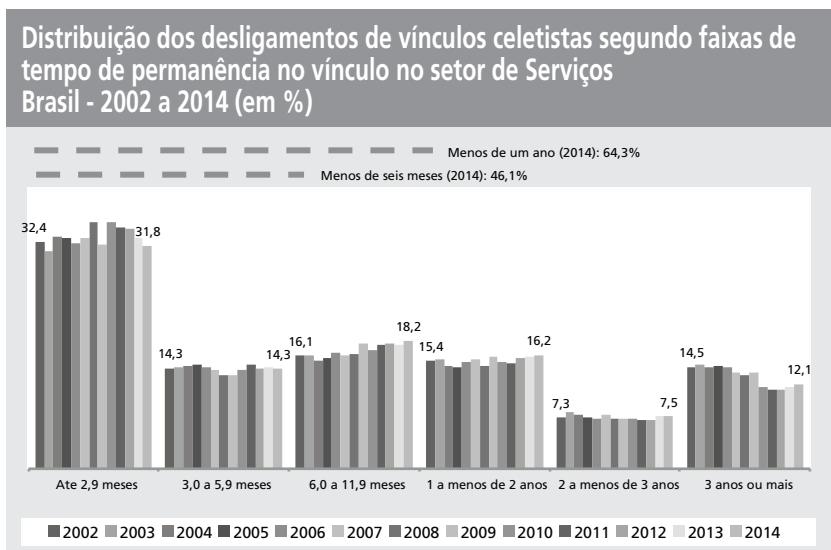
Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

Ao longo do período analisado, quase um terço dos vínculos celetistas desligados não tinha completado três meses de duração (Gráfico 4). Em 2009, a queda nos desligamentos ocorreu de forma mais intensa nesses vínculos de menor duração. Isso indica que o setor consegue, sem grandes empecilhos, ajustar o tamanho da sua força de trabalho às flutuações da economia, por meio de vínculos que não perduram. Isso significa que, em uma conjuntura de crescimento econômico e mercado de trabalho aquecido, a rotatividade pode aumentar, devido ao incremento no número de admissões de curta duração e dos desligamentos subsequentes. Em tempos de crise, por outro lado, as movimentações de vínculos tendem a se reduzir.

GRÁFICO 4



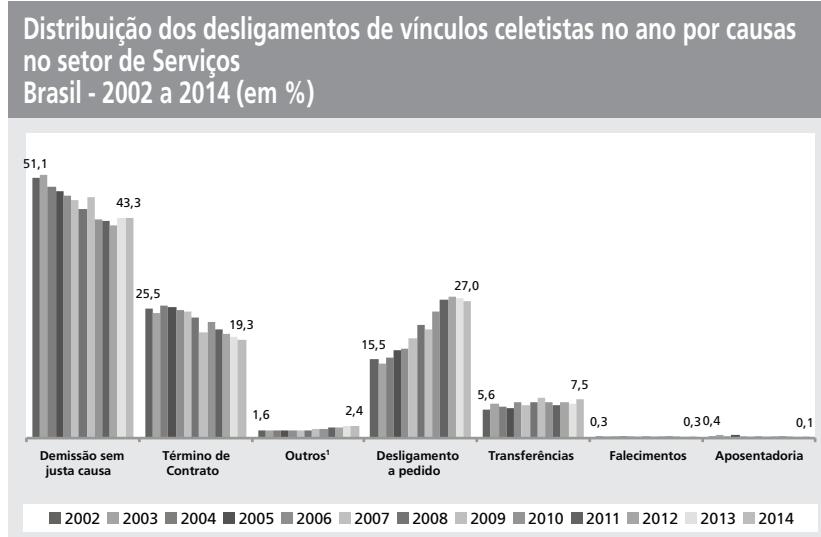
Fonte: MTPS. Rais
Elaboração: DIEESE

Um dos maiores indícios de que o mercado de trabalho no setor de Serviços esteve aquecido no período da análise é o forte crescimento da proporção de desligamentos a pedido do trabalhador, que passou de 15,5% para 27,0% do total dos desligamentos, entre 2002 e 2014. Ao mesmo tempo, ocorreu uma queda acentuada das demissões sem justa causa e por término de contrato. Em 2002, os términos de contrato eram a segunda maior causa de desligamento. Mas, a partir de 2009, a quantidade de desligamentos a pedido do trabalhador passou a ser maior do que o número de desligamentos por término de contrato (Gráfico 5).

O setor de Serviços conta com uma participação mais equilibrada de homens e mulheres. De fato, o setor destaca-se como o que concentra a maior

proporção de vínculos celetistas de trabalhadoras mulheres. A participação das mulheres tem aumentado no total de vínculos celetistas ativos em 31/12, e passou de 42,9%, em 2003, para 48,1%, em 2014 (Gráfico 6).

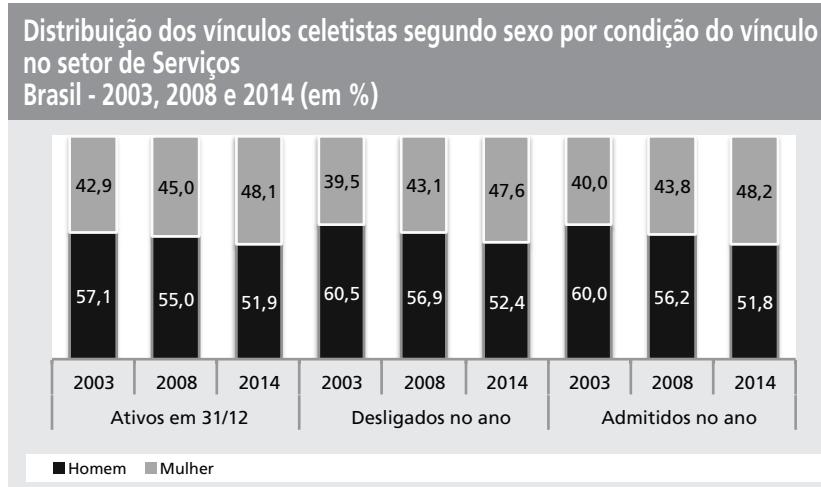
GRÁFICO 5



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 6



Fonte: MTPS. Rais

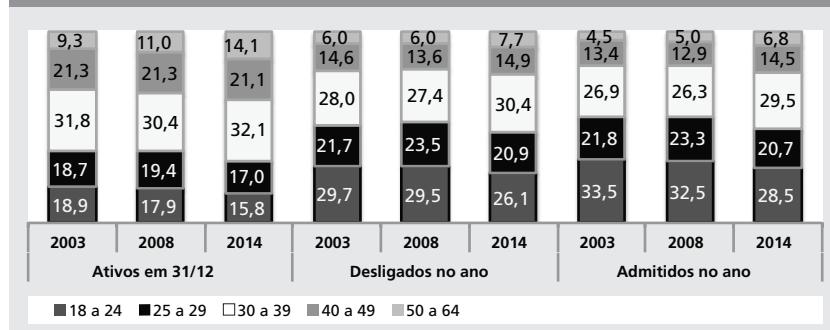
Elaboração: DIEESE

As mulheres estão menos sujeitas a desligamentos, conforme sugerem os dados, já que a proporção de vínculos desligados em relação aos ativos é menor para elas do que para os homens, nesse setor. Uma possível explicação para isso tem a ver com os postos de trabalho que as mulheres ocupam. Como a proporção de mulheres com nível superior completo é maior do que a de homens⁷, mais mulheres estão empregadas nos vínculos celetistas mais estáveis, o que é resultado de um maior nível de escolaridade, conforme dados apresentados mais à frente. Em 2014, a participação das mulheres, entre os admitidos no ano nos Serviços, ficou praticamente igual à participação delas no total dos vínculos ativos, com 48,2%.

Seguindo a tendência do mercado formal de trabalho, também houve aumento da idade média dos trabalhadores no setor de Serviços, com uma participação cada vez menor dos trabalhadores mais jovens nos vínculos celetistas. Ademais, são também os trabalhadores mais jovens os que estão mais sujeitos às movimentações no mercado de trabalho, conforme mostram os dados apresentados no Gráfico 7. Em 2014, 15,8% dos vínculos celetistas ativos eram de trabalhadores entre 18 e 24 anos. Mas eles representaram 26,1% do total de desligados e 28,5% dos admitidos no ano - diferença de mais de 10 pontos percentuais.

GRÁFICO 7

**Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa etária por condição do vínculo no setor de Serviços
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)**



Fonte: MTPS. Rais

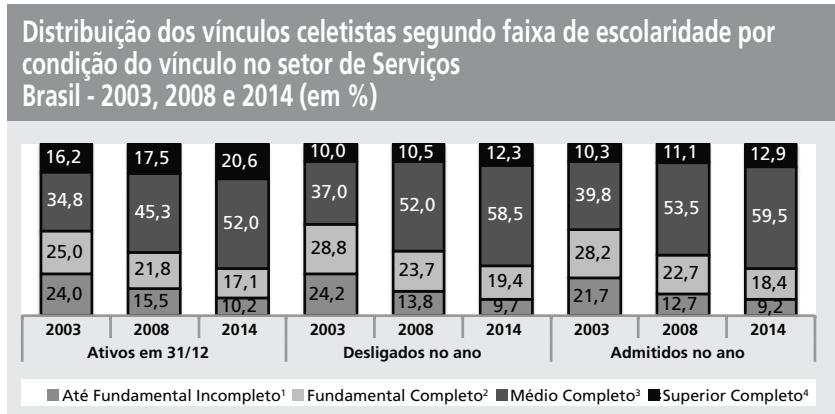
Elaboração: DIEESE

⁷ Em 2013, no setor de Serviços, 23,7% dos vínculos celetistas de mulheres eram de trabalhadoras com nível superior completo, contra 16,2% de homens.

No período analisado, a escolaridade média dos trabalhadores de todo o mercado de trabalho cresceu - e o mesmo ocorreu no setor de Serviços. Entre 2003 e 2014, o número de vínculos ativos de trabalhadores com ensino médio completo cresceu 173,5%, enquanto o de trabalhadores com fundamental incompleto caiu 22,2%.

Por incluir uma série de ocupações que exigem a conclusão de curso universitário, a escolaridade dos trabalhadores dos Serviços é relativamente elevada quando comparada à média do mercado de trabalho como um todo. Em 2014, quase um quinto dos vínculos ativos desse setor era ocupado por trabalhadores que possuíam, no mínimo, ensino superior completo (Gráfico 8)⁸. Mas os dados mostram que movimentações, admissões e desligamentos no ano ocorrem em maior proporção nos postos de trabalho ocupados pelos demais trabalhadores, isto é, por aqueles que têm, no máximo, o ensino médio completo. Isso explica, ao menos em parte, por que os trabalhadores mais jovens estão mais expostos à instabilidade no trabalho. Como eles ainda não tiveram tempo de adquirir maiores níveis de escolaridade, estão mais sujeitos a ocupar postos de trabalho potencialmente mais instáveis e com baixa atratividade nesse e em outros setores.

GRÁFICO 8



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui analfabetos; (2) Inclui ensino médio incompleto; (3) Inclui ensino superior incompleto; (4) Inclui mestrado e doutorado

A faixa de tamanho de estabelecimento que mais empregou, no setor de Serviços, foi a de 1.000 vínculos ou mais. No final de 2014, o estoque de

⁸ Em 2013, 62,5% dos vínculos celetistas de trabalhadores com ensino superior completo estavam empregados no setor de Serviços.

vínculos ativos nessa faixa era de mais de 3,2 milhões, representando 19,3% do total de vínculos ativos no setor (Tabela 2). Chama a atenção, contudo, que a proporção dos desligamentos é maior nos estabelecimentos de menor porte, com até quatro vínculos, tendência inversamente proporcional ao total de vínculos ativos nos estabelecimentos de maior porte, em particular, nos de 1.000 vínculos ou mais. Desse modo, os dados sugerem que os vínculos mais instáveis de emprego se encontram nos menores estabelecimentos.

TABELA 2
Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa de tamanho de estabelecimento
por condição do vínculo no setor de Serviços
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)

Faixa de tamanho de estabelecimento	Ativos em 31/12			Desligados no ano			Admitidos no ano		
	2003	2008	2014	2003	2008	2014	2003	2008	2014
Até 4	10,2	9,1	8,9	18,3	14,6	15,8	12,1	10,1	10,6
De 5 a 9	9,6	9,1	9,3	8,1	7,4	8,3	8,8	8,0	8,8
De 10 a 19	10,4	10,0	10,3	9,2	8,9	10,1	9,9	9,5	10,5
De 20 a 49	14,4	14,1	14,2	12,7	12,9	14,1	13,5	13,5	14,4
De 50 a 99	10,1	9,7	9,8	9,9	9,8	10,1	10,2	10,0	10,4
De 100 a 249	12,3	11,4	11,2	13,6	13,0	11,4	14,2	13,2	11,8
De 250 a 499	9,9	9,3	8,7	9,4	10,1	8,0	10,1	10,1	8,3
De 500 a 999	9,6	9,2	8,3	8,0	7,9	7,0	8,9	8,6	7,4
1000 ou Mais	13,6	18,1	19,3	10,7	15,5	15,3	12,3	16,9	17,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTPS. Rais

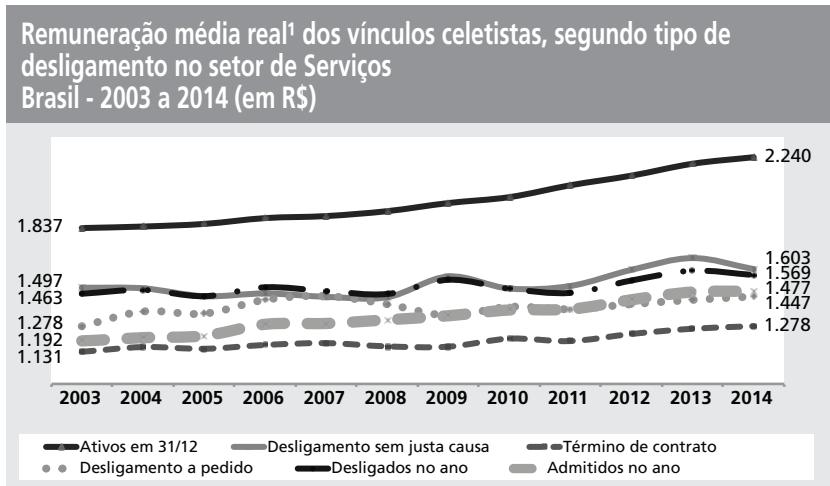
Elaboração: DIEESE

A remuneração média do setor de Serviços é maior do que a média do mercado de trabalho celetista. Entre 2003 e 2014, as remunerações do setor cresceram, em média, 1,8% ao ano, passando de R\$ 1.837 para R\$ 2.240, em valores constantes de 2014 (Gráfico 9). Apesar de ser uma remuneração média ligeiramente maior do que a média brasileira (R\$ 2.130), esse crescimento foi menor do que o de todos os setores juntos, que subiu 2,3% no mesmo período, sinalizando uma dinâmica de crescimento maior da remuneração em outros setores.

As remunerações médias dos vínculos desligados, independentemente do tipo de desligamento, são menores do que as dos vínculos ativos. E a distância entre elas tem crescido com o passar dos anos. Em 2003, os desligados ganhavam, em média, 79,6% da remuneração de um vínculo ativo (R\$ 1.463 contra R\$ 1.837). Em 2014, a remuneração média dos desligados equivalia a 70,1% da média das remunerações dos vínculos ativos. Mais uma vez, evidencia-se que os desligamentos estão concentrados nas ocupações menos favoreci-

das, em termos de remuneração. A rotatividade, nesse caso, acaba por piorar ainda mais as condições desses trabalhadores, pois impede que eles acumulem os reajustes de salários possibilitados por vínculos mais duradouros.

GRÁFICO 9



Fonte: MTPS. Raís

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Para os vínculos ativos em 31/12, refere-se à remuneração média real em dezembro, a preços do INPC/BGE em dez/2014. Para os demais vínculos, refere-se à remuneração média do ano, a preços do INPC/BGE médio de 2014

Obs.: Dados referentes às causas de desligamentos mais incidentes no mercado de trabalho celetista

A observação da remuneração média do setor, segundo o tipo de movimentação no mercado de trabalho, reproduz o que foi observado para o total dos vínculos, ou seja: a) a remuneração média dos admitidos no ano é ligeiramente inferior à remuneração média dos desligados em cada ano, ainda que esta diferença esteja se reduzindo - um vínculo admitido em 2014 teve uma remuneração média de R\$ 1.477, contra R\$ 1.569 de um trabalhador desligado; b) a remuneração média dos desligados por iniciativa do empregador, sem justa causa, é mais elevada, entre os tipos de desligamento analisados (R\$ 1.603, em 2014), seguida das dispensas a pedido do trabalhador (R\$ 1.447). Nos desligamentos por término de contrato foi verificada a menor remuneração do setor - R\$ 1.278.

2.2 Comércio

O setor do Comércio é reconhecido pela sua sensibilidade a flutuações no nível de atividade, já que ele é especialmente afetado pela disponibilidade de renda das famílias e também do crédito. Ademais, é um setor cuja dinâmica de contratação e desligamento também está atrelada à sazonalidade.

O setor demanda uma grande quantidade de trabalhadores no país e responde por quase um quarto dos empregos formais. Na comparação com os demais setores, é caracterizado por um maior equilíbrio relativo da participação de homens e mulheres no emprego. Trata-se de um setor que oferece inúmeras oportunidades de inserção em ocupações que não exigem qualificação ou experiência prévia, atraindo assim muitos jovens em início de carreira. No entanto, os trabalhadores desse setor encaram extensas jornadas de trabalho e muitas vezes trabalham aos domingos e feriados.

A quantidade de vínculos celetistas no Comércio teve crescimento superior à média e praticamente dobrou de tamanho entre 2002 e 2014, chegando a mais de 9,7 milhões de vínculos ativos em dezembro de 2014 (Tabela 3). O setor tornou-se o segundo com maior participação no total de empregos formais no país, com quase um quarto dos postos (24,0%).

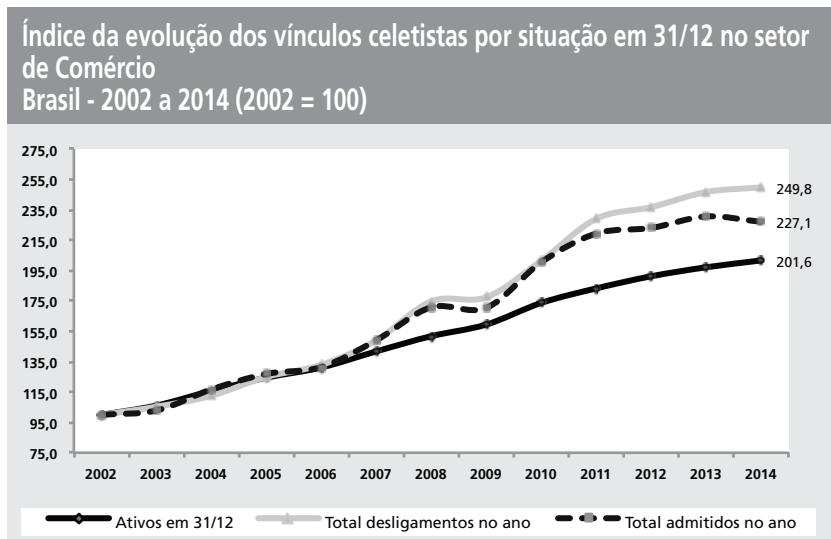
TABELA 3
Evolução do número de vínculos celetistas de emprego
no setor de Comércio, por grupo
Brasil - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2002	2.438.645	843.610	4.824.538	1.989.877	7.263.183	2.833.487
2003	2.568.191	865.179	5.117.644	2.047.984	7.685.835	2.913.163
2004	2.744.616	966.994	5.584.604	2.339.642	8.329.220	3.306.636
2005	3.047.451	1.080.724	6.003.660	2.515.161	9.051.111	3.595.885
2006	3.240.974	1.116.536	6.327.259	2.607.081	9.568.233	3.723.617
2007	3.634.839	1.296.989	6.839.427	2.927.780	10.474.266	4.224.769
2008	4.261.202	1.618.248	7.322.562	3.222.094	11.583.764	4.840.342
2009	4.326.069	1.568.344	7.691.297	3.260.160	12.017.366	4.828.504
2010	4.913.393	1.944.827	8.378.891	3.734.299	13.292.284	5.679.126
2011	5.586.858	2.251.916	8.840.296	3.963.543	14.427.154	6.215.459
2012	5.773.289	2.351.355	9.225.156	3.968.682	14.998.445	6.320.037
2013	6.016.038	2.450.155	9.510.834	4.084.013	15.526.872	6.534.168
2014	6.090.846	2.414.671	9.727.950	4.018.789	15.818.796	6.433.460

Fonte: MTPS. Rais
Elaboração: DIEESE

As movimentações de vínculos celetistas - admissões e desligamentos - cresceram em ritmo mais forte do que o estoque de vínculos ativos em 31/12, em particular após 2006. Em 2014, foram computados 6,4 milhões de admissões e 6,1 milhões de desligamentos. Embora a quantidade de vínculos ativos tenha mantido trajetória de crescimento ao longo de todo o período da análise, houve uma desaceleração das movimentações, tanto de admissão quanto de desligamentos, em 2009, indicando que o setor sofreu os impactos da crise internacional (Gráfico 10).

GRÁFICO 10



Fonte: MTPS. Rais

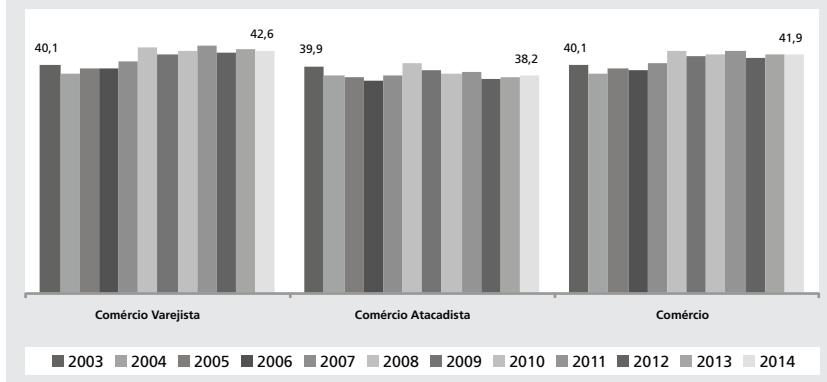
Elaboração: DIEESE

As taxas de rotatividade descontada dos vínculos celetistas nos subsetores do Comércio mostram maior rotatividade no subsetor do comércio varejista do que no atacadista. Em 2014, as taxas de rotatividade desses subsetores foram de 42,6% e 38,2%, respectivamente. Em relação a 2003, uma trajetória de pequeno incremento da taxa de rotatividade, de 2,5 p.p., é percebida no comércio varejista, o que não se verifica no atacadista, que registra pequena queda na taxa de rotatividade descontada dos celetistas, de 1,7 p.p., conforme mostra o Gráfico 11⁹.

9 A Tabela 6 do Anexo traz a taxa de rotatividade global dos vínculos celetistas nos subsetores do Comércio. Em 2014, o setor apresentou taxa global de 63,3%, enquanto o comércio varejista registrou 64,9% e o atacadista, 55,4%.

GRÁFICO 11

Taxa de rotatividade descontada¹ dos vínculos celetistas dos subsetores do Comércio Brasil - 2003 a 2014 (em %)



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

Entre 2002 e 2014, os desligamentos foram se concentrando cada vez mais nos vínculos de curta duração, conforme atestam os dados apresentados no Gráfico 12. A maioria dos vínculos desligados tinha menos de um ano. Os vínculos desligados com menos de três meses foram os que cresceram em maior ritmo, passando de 22,7% para 29,3% do total de desligamentos, entre 2002 e 2014.

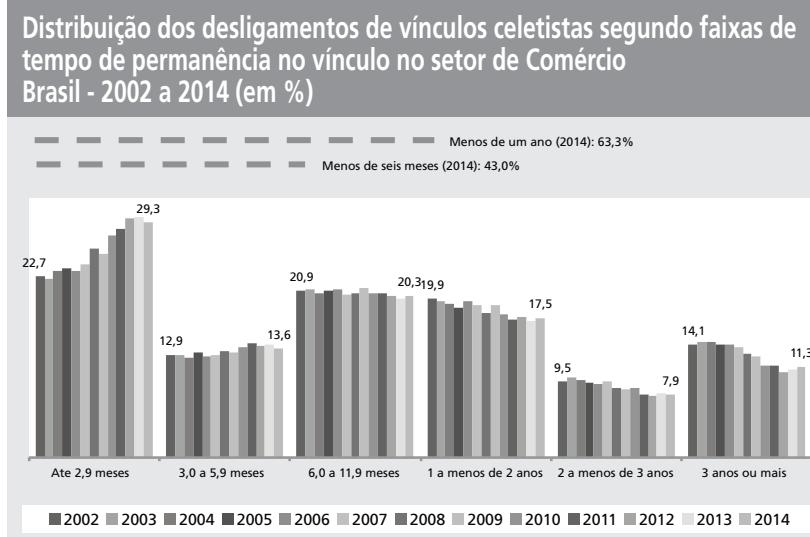
Os desligamentos sem justa causa por iniciativa do empregador responderam por quase metade do total de desligamentos do setor (49,8%, em 2014), percentual alinhado com a média verificada para o total do mercado de trabalho (48,7%). Importante destacar que, em 2002, o percentual de desligamentos sem justa causa era de 65,5% (contra 56,0% do total do emprego celetista), o que mostra um declínio bastante acentuado de participação desta forma de desligamento. Os desligamentos por término de contrato tiveram um aumento de 4,7 p.p. de participação, mas estão abaixo da média do mercado brasileiro (Gráfico 13, p. 74).

Já os desligamentos a pedido do trabalhador apresentaram a mesma dinâmica verificada para o total do mercado de trabalho: crescimento de mais de 10 p.p. no período, alcançando 26,8% em 2014.

O setor do Comércio destaca-se pelo equilíbrio no número de vínculos ocupados por homens e mulheres (Gráfico 14, p. 74). Entre 2003 e 2014, a participação das mulheres nos vínculos ativos subiu de 38,4% para 44,3%, a despeito dos desafios que essas trabalhadoras enfrentam para conciliar as lon-

gas jornadas que o setor muitas vezes impõe com as tarefas familiares e domésticas, que pesam mais sobre elas. Além disso, as mulheres também estão ligeiramente mais sujeitas à movimentação de vínculos do que os homens, já que a parcela de vínculos desligados e admitidos no ano é proporcionalmente maior para elas, ainda que por pequena diferença.

GRÁFICO 12



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

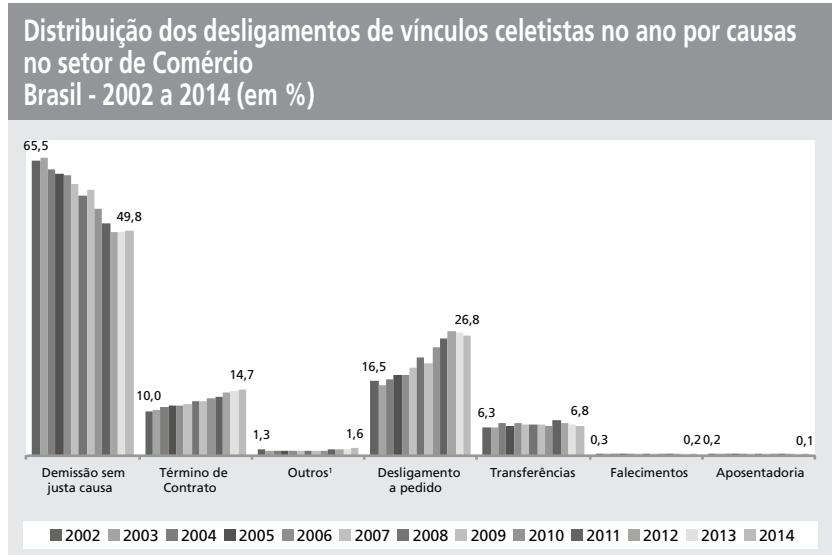
O setor do Comércio é considerado importante porta de entrada no mercado de trabalho para os jovens, embora essa concentração tenha caído acen-tuadamente em anos recentes. Em 2003, 54,5% dos vínculos celetistas ativos eram ocupados por trabalhadores entre 18 e 29 anos, mas essa proporção caiu para 46,0%, em 2014 (Gráfico 15, p. 75). Esses percentuais foram de 41,8%, em 2003, e 36,0%, em 2014, para o total do mercado de trabalho celetista. Essa concentração de jovens no setor pode ser justificada pela grande quantidade de ocupações que exigem pouca qualificação ou experiência e oferecem baixas remunerações.

Um dos desafios que esses jovens acabam enfrentando, no entanto, é o de conciliar o trabalho com os estudos, já que o setor tem jornadas que, muitas vezes, envolvem o trabalho aos finais de semana e feriados.

Quase 60% das movimentações anuais no setor ocorrem entre os trabalhadores com até 29 anos. Apesar de os trabalhadores na faixa entre 18 e 24 anos, em 2014, ocuparem 26,3% dos vínculos celetistas, 37,7% de todos os desligamentos ocorreram com trabalhadores dessa faixa etária, e 40,0% das admissões. Isso acontece, em parte, por causa das características das ocupações

em que os jovens se inserem, que, por exigirem pouco treinamento, favorecem práticas que levam à rotatividade da mão de obra.

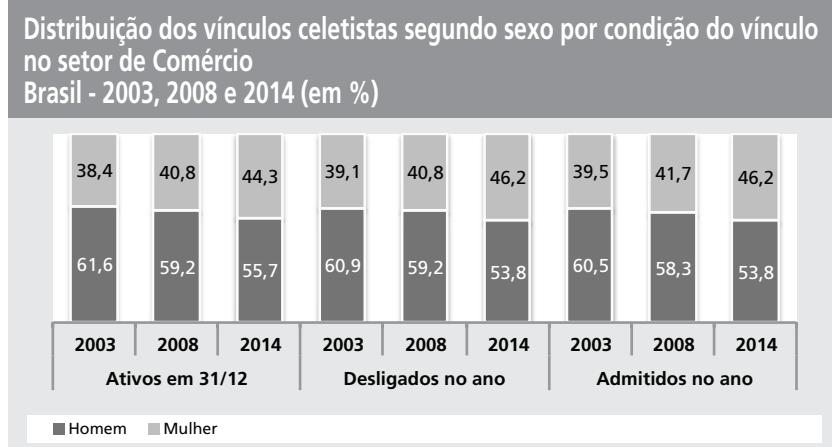
GRÁFICO 13



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 14

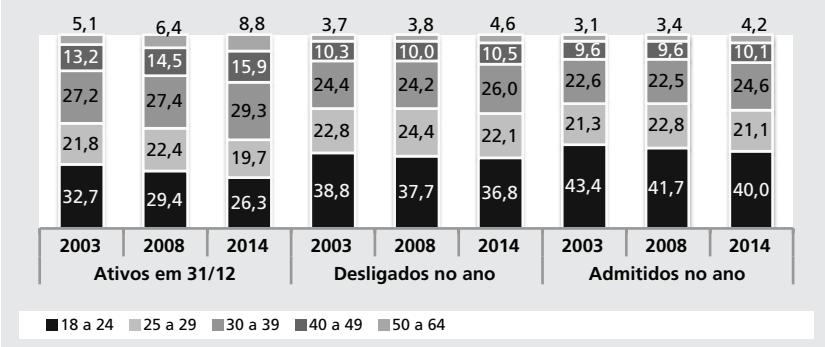


Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 15

**Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa etária por condição do vínculo no setor de Comércio
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)**



Fonte: MTPS. Rais

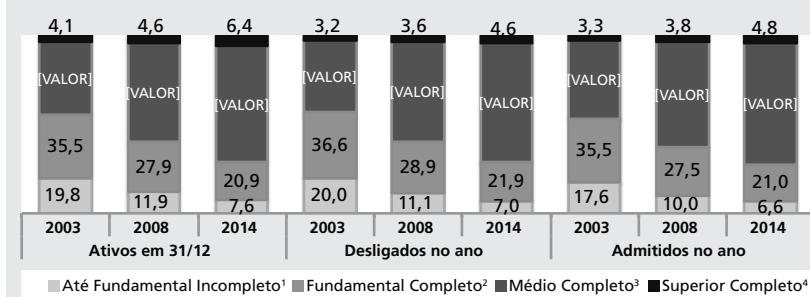
Elaboração: DIEESE

Como já destacado anteriormente, o período recente é caracterizado por um crescimento expressivo da escolaridade da população brasileira, especialmente os mais jovens. Devido à alta concentração de trabalhadores mais jovens no Comércio, houve forte aumento da escolaridade dos trabalhadores desse setor. A maioria dos vínculos passou a ser ocupada por trabalhadores na faixa dos que possuem ensino médio completo - eles somaram 65,1% do total dos vínculos ativos, em 2014. Atingir níveis mais altos de escolaridade garante maior estabilidade apenas para aqueles que completaram o ensino superior. Para os demais trabalhadores, outros fatores parecem ter maior peso para a estabilidade - como a idade do trabalhador, por exemplo (Gráfico 16).

O setor do Comércio é composto tanto por grandes redes quanto por quantidade significativa de micro e pequenas empresas. A maior parte dos vínculos se encontra nos estabelecimentos com menos de 50 vínculos. Em 2003, 77,9% dos vínculos estavam nessa faixa de tamanho de estabelecimentos (Tabela 4). Em 2014, a proporção havia caído para 71,7%. Isoladamente, a faixa com maior participação dos vínculos ativos, nos anos abrangidos pela análise, foi a de estabelecimentos com até quatro vínculos. Mas essa faixa também é a que tem maior instabilidade nos vínculos, com maior participação relativa dos desligamentos. Em 2014, enquanto esta faixa correspondia à 18,4% dos vínculos ativos do setor, ela foi responsável por 23,6% dos desligamentos no ano. Simultaneamente, as faixas de estabelecimentos de maior porte possuem maior participação no estoque de vínculos ativos de cada ano e, proporcionalmente, menor participação nas movimentações de vínculos de cada ano.

GRÁFICO 16

**Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa de escolaridade por condição do vínculo no setor de Comércio
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)**



Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui analfabetos; (2) Inclui ensino médio incompleto; (3) Inclui ensino superior incompleto; (4) Inclui mestrado e doutorado

TABELA 4

**Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa de tamanho de estabelecimento por condição do vínculo no setor de Comércio
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)**

Faixa de tamanho de estabelecimento	Ativos em 31/12			Desligados no ano			Admitidos no ano		
	2003	2008	2014	2003	2008	2014	2003	2008	2014
Até 4	22,7	19,8	18,4	33,7	27,6	23,6	25,9	21,4	18,7
De 5 a 9	19,7	18,1	17,6	16,9	15,9	15,5	19,4	17,6	17,0
De 10 a 19	18,9	18,3	17,9	16,5	16,9	17,1	18,5	18,4	18,3
De 20 a 49	16,6	17,5	17,8	14,6	16,5	17,4	16,2	17,8	18,3
De 50 a 99	8,8	9,9	9,8	7,7	9,4	9,7	8,5	10,0	10,1
De 100 a 249	7,9	9,3	10,6	6,7	8,5	10,0	7,3	8,9	10,5
De 250 a 499	3,7	4,6	4,7	2,8	3,6	4,2	3,1	4,0	4,5
De 500 a 999	1,1	1,4	1,9	0,8	1,0	1,5	0,8	1,1	1,7
1000 ou Mais	0,6	1,1	1,3	0,3	0,6	0,9	0,3	0,7	0,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTPS, Rais

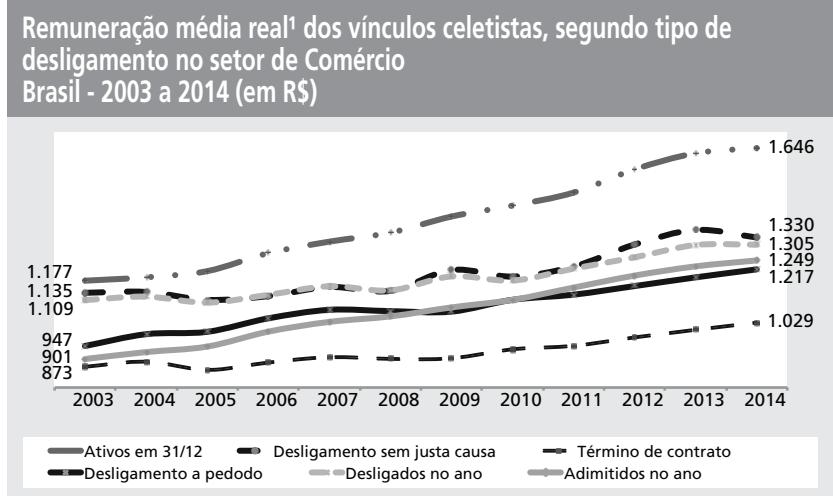
Elaboração: DIEESE

O Comércio é caracterizado por ter uma remuneração média inferior à dos demais setores. Com R\$ 1.646, em 2014, é a segunda menor remuneração média dos vínculos ativos, entre os setores analisados. Fica atrás apenas da Agropecuária.

De acordo com os dados, exibidos no Gráfico 17, entre os vínculos ativos, houve aumento de 3,1% da remuneração média real ao ano, que passou de

R\$ 1.177, em 2003, para R\$ 1.646, em 2014 - crescimento superior ao obtido pela média do mercado de trabalho como um todo (2,3%). Porém, a remuneração média dos vínculos desligados não acompanhou o ritmo de crescimento dos vínculos ativos no setor. Isso reforça as indicações observadas anteriormente, ou seja, de que os trabalhadores mais vulneráveis à instabilidade são os que gozam das menores remunerações, enquanto a alta rotatividade impede que uma parcela importante de trabalhadores nesse setor desfrute de aumentos salariais, que ocorrem com mais frequência em empregos estáveis. Em 2014, a remuneração média de um trabalhador desligado no Comércio foi de R\$ 1.305, o que equivalia a 79,3% da remuneração de um trabalhador que estava ativo em 31/12. Entre todos os setores analisados, a remuneração média dos vínculos rompidos por término de contrato no setor do Comércio foi a menor encontrada, de R\$ 1.029, em 2014.

GRÁFICO 17



Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Para os vínculos ativos em 31/12, refere-se à remuneração média real em dezembro, a preços do INPC/IBGE em dez/2014. Para os demais vínculos, refere-se à remuneração média do ano, a preços do INPC/IBGE médio de 2014

Obs.: Dados referentes às causas de desligamentos mais incidentes no mercado de trabalho celetista

Por contar com uma parcela significativa da população jovem presente no mercado de trabalho, os desafios do setor refletem os desafios da população mais jovem, isto é, instabilidade no emprego, inserção no mercado de trabalho por meio de atividades de baixa remuneração, persistência de baixas remunerações devido à alta rotatividade e dificuldades para conciliar a jornada de trabalho com os estudos e afazeres domésticos.

2.3 Indústria de transformação

A Indústria de transformação é composta por uma ampla variedade de atividades econômicas. As empresas desse setor atuam ao longo de diversas cadeias produtivas e o tamanho delas varia de microempresas a enormes fábricas e instalações. A maioria dos vínculos formais ativos, no entanto, está concentrada em estabelecimentos com 100 vínculos ou mais.

Em dezembro de 2014, o setor contava com 8,2 milhões de vínculos ativos, crescimento médio de 3,8% ao ano em relação a dezembro de 2002 (Tabela 5). As admissões e os desligamentos, no entanto, cresceram 4,4% e 5,5%, respectivamente e, portanto, em ritmo mais forte do que o crescimento do estoque de ativos (Gráfico 18). Isso equivale a dizer que uma parcela cada vez maior de trabalhadores nesse setor tem passado por algum tipo de movimentação - admissão ou demissão, ao longo do ano. Em 2014, os desligamentos corresponderam a 51,5% dos vínculos celetistas ativos.

TABELA 5
Evolução do número de vínculos celetistas de emprego
no setor de Indústria de transformação, por grupo
Brasil - 2002 a 2014

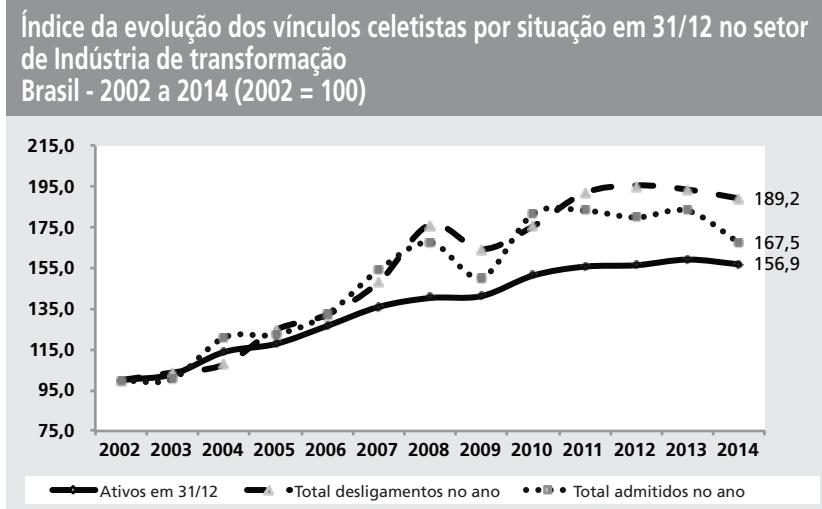
Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2002	2.223.086	818.394	5.208.340	1.673.671	7.431.426	2.492.065
2003	2.306.236	839.205	5.354.607	1.666.811	7.660.843	2.506.016
2004	2.393.511	976.684	5.925.757	2.037.142	8.319.268	3.013.826
2005	2.771.501	1.053.261	6.132.376	1.996.373	8.903.877	3.049.634
2006	2.938.367	1.122.763	6.593.367	2.173.496	9.531.734	3.296.259
2007	3.291.463	1.327.563	7.080.718	2.512.300	10.372.181	3.839.863
2008	3.920.420	1.630.645	7.309.587	2.546.108	11.230.007	4.176.753
2009	3.652.977	1.315.607	7.358.814	2.431.898	11.011.791	3.747.505
2010	3.903.784	1.670.354	7.883.516	2.857.957	11.787.300	4.528.311
2011	4.266.980	1.769.338	8.111.923	2.798.029	12.378.903	4.567.367
2012	4.349.875	1.765.537	8.147.536	2.717.802	12.497.411	4.483.339
2013	4.304.047	1.784.682	8.292.222	2.779.970	12.596.269	4.564.652
2014	4.206.650	1.650.280	8.170.545	2.523.325	12.377.195	4.173.605

Fonte: MTPS. Rais
Elaboração: DIEESE

O ano de 2009 apresentou uma inflexão da trajetória de crescimento do estoque de trabalhadores no setor. A queda dos vínculos ativos nesse ano foi acompanhada de uma redução na quantidade de admissões e demissões, que

também vinha crescendo. Esse desaquecimento do mercado de trabalho já havia começado em 2008, quando o número de demissões aumentou 20% em relação ao ano anterior, indicando que o setor sentiu os impactos da crise econômica iniciada nesse ano. Em 2014 também houve redução do estoque de vínculos ativos em relação ao ano anterior, com uma queda do número de desligamentos e ainda maior de admissões (Gráfico 18).

GRÁFICO 18



Fonte: MTPS, Rais.

Elaboração: DIEESE

Em 2014, a taxa de rotatividade descontada no mercado celetista no setor da Indústria de transformação foi inferior à média do total do emprego (35,6% contra 43,1%). Apenas um subsetor da Indústria de transformação apresentou taxa de rotatividade superior aos 43,1%, que foi o setor calçadista, com 47,3%. Além deste, outros sete subsetores tiveram uma taxa de rotatividade superior à média do setor neste ano. A indústria mecânica (40,8%) e metalúrgica (38,1%) registraram as maiores. Por sua vez, quatro subsetores tiveram taxas de rotatividade inferiores à média setorial. As menores foram verificadas na indústria do material de transporte (25,1%) e papel e gráfica (28,5%) - Gráfico 19¹⁰.

10 A Tabela 7 do Anexo traz a taxa de rotatividade global dos vínculos celetistas para os subsetores da Indústria de transformação. O setor apresentou taxa global de 50,7%, em 2014. Os subsetores apresentaram: 60,0%, na indústria calçadista, 63,3% na indústria de alimentos e bebidas, 55,4% no subsetor de madeira e mobiliário, 53,9% na indústria têxtil, 52,2% no subsetor de produtos minerais não metálicos, 52,0% na indústria mecânica, 51,1% em borracha, fumo, couros, 47,7% na indústria metalúrgica, 44,5% na indústria química, 43,1% no setor elétrico e comunicação, 40,2% em papel e gráfica e 27,5% no material de transporte.

GRÁFICO 19

Taxa de rotatividade descontada¹ dos vínculos celetistas dos subsetores da Indústria de transformação Brasil - 2014 (em %)

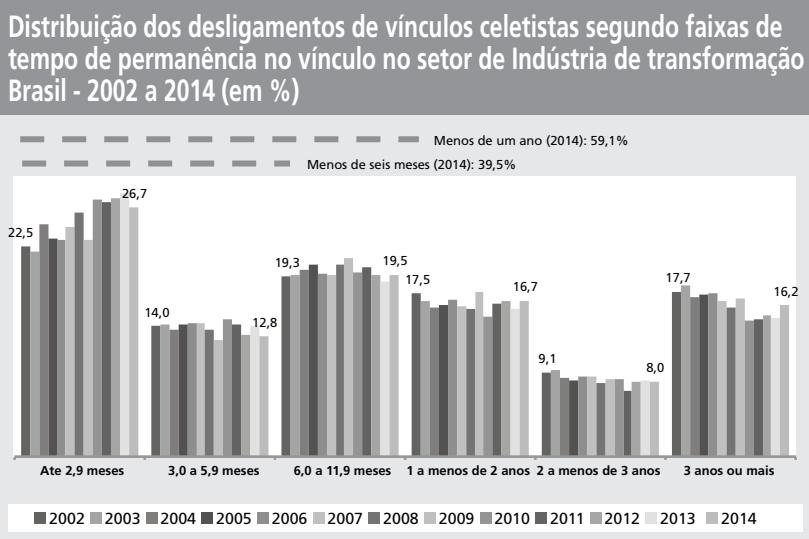


Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

A maioria dos desligamentos ocorre com menos de um ano de permanência no emprego. Em 2002, 55,8% dos vínculos desligados não haviam completado nem o primeiro aniversário. Em 2014, 59,1% dos vínculos desligados tinham menos de um ano (Gráfico 20). Isso ocorreu devido ao aumento substancial da proporção de trabalhadores desligados com menos de três meses de permanência no vínculo - equivalente ao período de experiência, de 90 dias - que passou de 22,5% para 26,7% do total de desligamentos. Essa proporção, no setor de Indústria de transformação, ainda permaneceu abaixo da proporção apresentada pelo mercado de trabalho formal como um todo, para o qual, em 2014, ficou em 30,2%. No entanto, a diferença entre o que ocorre na Indústria de transformação e o total de vínculos do mercado de trabalho tem diminuído ao longo do período estudado, evidenciando que o setor tem contribuído cada vez menos para a instabilidade no trabalho. Além disso, enquanto os vínculos de menor duração aumentaram significativamente, aqueles com duração de dois anos ou mais reduziram a participação no total de desligamentos, mas, desde 2010, a maioria dos desligamentos passou a ocorrer nos vínculos com até três meses, o que contribuiu para o aumento da rotatividade no setor.

GRÁFICO 20

Fonte: MTPS. Rais

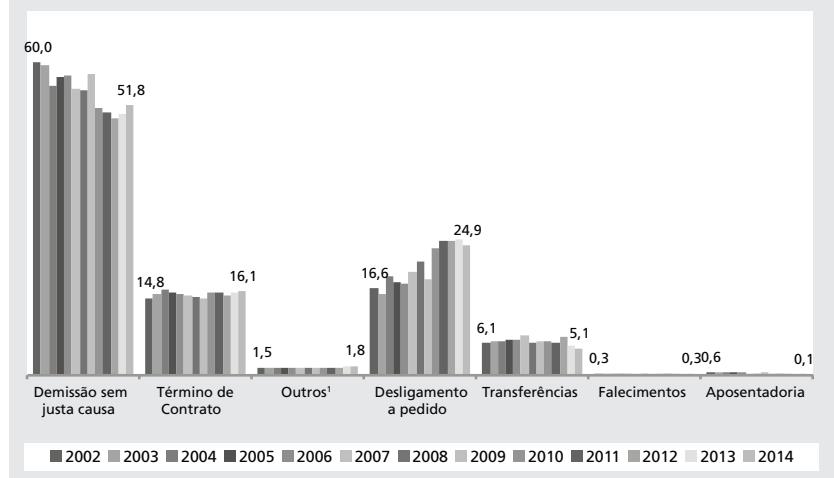
Elaboração: DIEESE

De modo geral, pode-se verificar que a estrutura dos desligamentos, segundo tipo, não diverge muito entre a Indústria de transformação e a totalidade do mercado de trabalho. A demissão sem justa causa é a que possui maior participação no total de desligamentos do setor (Gráfico 21). Contudo, entre 2002 e 2014, houve tendência de queda da proporção desse tipo de desligamento, que foi de 60,0% para 51,8% - redução de 8,2 p.p. Essa redução deu lugar para, no mesmo período, um aumento de mesma magnitude na quantidade de desligamentos a pedido do trabalhador, que passaram de 16,6% para 24,9%, ou seja, crescimento de 8,3 p.p.

Como mencionado anteriormente, a trajetória de crescimento da participação dos desligamentos a pedido do trabalhador parece relacionada à melhoria da economia e do mercado de trabalho. Considerando os impactos da crise econômica em 2009 sobre o mercado de trabalho no setor da Indústria de transformação, essa hipótese é corroborada. As demissões sem justa causa seguiram tendência de queda até 2008, quando representavam 54,7% de todos os desligamentos. Mas, em 2009, essa proporção saltou para 58,0%, retomando, no entanto, a trajetória de queda a partir do ano seguinte. Em paralelo, os desligamentos a pedido também sofreram inflexão, em sentido oposto, caindo de 856.216, em 2008, para 677.097, em 2009, o que significou queda na participação no total de desligamentos, de 21,8% para 18,5%, de um ano para o outro. Entretanto, logo em seguida, a partir de 2010, os desligamentos a pedido já retomaram o crescimento.

GRÁFICO 21

**Distribuição dos desligamentos de vínculos celetistas no ano por causas no setor de Indústria de transformação
Brasil - 2002 a 2014 (em %)**



Fonte: MTPS. Rais

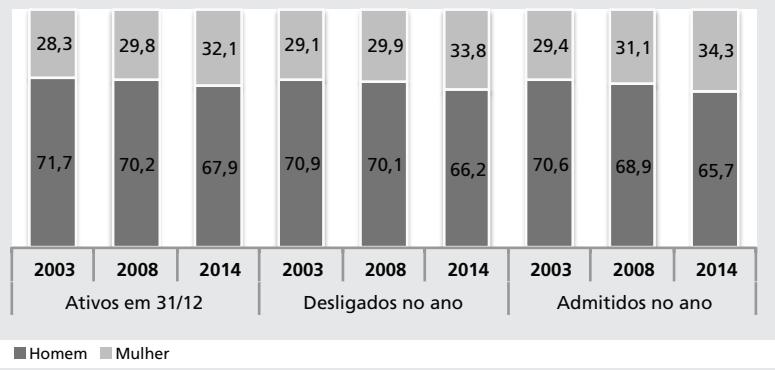
Elaboração: DIEESE

Os trabalhadores da Indústria de transformação são predominantemente homens e a participação das mulheres nesse setor converge com a média do mercado de trabalho. No entanto, entre 2003 e 2014, as mulheres aumentaram a participação no setor, passando de 28,3% para 32,1% (Gráfico 22). Em contrapartida, os dados também indicam que, nesse setor, as mulheres ocupam postos de trabalho potencialmente mais instáveis, já que a proporção delas nos desligamentos é relativamente maior do que a proporção de mulheres nos vínculos ativos - de 33,8%, em 2014. Elas possuem participação relativamente maior também nas admissões no ano, com 34,3%, sinalizando movimentação ligeiramente mais acentuada para as trabalhadoras.

Seguindo a tendência do mercado de trabalho como um todo, a estrutura etária dos trabalhadores do setor da Indústria de transformação passou por uma mudança. Enquanto a parcela de vínculos celetistas de emprego ocupados por pessoas com idade entre 18 e 29 anos caiu de 44,0%, em 2003, para 36,1%, em 2014, os vínculos de trabalhadores com idade entre 40 e 64 anos aumentaram a participação de 25,0% para 32,0%, no mesmo período (Gráfico 23).

GRÁFICO 22

**Distribuição dos vínculos celetistas segundo sexo por condição do vínculo no setor de Indústria de transformação
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)**

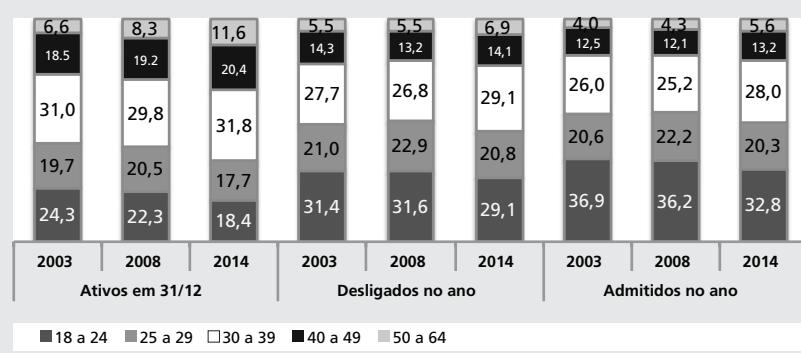


Fonte: MTPS. Raís

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 23

**Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa etária por condição do vínculo no setor de Indústria de transformação
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)**



Fonte: MTPS. Raís

Elaboração: DIEESE

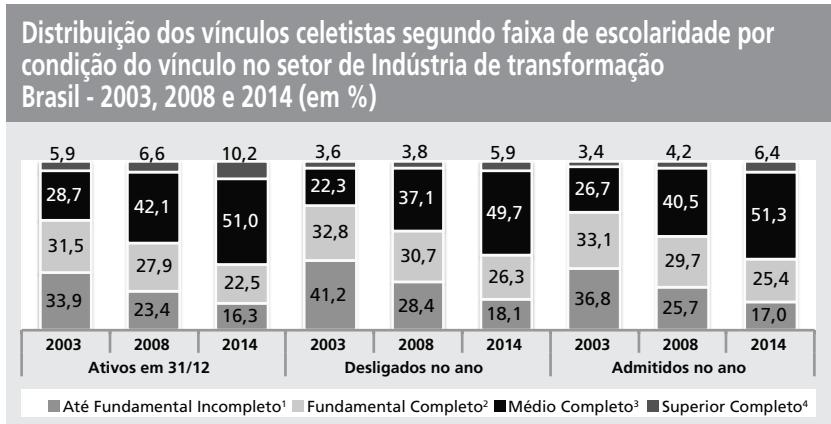
O perfil dos desligados revela que os mais jovens são os trabalhadores que estão mais suscetíveis às movimentações no mercado de trabalho. Cerca da metade dos desligamentos ocorreu entre os trabalhadores com até 29 anos, em 2003, 2008 e 2014. E, embora os trabalhadores com até 24 anos representassem menos de 20% do total de vínculos ativos no setor, em 2014, 29,1% dos

desligados nesse mesmo ano pertenciam a esse grupo etário, assim como 32,8% dos admitidos no ano.

Houve marcante melhora da escolaridade dos trabalhadores da Indústria de transformação, também em consonância com o aumento geral do nível de escolaridade em períodos recentes. Os vínculos de trabalhadores com até o ensino médio incompleto representavam 65,4% do total de vínculos em 2003, mas essa proporção caiu para 38,8%, em 2014.

Quando se observa a dinâmica de movimentação dos vínculos, nota-se que, embora com uma magnitude pequena, existe uma participação ligeiramente maior dos vínculos com as menores faixas de escolaridade entre os admitidos e desligados no ano. Assim, enquanto em 2014, 38,8% dos vínculos ativos na indústria de transformação eram de trabalhadores com até o ensino fundamental incompleto, estes respondiam por 44,4% dos desligamentos e por 42,4% das admissões no ano.

GRÁFICO 24



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui analfabetos; (2) Inclui ensino médio incompleto; (3) Inclui ensino superior incompleto; (4) Inclui mestrado e doutorado

Os dados da Rais revelam ainda uma concentração dos vínculos celetistas de empregos nos estabelecimentos da Indústria de transformação, com 1.000 vínculos ou mais, em todos os anos analisados. Em 2014, os estabelecimentos com 1.000 empregados ou mais foram os maiores empregadores de vínculos formais: contando com 21,0% do total dos vínculos do setor (Tabela 6).

Os dados da Rais ainda reforçam a tendência já observada, também nos setores analisados anteriormente, de que os estabelecimentos maiores, enquanto obtêm maior participação nos vínculos que permanecem ativos em 31/12, possuem participação proporcionalmente menor na movimentação dos

vínculos no decorrer do ano, ou seja, na admissão e no desligamento. Em outras palavras, os estabelecimentos menores possuem um perfil maior na instabilidade relativa dos vínculos celetistas de emprego, principalmente no que diz respeito aos desligamentos.

TABELA 6

**Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa de tamanho de estabelecimento por condição do vínculo no setor de Indústria de transformação
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)**

Faixa de tamanho de estabelecimento	Ativos em 31/12			Desligados no ano			Admitidos no ano		
	2003	2008	2014	2003	2008	2014	2003	2008	2014
Até 4	4,4	3,9	4,3	16,4	12,0	11,0	7,6	6,5	6,6
De 5 a 9	6,1	5,6	5,7	7,1	6,2	6,6	7,2	6,4	6,7
De 10 a 19	9,4	8,6	8,6	10,1	8,9	9,6	10,7	9,5	10,1
De 20 a 49	14,3	13,6	13,4	14,5	14,5	15,1	15,5	15,3	15,6
De 50 a 99	11,7	11,4	10,6	11,2	11,3	11,2	12,1	11,9	11,7
De 100 a 249	15,6	14,4	13,9	13,5	13,1	13,5	14,8	13,9	14,1
De 250 a 499	12,4	11,9	11,7	8,8	9,7	9,9	10,1	10,3	10,3
De 500 a 999	10,6	10,2	10,8	8,3	8,7	8,5	9,2	9,2	9,2
1000 ou Mais	15,5	20,4	21,0	10,3	15,6	14,8	12,7	17,0	15,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

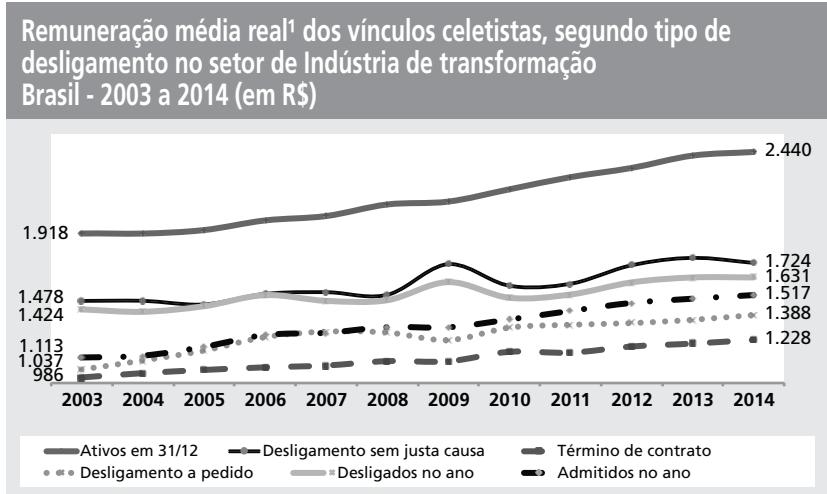
Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

No setor da Indústria de transformação, pode-se notar que: os estabelecimentos com 1.000 ou mais vínculos respondem por 21,0% do total de empregos celetistas ativos ao final de 2014, e por 14,8% dos desligamentos ocorridos nesse mesmo ano, e 15,6% das admissões. Simultaneamente, enquanto os estabelecimentos com até quatro vínculos somavam 4,3% dos vínculos ativos, responderam por 6,6% das admissões e por 11,0% dos desligamentos no mesmo ano, mais do que o dobro da participação entre os vínculos ativos.

A remuneração média da Indústria de transformação é a maior entre os setores analisados e cresceu em maior ritmo do que a média do mercado de trabalho formal. Entre 2003 e 2014, passou de R\$ 1.918 para R\$ 2.440, crescimento médio de 2,2% ao ano (Gráfico 25). Em todos os anos desse período, a remuneração dos desligados, independentemente do motivo, foi menor do que a remuneração média dos ativos. Entre os desligados, a remuneração média dos desligamentos sem justa causa é a maior, seguida pelos realizados a pedido. Os desligamentos por término de contrato tiveram a menor média ao longo de todo o período da análise, como verificado para os demais setores.

GRÁFICO 25



Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Para os vínculos ativos em 31/12, refere-se à remuneração média real em dezembro, a preços do INPC/IBGE em dez/2014. Para os demais vínculos, refere-se à remuneração média do ano, a preços do INPC/IBGE médio de 2014

Obs.: Dados referentes às causas de desligamentos mais incidentes no mercado de trabalho celetista

2.4 CONSTRUÇÃO CIVIL

Com um total de 2,8 milhões de vínculos de emprego ativos em 31/12, o setor da Construção civil alcançou participação de 6,9% no total de empregos celetistas no Brasil, em 2014. Este foi o setor com maior crescimento do emprego no período analisado por este estudo: 8,1% ao ano, em média, contra os 5,1% do total do estoque, o que lhe conferiu acréscimo de mais de 1,8 milhões de vínculos no período (Tabela 7 e Gráfico 26, p. 87-88).

Como mencionado anteriormente, o setor da Construção civil é caracterizado pela maior taxa de rotatividade do mercado de trabalho celetista brasileiro, seguido pela Agropecuária. Esta característica deriva da própria natureza da atividade econômica desempenhada no setor, em que o emprego pode ser contratado a partir de “ciclos” de obras e empreendimentos e desmobilizado posteriormente. Assim, verifica-se elevada movimentação contratual no setor ao longo do ano. Um aspecto distintivo deste setor é que o total dos vínculos desligados a cada ano é maior do que os que permanecem ativos ao final do ano, em quase todos os anos analisados, com exceção de 2005 e 2007, mas por uma diferença pequena no total de vínculos.

Os vínculos de emprego no setor da Construção civil são caracterizados por um tempo médio de duração ainda menor do que a média do mercado de trabalho. Quase 80% dos contratos de trabalho encerrados ao longo dos

anos tinham menos de um ano de duração, percentual superior ao verificado para o total de vínculos no mercado de trabalho brasileiro (cerca de 65%). Verifica-se a concentração dos desligamentos com menos de três meses completos de emprego, responsáveis por 33,0% das saídas, em 2014 (Gráfico 27).

Outro aspecto distintivo do setor da Construção civil é o predomínio absoluto dos desligamentos por iniciativa do empregador, sem justa causa. A participação deste motivo no total de desligamentos ultrapassa os 60,0%, ou seja, a cada 10 vínculos de emprego rompidos no ano, no mínimo seis são por demissão sem justa causa. Os desligamentos por término de contrato tiveram uma redução da participação, que passou de 17,4% para 13,3%. Ao mesmo tempo, a participação dos desligamentos a pedido do trabalhador passou de 8,0% para 13,6%, percentual ainda bastante inferior à dos desligamentos a pedido no total do mercado de trabalho celetista, de 24,3%, em 2014. O setor registra ainda um percentual ligeiramente maior de desligamentos por transferência, de 7,6% contra 6,7%, no último ano da série analisada, do que o restante do mercado de trabalho (Gráfico 28, p. 89).

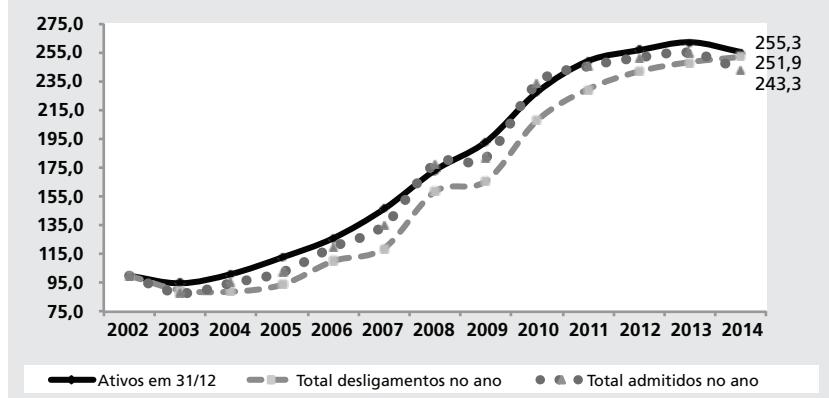
TABELA 7
Evolução do número de vínculos celetistas de emprego
no setor de Construção Civil, por grupo
Brasil - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2002	1.321.164	732.491	1.099.978	625.926	2.421.142	1.358.417
2003	1.189.114	628.667	1.042.510	565.784	2.231.624	1.194.451
2004	1.175.104	667.413	1.112.663	621.396	2.287.767	1.288.809
2005	1.239.105	693.276	1.239.648	699.192	2.478.753	1.392.468
2006	1.455.229	830.864	1.385.972	798.925	2.841.201	1.629.789
2007	1.573.232	879.050	1.610.002	954.676	3.183.234	1.833.726
2008	2.093.936	1.239.749	1.905.345	1.173.064	3.999.281	2.412.813
2009	2.189.681	1.184.453	2.123.173	1.289.017	4.312.854	2.473.470
2010	2.744.207	1.589.390	2.500.863	1.581.686	5.245.070	3.171.076
2011	3.031.309	1.672.957	2.739.175	1.659.767	5.770.484	3.332.724
2012	3.195.088	1.756.652	2.821.367	1.657.608	6.016.455	3.414.260
2013	3.279.760	1.761.714	2.883.017	1.699.603	6.162.777	3.461.317
2014	3.328.149	1.726.714	2.807.840	1.578.332	6.135.989	3.305.046

Fonte: MTPS. Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 26

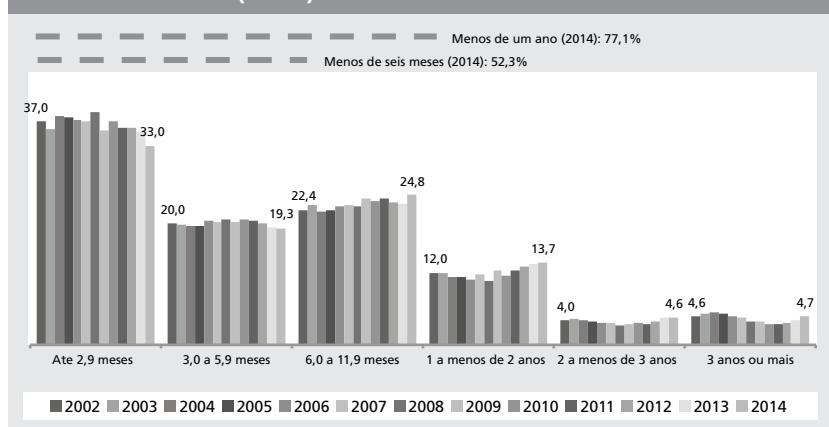
Índice da evolução dos vínculos celetistas por situação em 31/12 no setor de Construção Civil Brasil - 2002 a 2014 (2002 = 100)



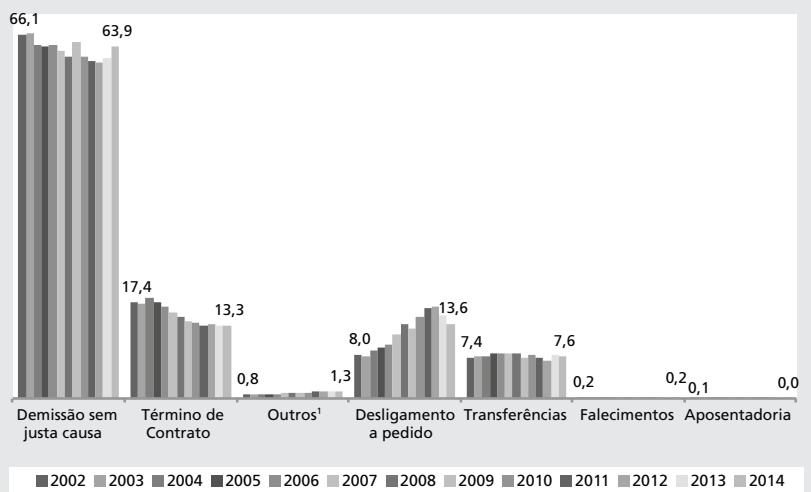
Fonte: MTPS, Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 27

Distribuição dos desligamentos de vínculos celetistas segundo faixas de tempo de permanência no vínculo no setor de Construção Civil Brasil - 2002 a 2014 (em %)



Fonte: MTPS, Rais
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 28
**Distribuição dos desligamentos de vínculos celetistas no ano por causas no setor de Construção Civil
Brasil - 2002 a 2014 (em %)**


Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Algumas características do setor: a) emprego absoluto de homens - 91,0% dos empregos formais, em 2014, conforme os dados apresentados; b) distribuição etária em linha com a verificada no mercado de trabalho nacional como um todo, onde os trabalhadores com idade entre 18 e 39 anos representam quase dois terços do estoque de empregos formais e; c), porém com escolaridade inferior - mais da metade dos trabalhadores do setor tinha, no máximo, o ensino fundamental completo (54,8%, em 2014, contra 36,0% no total brasileiro).

A análise da distribuição dos vínculos, de acordo com os atributos pessoais dos trabalhadores, basicamente reforça os apontamentos já destacados na análise geral do mercado de trabalho. Ou seja, verifica-se que há mais homens, jovens e de baixa escolaridade nos vínculos movimentados em cada ano, ou seja, admitidos ou desligados, do que nos vínculos que permanecem ativos no estoque.

A observação da distribuição dos vínculos de emprego segundo porte de estabelecimento mostra clara diferenciação da dinâmica de movimentação do emprego. Os estabelecimentos com até quatro vínculos formais em 31/12 foram responsáveis por 6,7% do estoque em 2014. Por sua vez, responderam por quase um quinto de todos os desligamentos ocorridos no ano (19,8%). Esta

diferença já foi maior - em 2003, participaram com 7,3% dos vínculos ativos e 29,4% dos desligamentos no ano. Já os estabelecimentos de maior porte têm participação relativa maior nos vínculos ativos e menor nas movimentações ocorridas no ano. Os estabelecimentos com mais de 1.000 vínculos ativos responderam por 14,6% dos vínculos ativos em 31/12, 9,9% dos desligados e 11,7% dos admitidos no ano. Interessante notar que os estabelecimentos com mais de 1.000 vínculos quase dobraram a participação no emprego do setor, ao longo do período analisado, passando de 7,4% para 14,6%. Já a participação nos vínculos desligados, embora seja relativamente menor, como destacado, acompanhou este movimento de aumento de participação, com mais intensidade, passando de 3,9%, em 2003, para 9,5%, em 2008, e alcançando os 9,9%, em 2014 (Tabela 8).

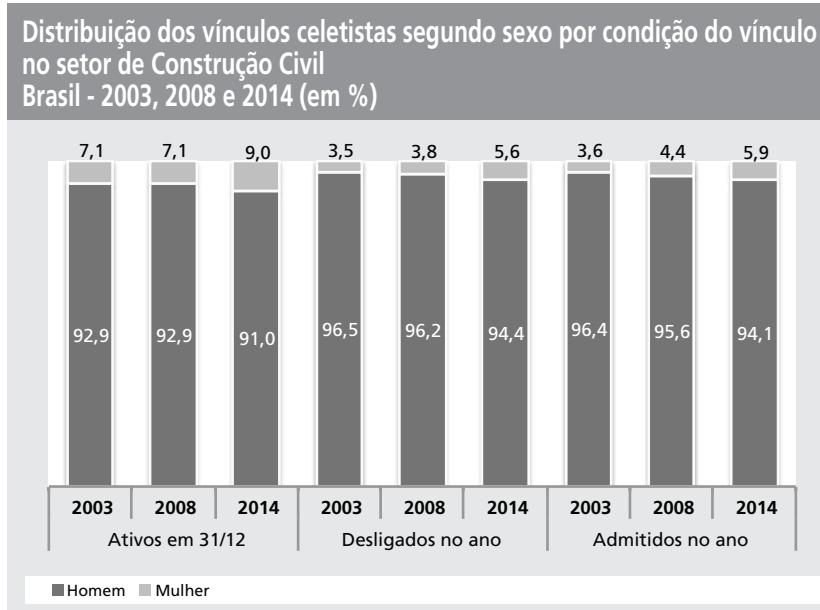
TABELA 8
Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa de tamanho de estabelecimento
por condição do vínculo no setor de Construção Civil
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)

Faixa de tamanho de estabelecimento	Ativos em 31/12			Desligados no ano			Admitidos no ano		
	2003	2008	2014	2003	2008	2014	2003	2008	2014
Até 4	7,3	5,4	6,7	29,4	20,0	19,8	17,7	11,8	13,0
De 5 a 9	8,1	6,2	7,1	8,0	6,2	7,4	8,3	6,4	7,6
De 10 a 19	10,9	8,8	9,6	9,8	8,5	9,6	10,4	8,8	10,1
De 20 a 49	17,8	15,3	15,6	14,4	13,9	15,1	16,7	14,8	15,8
De 50 a 99	14,7	13,2	12,3	11,2	11,2	11,3	13,2	12,5	12,2
De 100 a 249	17,3	16,8	15,0	12,3	14,3	12,4	14,7	15,6	13,5
De 250 a 499	9,8	11,6	10,5	6,9	8,8	8,0	8,3	10,1	8,9
De 500 a 999	6,7	9,1	8,6	4,1	7,6	6,4	5,5	8,3	7,2
1000 ou Mais	7,4	13,6	14,6	3,9	9,5	9,9	5,1	11,6	11,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

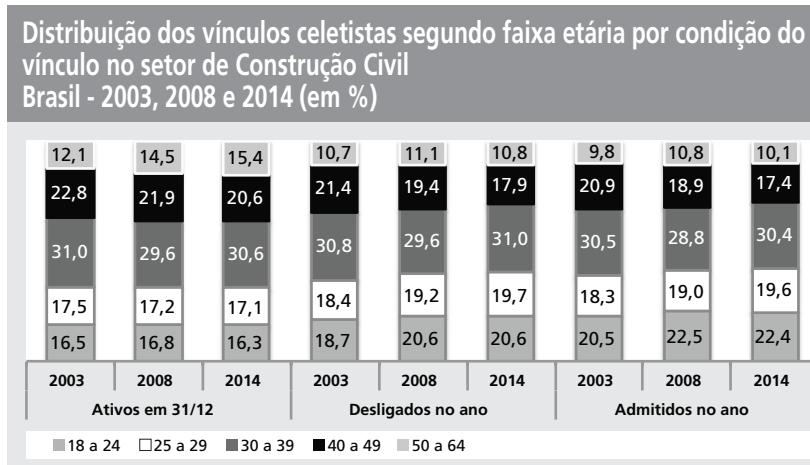
GRÁFICO 29



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 30

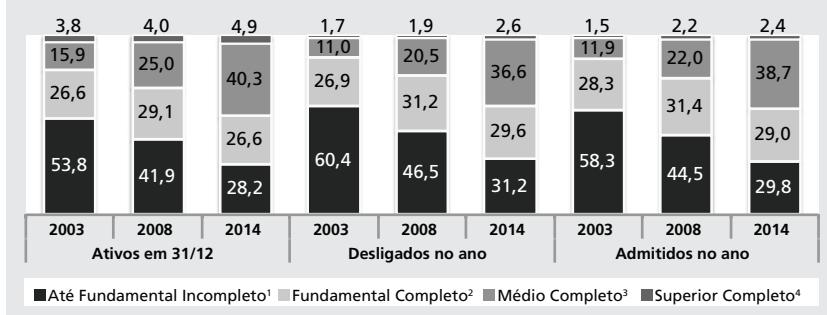


Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 31

**Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa de escolaridade por condição do vínculo no setor de Construção Civil
Brasil - 2003, 2008 e 2013 (em %)**



Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui analfabetos; (2) Inclui ensino médio incompleto; (3) Inclui ensino superior incompleto; (4) Inclui mestrado e doutorado

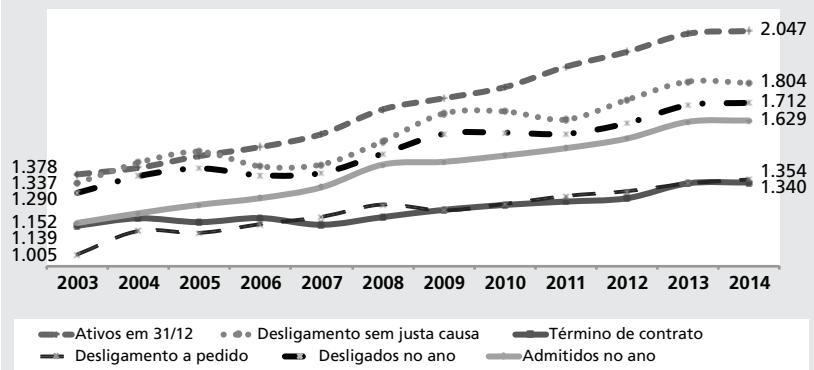
Os dados do Gráfico 32 trazem as informações acerca da remuneração do setor da Construção civil. Com uma remuneração real média de R\$ 2.047 para os vínculos ativos no final de 2014, a remuneração do setor se aproxima da média do mercado de trabalho como um todo (R\$ 2.138). Foi um dos setores com o maior crescimento ao longo do período, de 3,7% ao ano, em média, atrás apenas da Agropecuária, que obteve crescimento de 4,7%.

A remuneração média dos desligados no ano, em 2014 (R\$ 1.712), ficou em um patamar de 16,4% inferior à dos ativos em 31/12. Os desligamentos por iniciativa do empregador, sem justa causa, apresentaram remuneração média de R\$ 1.804, em 2014, diferença de 11,8% em relação aos ativos. Cumpre observar que, em 2004 e 2005, a remuneração média dos vínculos desligados sem justa causa foi superior à dos vínculos que permaneceram ativos no ano.

Já a remuneração média dos vínculos rompidos tanto por término de contrato como por pedido de desligamento por iniciativa do trabalhador é bastante similar ao longo de boa parte dos anos analisados, chegando perto de R\$ 1.350, em 2014.

GRÁFICO 32

**Remuneração média real¹ dos vínculos celetistas, segundo tipo de desligamento no setor de Construção Civil
Brasil - 2003 a 2014 (em R\$)**



Fonte: MTPS. Raís

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Para os vínculos ativos em 31/12, refere-se à remuneração média real em dezembro, a preços do INPC/IBGE em dez/2014. Para os demais vínculos, refere-se à remuneração média do ano, a preços do INPC/IBGE médio de 2014

Obs.: Dados referentes às causas de desligamentos mais incidentes no mercado de trabalho celetista

2.5 AGROPECUÁRIA

O setor de Agropecuária possui uma participação reduzida no emprego formal do país. Com aproximadamente 1,5 milhões de vínculos, respondeu por 3,6% do estoque de vínculos celetistas ativos ao final de 2014. Cabe destacar, contudo, que esta participação vem se reduzindo paulatinamente ao longo do período estudado - em 2002, o setor respondia por 5,1% do total de vínculos ativos. Isso ocorre porque o crescimento do estoque de empregos no setor foi inferior ao crescimento total do emprego no país neste período: 2,2% contra os 5,1% de crescimento total dos vínculos celetistas, como visto no começo deste trabalho. Isso representou acréscimo de cerca de 343 mil vínculos de emprego no setor em 11 anos (Tabela 9 e Gráfico 33, p. 94-95)¹¹.

Considerando que o setor é caracterizado por uma das mais altas taxas de rotatividade, existe elevada movimentação de mão de obra ao longo do ano, por conta da própria natureza da atividade produtiva. Assim, em 2014, en-

11 Segundo dados da Pnad 2014, a participação do total de ocupados na atividade agrícola, considerando todas as posições na ocupação, foi de 14,5%. Este diferencial de participação desta atividade no total de ocupados, em relação ao total do emprego formal, reside na elevada informalidade característica do setor, onde o emprego com carteira assinada responde por apenas 11,8% do total de ocupados.

quanto foi registrado 1,5 milhão de vínculos ativos em 31/12, ao longo do ano, foram registrados 1,2 milhão de desligamentos. Mais da metade dos desligamentos (770 mil) eram, inclusive, de vínculos celebrados no mesmo ano. Ou seja, em relação ao total de vínculos registrados no setor durante o ano, quase metade foi desligada (45,5%, em 2014, contra 38,4% do total do mercado de trabalho). Ademais, cumpre notar que, durante alguns anos, o total de vínculos desligados ao longo do ano foi superior ao estoque de vínculos ativos em 31/12, situação que somente acontece na Agropecuária e na Construção civil.

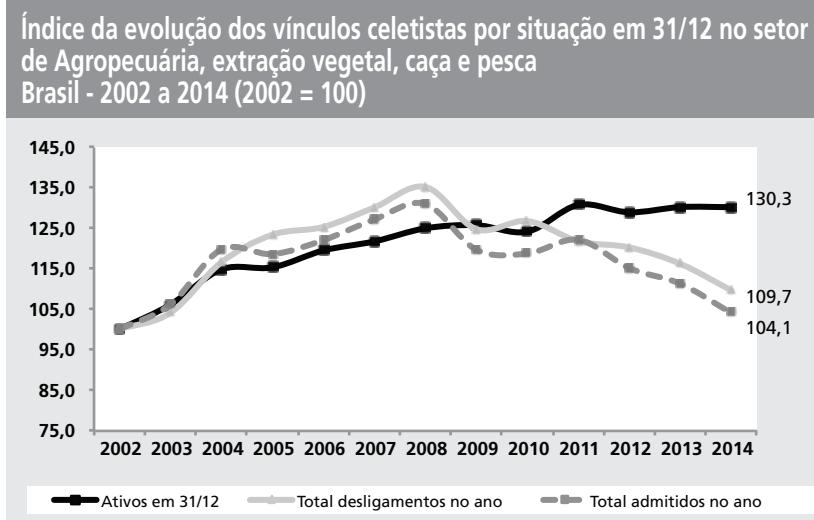
Os dados de tempo de permanência no emprego indicam predominância relativamente maior dos vínculos de curta duração no setor, *vis-à-vis* a totalidade do mercado de trabalho brasileiro. No período analisado, em média, 65% dos desligamentos ocorridos no mercado celetista no Brasil não tinham um ano completo de vínculo formal. Já no setor de Agropecuária, este percentual atinge, na média, quase 80%, sem tendência clara de redução (Gráfico 34).

TABELA 9
**Evolução do número de vínculos celetistas de emprego no setor de Agropecuária,
extração vegetal, caça e pesca, por grupo**
Brasil - 2002 a 2014

Ano	Vínculos de emprego no ano					
	Vínculos desligados		Vínculos ativos em 31/12		Total	
	Total (A)	Admitidos no ano (B)	Total (C)	Admitidos no ano (D)	Total vínculos ativos e desligados (A + C)	Total admitidos no ano (desligados e ativos em 31/12) (B + D)
2002	1.120.405	728.127	1.132.213	465.093	2.252.618	1.193.220
2003	1.167.391	759.067	1.202.538	508.722	2.369.929	1.267.789
2004	1.307.153	857.589	1.300.958	572.301	2.608.111	1.429.890
2005	1.383.313	879.435	1.306.651	536.688	2.689.964	1.416.123
2006	1.404.943	899.497	1.353.854	557.757	2.758.797	1.457.254
2007	1.458.812	927.835	1.379.149	590.391	2.837.961	1.518.226
2008	1.515.701	948.701	1.415.839	615.474	2.931.540	1.564.175
2009	1.398.701	832.413	1.424.545	596.493	2.823.246	1.428.906
2010	1.421.220	843.465	1.406.464	574.233	2.827.684	1.417.698
2011	1.365.245	820.452	1.481.239	637.893	2.846.484	1.458.345
2012	1.348.222	772.577	1.460.558	602.046	2.808.780	1.374.623
2013	1.302.774	735.696	1.475.209	593.198	2.777.983	1.328.894
2014	1.229.422	669.794	1.475.003	572.873	2.704.425	1.242.667

Fonte: MTPS. Rais
Elaboração: DIEESE

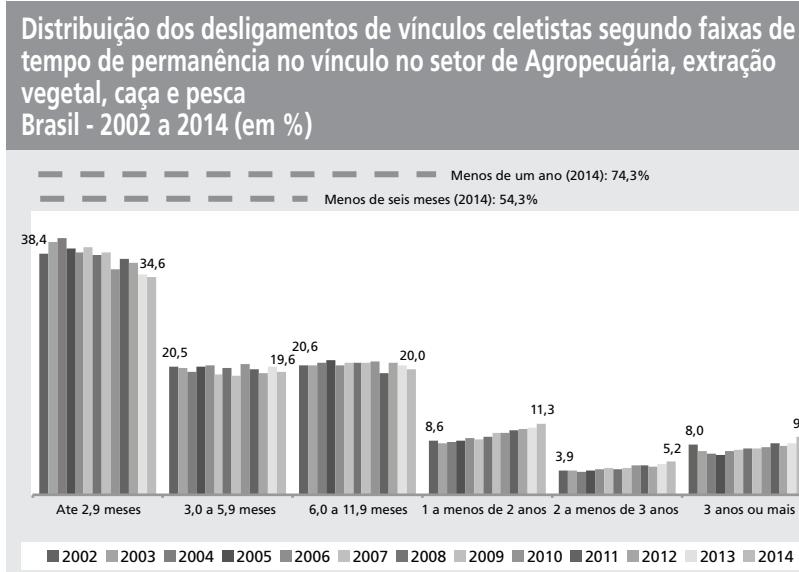
GRÁFICO 33



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 34

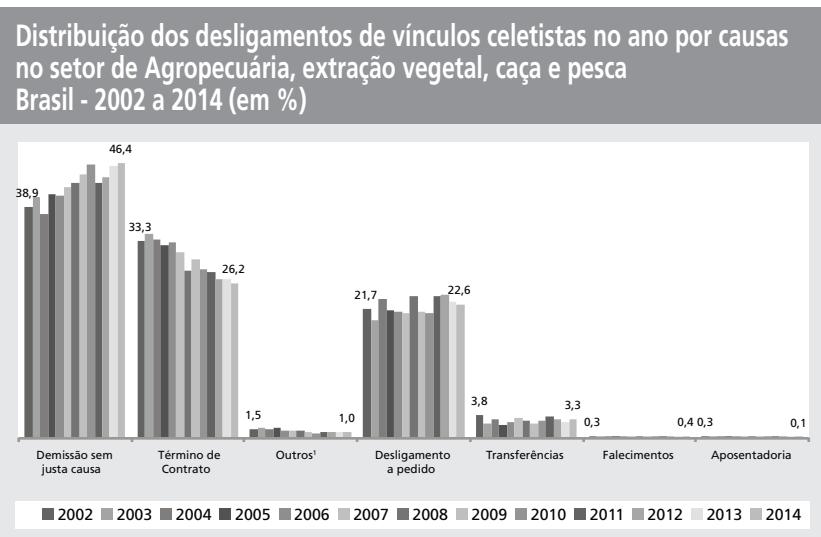


Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

O setor de Agropecuária apresenta uma dinâmica distinta da verificada na totalidade do mercado de trabalho no que diz respeito às motivações do desligamento. Na contramão da tendência nacional, as demissões sem justa causa têm aumentado a participação no setor. Em 2002, este motivo de desligamento respondia por 38,9%, pouco mais do que a participação dos desligamentos por término de contrato (33,3%). Já em 2014, alcançaram 46,4%, enquanto os desligamentos por término de contrato caíram para 26,2% - ainda assim permanecendo em patamares superiores à média nacional de todos os setores, onde os términos de contrato responderam por 18,1%. Já os desligamentos a pedido do trabalhador, que apresentaram crescimento de participação no período, para a totalidade do mercado de trabalho, ficaram relativamente estáveis para a Agropecuária, em torno dos 22%, com algumas oscilações pontuais (Gráfico 35).

GRÁFICO 35



Fonte: MTPS. Rais
Elaboração: DIEESE

No que diz respeito aos atributos pessoais dos trabalhadores celetistas do setor, em comparação com o total do país: a) a predominância masculina é muito mais intensa neste setor do que na média do mercado de trabalho (60,0% de participação dos homens no total dos vínculos celetistas, e 82,5% na Agropecuária, em 2014); b) a elevada participação de trabalhadores com baixo nível de escolaridade (participação de 49,6% dos trabalhadores com ensino fundamental incompleto e analfabetos, contra 13,6% no total do emprego celetista, em 2014), ainda que o setor também tenha reflexo do aumento do

grau de escolaridade. Em relação ao perfil etário, não se vê distinção significativa em relação à totalidade do mercado de trabalho.

Algumas observações acerca do perfil de movimentação dos vínculos de emprego:

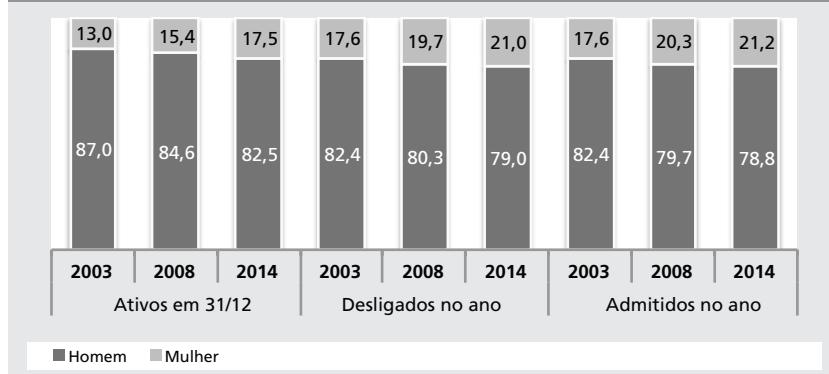
- As mulheres, embora minoria absoluta, têm participação relativa ligeiramente maior entre os vínculos de emprego movimentados (admitidos ou desligados) durante o ano do que naqueles que permanecem ativos em 31/12. Entre os ativos, a participação delas foi de 17,5%, em 31/12/2014, enquanto entre desligados e admitidos no ano foi de 21,0% e 21,2%, respectivamente (Gráfico 36);
- Os trabalhadores mais jovens têm também participação maior entre os desligamentos e admissões do que entre os ativos - entre 18 e 29 anos, com participação de 27,8%, entre os ativos; 39,1% entre os desligados e 41,1% entre os admitidos no ano (Gráfico 37); e
- Igualmente, os trabalhadores com menor escolaridade também possuem maior participação entre os vínculos movimentados do que entre os ativos. Os trabalhadores com até o ensino fundamental incompleto eram 54,2% entre os desligados em 2014, 52,5%, entre os admitidos no ano, e 49,6% entre os ativos em 31/12 (Gráfico 38, p. 99).

O setor é caracterizado por uma predominância do emprego em estabelecimentos de menor porte. A faixa de estabelecimentos com até quatro vínculos ativos respondeu por mais de um quarto dos empregos formais, em 2014, e mais de sete, em 10 vínculos ativos do setor, estavam localizados em estabelecimentos com até 99 vínculos ativos. Não há distinções significativas de distribuição dos vínculos entre as faixas de estabelecimento, considerando os que ficaram ativos e os que foram admitidos ou desligados durante o ano (Tabela 10, p. 99).

O setor de Agropecuária é marcado por uma remuneração média mais baixa. Em 2014, um trabalhador formal celetista do setor recebia remuneração média de R\$ 1.454 se estivesse ativo ao final do ano, quase um terço menos do que a remuneração média do conjunto dos vínculos celetistas, que foi de R\$ 2.138 no mesmo período. Se considerar que a remuneração média do setor apresentou crescimento mais acelerado do que em relação ao mercado de trabalho, 4,7% ao ano, em média, entre 2003 e 2014, contra 2,3%, têm-se que esta distância era maior no começo do período analisado. Este crescimento mais acelerado é justificável quando a base de comparação dos valores é inferior, de modo que mesmo pequenas alterações absolutas repercutem em grandes variações relativas (Gráfico 39, p. 100).

GRÁFICO 36

**Distribuição dos vínculos celetistas segundo sexo por condição do vínculo no setor de Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)**

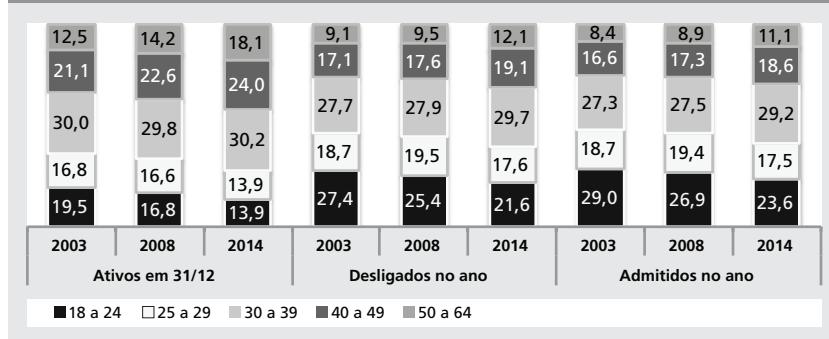


Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

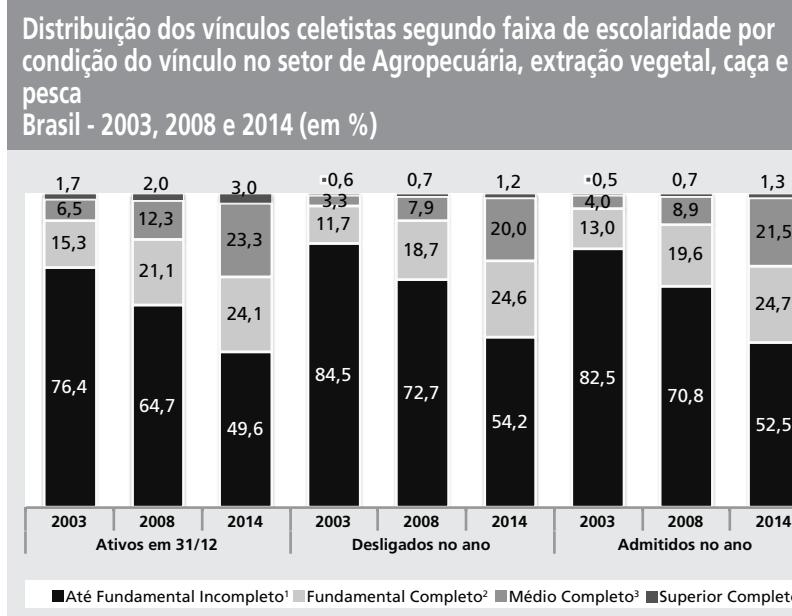
GRÁFICO 37

**Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa etária por condição do vínculo no setor de Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca
Brasil - 2003, 2008 e 2013 (em %)**



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 38

Fonte: MTSP. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui analfabetos; (2) Inclui ensino médio incompleto; (3) Inclui ensino superior incompleto; (4) Inclui mestrado e doutorado

TABELA 10

Distribuição dos vínculos celetistas segundo faixa de tamanho de estabelecimento por condição do vínculo no setor de Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca
Brasil - 2003, 2008 e 2014 (em %)

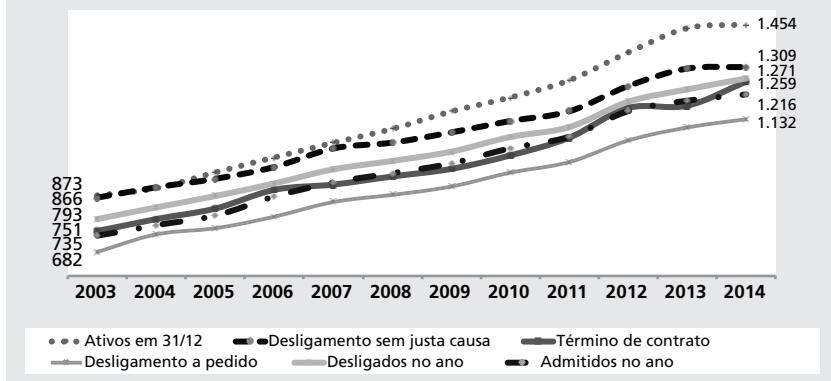
Faixa de tamanho de estabelecimento	Ativos em 31/12			Desligados no ano			Admitidos no ano		
	2003	2008	2014	2003	2008	2014	2003	2008	2014
Até 4	28,1	26,2	26,7	24,4	25,8	27,2	21,2	21,7	23,4
De 5 a 9	13,7	13,3	14,4	10,5	10,5	11,4	11,0	10,9	12,3
De 10 a 19	12,1	12,1	12,2	10,8	10,7	11,4	11,3	11,0	12,1
De 20 a 49	12,6	12,4	12,4	12,9	13,1	12,3	13,4	13,5	13,1
De 50 a 99	8,1	8,5	8,2	8,1	8,7	8,7	8,6	9,2	9,3
De 100 a 249	8,3	9,0	9,0	11,6	10,4	10,3	11,7	11,2	10,8
De 250 a 499	5,5	5,7	4,9	9,8	7,1	6,1	9,8	7,3	6,1
De 500 a 999	4,5	4,5	4,2	5,6	5,5	5,1	6,0	6,1	5,2
1000 ou Mais	7,1	8,2	7,9	6,2	8,3	7,5	7,1	9,1	7,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTSP. Rais

Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 39

Remuneração média real¹ dos vínculos celetistas, segundo tipo de desligamento no setor de Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca Brasil - 2003 a 2014 (em R\$)



Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) Para os vínculos ativos em 31/12, refere-se à remuneração média real em dezembro, a preços do INPC/IBGE em dez/2014. Para os demais vínculos, refere-se à remuneração média do ano, a preços do INPC/IBGE médio de 2014

Obs.: Dados referentes às causas de desligamentos mais incidentes no mercado de trabalho celetista

Os dados da Rais mostram que o setor também reproduz aproximadamente a estrutura de evolução das remunerações a partir dos grupos de vínculos, ou seja, a remuneração dos vínculos desligados por iniciativa do empregador sem justa causa possui uma remuneração média inferior à dos ativos, porém mais elevada que a dos novos vínculos de emprego estabelecidos em cada ano. Contudo, ao contrário do que se verifica para a totalidade do mercado de trabalho, a menor remuneração média do conjunto analisado não é a dos términos de contrato, mas a dos desligamentos a pedido do trabalhador. A remuneração média dos vínculos admitidos no ano na Agropecuária segue em linha com a dos desligados por término de contrato.

Capítulo 3

A movimentação da Rais segundo os estabelecimentos

Esta seção tem como objetivo aprofundar a análise dos desligamentos ocorridos no segmento privado no mercado de trabalho, olhando a incidência nos estabelecimentos empregadores, conforme possibilitam as declarações da Rais.

Em 2014, 3,9 milhões de estabelecimentos declararam a Rais. Observando a movimentação do mercado de trabalho celetista segundo os estabelecimentos, nota-se que (Tabela 1):

- 14,6% do total de estabelecimentos só contrataram, ou seja, realizaram admissões;
- 13,6% só realizaram desligamentos;
- 20,9% dos estabelecimentos não tiveram movimentações de vínculos no ano nem admissões ou desligamentos;
- 15,8% apresentaram saldo negativo de empregos no ano, com mais desligamentos do que admissões;
- 14,5% tiveram o mesmo número de admissões e desligamentos e;
- 20,6% dos estabelecimentos tiveram saldo positivo de emprego.

Ao longo do período analisado, percebe-se que não há variações significativas nos indicadores relativos ao resultado da movimentação dos estabelecimentos. Nesse sentido, pode-se dizer que existe um componente estrutural do comportamento das organizações no que diz respeito à movimentação da mão de obra. Vê-se que, por exemplo, cerca de um quinto dos estabelecimentos, variando pouco ano a ano, não contribui para a rotatividade, pois não apresenta movimentação no ano, ou seja, não admite nem desliga nenhum vínculo empregatício.

TABELA 1
Distribuição dos estabelecimentos privados segundo tipo de movimentação no ano
Brasil - anos selecionados

Características da movimentação dos estabelecimentos	% estabelecimentos por ano									
	2001	2004	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Só admitiu	17,4	17,5	16,5	16,2	16,5	16,5	16,0	15,3	15,2	14,6
Só desligou	14,9	14,5	14,1	13,6	14,1	13,1	13,1	13,1	13,2	13,6
Não movimentou	22,1	22,5	21,4	20,0	20,3	19,3	18,9	20,0	20,0	20,9
Nº desligados>Nº admitidos	12,8	11,9	13,2	14,1	14,2	13,8	14,7	15,2	15,3	15,8
Nº desligados=Nº admitidos	13,5	13,3	13,7	14,2	13,7	14,2	14,4	14,3	14,4	14,5
Nº desligados<Nº admitidos	19,3	20,3	21,1	22,0	21,2	23,1	22,9	22,1	21,8	20,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
nº total de estabelecimentos (em mil)	2.335	2.626	2.935	3.081	3.224	3.403	3.591	3.696	3.837	3.950

Fonte: MTPS. Rais
Elaboração: DIEESE

Conforme destacado nas publicações e análises que antecedem este estudo¹, um reduzido número de estabelecimentos é responsável pela maior parte dos desligamentos realizados anualmente. Classificando os estabelecimentos em dois grupos, de acordo com o número de desligamentos que eles realizaram no ano, até 25 e acima de 25 desligamentos, percebe-se que, em 2014, 6,1% dos estabelecimentos foram responsáveis por 62,8% dos desligamentos durante o ano. Em todos os anos analisados, de 2007 a 2014, observa-se que os resultados são muito semelhantes, indicando que entre 5% e 6% dos estabelecimentos são responsáveis por desligamentos, que variaram entre 61,4 e 64,0%, conforme se observa (Tabela 2).

Os dados da Rais, para 2014, indicam que 895 mil estabelecimentos privados, representando 22,6% do total, apresentam taxa de rotatividade acima da taxa descontada média (43,1%). Deste total, 88,9% possuíam até 19 empregados, resultado que se deve à forte predominância de estabelecimentos deste porte nos setores de Comércio e Serviços, conforme mostra a Tabela 3. Cumpre acrescentar que, uma vez que o cálculo da taxa de rotatividade tem o estoque médio de emprego como denominador, é natural que estabelecimentos que possuem um menor denominador possuam taxa proporcionalmente maior.

¹ DIEESE (2011 e 2014).

TABELA 2

**Distribuição dos estabelecimentos e dos desligamentos, por faixas de desligamentos
Brasil - 2007 a 2014**

Faixas de desligamentos	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Até 25 vínculos	94,9	94,3	94,5	94,2	93,9	93,7	93,8	93,9
Acima de 25 vínculos	5,1	5,7	5,5	5,8	6,1	6,3	6,2	6,1
Total de estabelecimentos	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Até 25 vínculos	38,6	36,2	38,0	36,6	36,6	36,0	36,7	37,2
Acima de 25 vínculos	61,4	63,8	62,0	63,4	63,4	64,0	63,3	62,8
Total de vínculos desligados	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

TABELA 3

**Distribuição dos estabelecimentos privados com taxa de rotatividade acima da média
por setor de atividade econômica e faixa de tamanho de estabelecimento¹
Brasil - 2014**

Faixa de tamanho	Extrativa Mineral	Indústria de Transformação	SIUP	Construção Civil	Comércio	Serviços	Administração Pública	Agricultura	Total
Zero empregados	3,4	4,2	3,7	14,4	5,7	5,5	8,7	9,7	6,1
De 1 a 4	29,7	36,9	31,9	44,3	52,9	48,7	69,6	66,4	49,6
De 5 a 9	21,3	21,1	20,9	15,4	21,7	20,8	8,7	11,8	20,5
De 10 a 19	18,7	17,4	15,3	11,5	12,0	12,9	6,5	6,3	12,7
De 20 a 49	16,7	12,9	11,9	8,9	5,7	8,1	4,3	3,6	7,5
De 50 a 99	7,5	4,4	6,9	3,1	1,3	2,3	0,0	1,2	2,1
De 100 a 249	2,0	2,2	5,0	1,6	0,5	1,1	0,0	0,7	1,0
De 250 a 499	0,6	0,6	2,2	0,5	0,1	0,3	0,0	0,2	0,3
De 500 a 999	0,2	0,2	1,4	0,2	0,0	0,1	2,2	0,1	0,1
1000 ou mais	0,0	0,1	0,7	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Total de vínculos	2.775	104.991	2.404	43.249	375.103	324.100	46	41.939	894.607

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) De acordo com o estoque em 31/12

No total dos estabelecimentos privados, em 2014, foram observados 16,8 milhões de desligamentos². Desse volume, 55,9%, ou 9,4 milhões de desligamentos, foram realizados em estabelecimentos privados com taxa de rotatividade acima da média do mercado de trabalho (43,1%) - Tabela 5, p. 105. Chama a atenção a participação destes percentuais nos setores Serviços industriais de utilidade pública (Siup) (79,7%), Agricultura e pecuária (63,3%) e Serviços (58,9%) (Tabela 4).

² São os desligamentos por iniciativa do empregador, excluindo, portanto, aqueles ligados diretamente ao trabalhador, ou seja, à pedido do trabalhador, por morte ou aposentadoria, bem como as transferências.

TABELA 4
Desligamentos¹ em estabelecimentos privados com taxa de rotatividade acima da média e total por setor de atividade econômica
Brasil - 2014

Setor de atividade econômica	Total de desligamentos descontados ¹		
	Nos estabelecimentos com rotatividade acima da média	No total de estabelecimentos	% do total
Extrativa mineral	29.123	52.859	55,1
Indústria de transformação	1.539.409	2.923.256	52,7
Serviços industriais de utilidade pública	58.601	73.507	79,7
Construção Civil	1.246.705	2.603.646	47,9
Comércio	2.289.694	4.025.754	56,9
Serviços	3.700.938	6.284.145	58,9
Administração Pública	1.218	6.402	19,0
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	517.052	816.528	63,3
Total	9.382.740	16.786.097	55,9

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Excluindo os desligamentos ligados diretamente ao trabalhador: a pedido do trabalhador, por morte, aposentadoria e transferência

Se forem considerados apenas os estabelecimentos privados não optantes do Simples Nacional, nota-se que, em 2014, 317 mil apresentaram taxa de rotatividade acima da média do mercado de trabalho e 80,4% deles também estão compreendidos na faixa com até 19 empregados (Tabela 5).

Esses estabelecimentos não optantes do Simples Nacional e que tiveram taxa de rotatividade acima da média efetuaram, em 2014, 6,1 milhões de desligamentos, o que representou 36,5% do total, com a exclusão dos motivos relacionados ao trabalhador, realizados pelos estabelecimentos não optantes do Simples (Tabela 6, p. 106). Destacam-se, igualmente, os setores de Siup (69,8%) e Agricultura e pecuária (58,4%).

Considerando somente os estabelecimentos privados com o maior número de desligamentos cuja motivação é ligada à decisão patronal, observa-se que:

- 1,0% dos estabelecimentos privados (38.528 estabelecimentos) foi responsável por 41,5% dos desligamentos no setor privado (6.960.774 desligamentos) e;
- 0,5% dos estabelecimentos privados (19.264 estabelecimentos) foram responsáveis por 38,7% dos desligamentos no setor privado (5.629.345 desligamentos).

TABELA 5
Distribuição dos estabelecimentos privados não optantes do Simples Nacional com taxa de rotatividade acima da média por setor de atividade econômica e faixa de tamanho de estabelecimento
Brasil - 2014

Faixa de tamanho	Extrativa Mineral	Indústria de Transformação	SIIUP	Construção Civil	Comércio	Serviços	Administração Pública	Agricultura	Total
Zero empregados	2,8	3,8	2,9	16,3	5,2	5,4	10,3	9,8	6,5
De 1 a 4	17,2	21,4	19,5	39,2	29,6	48,5	71,8	67,4	42,1
De 5 a 9	14,9	14,0	18,9	14,2	22,2	17,4	7,7	11,3	17,5
De 10 a 19	17,8	16,3	15,2	11,4	21,6	11,6	7,7	5,9	14,2
De 20 a 49	26,9	20,5	15,9	10,5	14,7	9,7	0,0	3,4	11,4
De 50 a 99	14,6	12,2	11,0	4,5	4,4	3,9	0,0	1,2	4,5
De 100 a 249	4,2	8,0	8,6	2,7	1,9	2,4	0,0	0,7	2,5
De 250 a 499	1,2	2,4	4,1	0,8	0,3	0,7	0,0	0,2	0,7
De 500 a 999	0,4	1,0	2,6	0,3	0,1	0,3	2,6	0,1	0,3
1000 ou mais	0,0	0,5	1,3	0,2	0,0	0,2	0,0	0,1	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Total de vínculos	1.306	26.025	1.267	24.015	91.819	134.545	39	38.382	317.398

Fonte: MTPS-Rais
 Elaboração: DIEESE

TABELA 6

**Desligamentos¹ em estabelecimentos privados não optantes do Simples com taxa de rotatividade acima da média e total por setor de atividade econômica
Brasil - 2014**

Setor de atividade econômica	Total de desligamentos descontados ¹		
	Nos estabelecimentos com rotatividade acima da média	No total de estabelecimentos	% do total
Extrativa mineral	22.050	52.859	41,7
Indústria de transformação	963.255	2.923.256	33,0
Serviços industriais de utilidade pública	51.274	73.507	69,8
Construção Civil	981.639	2.603.646	37,7
Comércio	1.097.053	4.025.754	27,3
Serviços	2.532.324	6.284.145	40,3
Administração Pública	1.062	6.402	16,6
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	476.781	816.528	58,4
Total	6.125.438	16.786.097	36,5

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Excluindo os desligamentos ligados diretamente ao trabalhador: a pedido do trabalhador, por morte, aposentadoria e transferência

Considerando este universo dos 0,5% de estabelecimentos com maior número de desligamentos, as atividades econômicas com maior participação dos desligamentos são: seleção, agenciamento e locação de mão de obra, obras de infraestrutura, construção de edifícios, serviços de escritório, de apoio administrativo e outros serviços prestados às empresas e fabricação de produtos alimentícios (Tabela 7).

3.1 MOVIMENTAÇÃO CONTRATUAL NOS ESTABELECIMENTOS OPTANTES DO SIMPLES NACIONAL

A questão do diferencial de participação dos vínculos desligados dos estabelecimentos optantes do Simples, conforme destacado acima, se reflete especificamente na taxa de rotatividade descontada destes estabelecimentos, que é sistematicamente maior do que a taxa descontada do mercado de trabalho brasileiro como um todo. Assim, em 2014, a taxa de rotatividade descontada dos estabelecimentos optantes do Simples era quase 8,0 p.p. maior do que a dos estabelecimentos não optantes do Simples, de 48,0% contra 41,3% (Gráfico 1, p. 108).

TABELA 7
Estoque de empregos, desligamentos¹, número de estabelecimentos dos 0,5% de estabelecimentos com maior número de desligamentos, segundo diviso CNAE
Brasil - 2014

Divisão CNAE 2.0	Descrição	Ativos em 31/12			Desligamentos descontados ¹		
		nº absoluto	Distrib. (%)	nº absoluto	Distrib. (%)	nº absoluto	
78	Seleção, agenciamento e locação de mão de obra	466.406	4,8	890.530	15,8	1.328	
42	Obra de infra estrutura	537.358	5,6	658.880	11,7	1.488	
41	Construção de edifícios	400.989	4,1	509.088	9,0	2.268	
82	Serv. de escritório, de apoio adm. e outros serv. prestados às empresas	717.137	7,4	345.915	6,1	835	
10	Fábricção de produtos alimentícios	835.044	8,6	310.751	5,5	941	
81	Serviços para edifícios e atividades paisagísticas	645.757	6,7	310.212	5,5	939	
1	Agricultura, pecuária e serviços relacionados	259.610	2,7	292.311	5,2	929	
43	Serviços especializados para construção	231.031	2,4	224.223	4,0	907	
47	Comércio varejista	389.390	4,0	186.787	3,3	1.201	
49	Transporte terrestre	523.353	5,4	173.484	3,1	909	
80	Atividades de vigilância, segurança e investigação	450.518	4,7	124.948	2,2	470	
46	Comércio por atacado, exceto veículos automotores e motocicletas	203.611	2,1	98.074	1,7	586	
	Subtotal 12 Divisões CNAE	5.660.204	58,5	4.125.153	73,3	12.801	
	Demais Divisões CNAE	4.012.979	41,5	1.504.192	26,7	1.504.192	
	Total	9.673.183	100,0	5.629.345	100,0	19.264	

Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

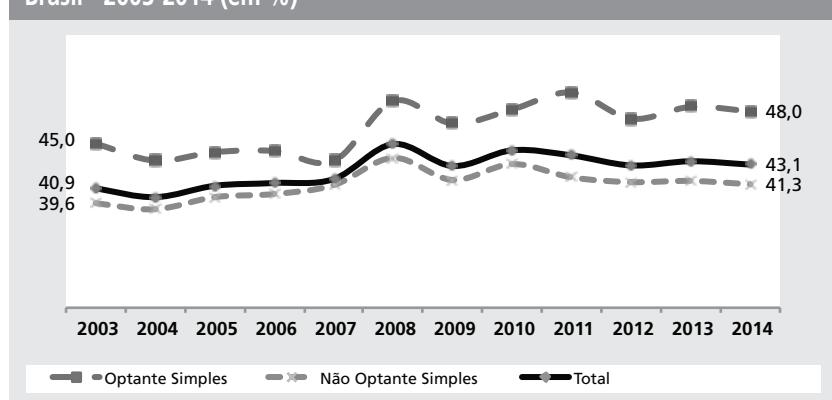
Nota: (1) Excluindo os desligamentos ligados diretamente ao trabalhador, a pedido do trabalhador, por morte, aposentadoria e transferência

Os dados da Rais permitem ainda analisar a questão da rotatividade, a partir da ótica dos estabelecimentos, segundo opção ao Simples Nacional. Os dados do Gráfico 2 mostram que a participação dos vínculos em estabelecimentos optantes do Simples Nacional é ligeiramente maior entre os vínculos movimentados em cada ano, ou seja, admitidos ou desligados no decorrer do ano, do que entre os ativos em 31/12. Esta diferença chegou a diminuir entre 2006 e 2010, mas voltou a se ampliar nos anos finais da série em análise. Em 2014, a participação dos vínculos de estabelecimentos optantes do Simples Nacional era de 28,6%, entre os desligados, 29,7%, entre os admitidos no ano, e 27,1%, entre os ativos.

Alguns setores e subsetores de atividade econômica possuem taxas de rotatividade descontada dos optantes do Simples Nacional superiores à média, que foram de 48,0%, em 2014, como visto no Gráfico 1. É o caso da indústria mecânica, que apresentou taxa de rotatividade de 57,8% entre os optantes do Simples Nacional, contra 37,0% dos não optantes no mesmo subsetor. O mesmo ocorre para as instituições financeiras (53,8% e 11,4%), transporte e comunicação (52,0% e 29,9%), alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação (51,1% e 35,5%). Importante notar que a taxa de rotatividade descontada na totalidade desses subsetores (ou seja dos optantes e dos não optantes do Simples Nacional) não é superior à taxa de rotatividade média do mercado de trabalho brasileiro (43,1%, em 2014) - Tabela 8.

GRÁFICO 1

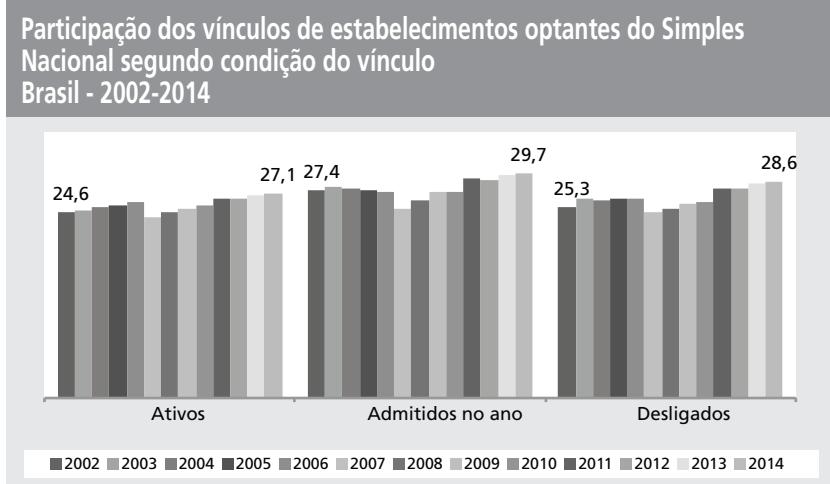
Taxa de rotatividade descontada¹ no mercado celetista segundo Opção pelo Simples Nacional
Brasil - 2003-2014 (em %)



Fonte: MTPS, Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Excluindo os desligamentos ligados diretamente ao trabalhador: a pedido do trabalhador, por morte, aposentadoria e transferência

GRÁFICO 2

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

TABELA 8
Taxa de rotatividade descontada¹ no mercado celetista por setor e subsetor de atividade econômica e opção ao Simples Nacional
Brasil - 2014

Setor e subsetor de atividade econômica	Taxa de rotatividade descontada		
	Optante Simples	Não Optante Simples	Total
Extrativa Mineral	35,0	18,7	20,5
Indústria de transformação	43,9	32,7	35,6
Prod. Mineral Não Metálico	42,0	33,2	37,3
Metalúrgica	47,5	34,0	38,1
Mecânica	57,8	37,0	40,8
Elétrico e comunicação	41,3	31,6	33,0
Material de Transporte	40,3	24,0	25,1
Madeira e Mobiliário	39,9	35,2	37,4
Papel e Gráfica	37,6	24,8	28,5
Borracha, Fumo, Couros	40,9	36,3	37,6
Química	41,7	29,6	31,3
Têxtil	39,5	32,7	35,9
Calçados	66,0	41,4	47,3
Alimentos e Bebidas	46,5	34,9	36,8
Serviço de Utilidade Pública	50,7	17,4	18,7
Construção Civil	96,7	90,9	91,9

(continua)

TABELA 8
Taxa de rotatividade descontada¹ no mercado celetista por setor e subsetor
de atividade econômica e opção ao Simples Nacional
Brasil - 2014

Setor e subsetor de atividade econômica	Taxa de rotatividade descontada		
	Optante Simples	Não Optante Simples	Total
Comércio	45,3	39,1	41,9
Comércio Varejista	45,3	40,0	42,6
Comércio Atacadista	46,0	36,2	38,2
Serviços	47,0	35,6	38,2
Instituições Financeiras	53,8	11,4	11,8
Adm. de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos e profissionais	48,8	53,6	52,8
Transporte e Comunicação	52,0	29,9	34,7
Alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação	51,1	35,5	41,7
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	32,0	17,4	17,8
Ensino	28,3	17,9	21,7
Administração Pública	9,6	50,6	50,1
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	73,5	60,6	61,3
Total	48,0	41,3	43,1

(conclusão)

Fonte: MTPS. Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Excluindo os desligamentos relacionados diretamente ao trabalhador: a pedido do trabalhador, por morte, aposentadoria e transferência

Conclusão

Este livro é o terceiro editado pelo DIEESE em parceria com a Secretaria de Políticas Públicas de Emprego do MTPS sobre o fenômeno da rotatividade no mercado de trabalho brasileiro. Atualiza indicadores já consolidados no estudo deste tema a partir dos dados da Rais 2014, bem como traz novas frentes de investigação sobre o problema, com a análise dos aspectos da dinâmica regional e observação do comportamento da remuneração média dos empregos formais.

O mercado de trabalho formal brasileiro, composto de contratos celetistas e estatutários, terminou 2014 com um estoque de 49,6 milhões de empregos, dos quais nove milhões eram vínculos estatutários (18,2%) e 40,6 milhões, celetistas (81,8%). Em relação a 2002, foram criados mais de 20 milhões de empregos, com incremento médio anual de 1,8 milhão de postos. Considerando que os vínculos estatutários são caracterizados por uma estabilidade no emprego, com restrições ao desligamento motivado pelo empregador, quando o objeto de estudo é a movimentação dos vínculos no mercado de trabalho formal, suas motivações e implicações, é preciso analisar pormenorizadamente o desempenho do segmento celetista. É nele que se realiza a movimentação contratual, principalmente por intermédio de decisões empresariais privadas, em particular, devido à demissão sem justa causa, ainda que o setor público também se utilize deste tipo de contratação para parte da sua força de trabalho.

Anualmente, verifica-se forte movimentação contratual no mercado de trabalho, questão central deste estudo. Ao todo, ao longo de 2014, o mercado de trabalho celetista registrou 65,8 milhões de vínculos de empregos. Desse total, 40,6 milhões estavam ativos em 31/12, data-base de declaração da Rais e referência para acompanhamento do desempenho do mercado de trabalho formal em termos de geração de empregos, e 25,3 milhões de vínculos haviam sido desligados ao longo do ano em análise. Importante destacar que parte dos vínculos de emprego resulta de exercícios anteriores ao ano de referência em

análise. Em 2014, dos 40,6 milhões de vínculos ativos, 25,3 milhões (62,3%) haviam sido celebrados em 2013 ou antes, portanto, 15,3 milhões foram iniciados no decorrer de 2014. Ou seja, do total do estoque de empregos formais no final de 2014, pouco mais de um terço dos vínculos não chegava a ter um ano completo de duração. No que tange aos desligamentos, importante destacar que a maioria se dá por demissão sem justa causa (48,7%). Os desligamentos a pedido do trabalhador, quase um quarto dos ocorridos em 2014, tiveram ascensão significativa desde o início da década passada, movimento impulsionado pela conjuntura então favorável, que permitiu que as pessoas pudessem optar por romper o vínculo de emprego em busca de nova - e melhor - inserção no mercado de trabalho. Em terceiro lugar (um quinto do total desligado) figuram os vínculos encerrados por término de contrato, ou seja, postos de trabalho em que o tempo de duração do contrato já é previamente definido.

Neste contexto de elevada flexibilidade contratual, a taxa de rotatividade no mercado de trabalho brasileiro é considerada alta. Entre 2003 e 2007, ela se situava em um patamar médio de 54% no segmento celetista, passando por uma elevação em anos recentes, com uma média de 63%, entre 2008 e 2014, alcançando 62,8%, em 2014. Esta taxa, chamada de global, envolve as admissões e todos os desligamentos praticados no mercado de trabalho. Isolando somente os desligamentos ocorridos por decisões empresariais, entre os quais os mais frequentes são a demissão sem justa causa e os términos de contrato de trabalho, tem-se a taxa de rotatividade descontada, que desconsidera os desligamentos a pedido do trabalhador, os ocasionados por falecimento ou aposentadoria, bem como os resultantes de transferência, nos quais não há efetivamente o desligamento do trabalhador. Em 2014, esta taxa chegou a 43,1%¹.

Quase dois terços dos vínculos encerrados em 2014 não chegaram a completar um ano de duração e, desses, 30% não chegaram a completar três meses. Considerando os vínculos encerrados por término de contrato, quase 80% eram encerrados com menos de três meses. Contudo, a maior parte dos vínculos encerrados com este tempo de permanência é de contratos de trabalho por tempo indeterminado (três quartos), sinalizando desligamentos de trabalhadores em período de experiência. Esses dados corroboram a elevada flexibilidade contratual no mercado de trabalho brasileiro² e demonstram a possibilidade de parte da rotatividade decorrer do uso do contrato de experiência.

¹ Incorporando os vínculos estatutários, que são caracterizados por possuir estabilidade no emprego, as taxas de rotatividade, global e descontada, se reduzem para o patamar de 53,9% e 37,1%, respectivamente.

² Em uma comparação com diversos países, o Brasil, com quase cinco anos de duração média do tempo de emprego, fica somente atrás dos Estados Unidos (com 4,6 anos). O mercado de trabalho norte-americano é, reconhecidamente, na literatura especializada, um dos mais flexíveis do mundo.

Em termos regionais, os dados mostram taxas de rotatividade³ mais elevadas em Mato Grosso (67,9%, de 2014) e Goiás (53,4%), no Centro-Oeste, região com a maior taxa de rotatividade no Brasil (52,6%); Tocantins (53,1%), Rondônia (51,0%) e Roraima (50,0%), no Norte, região com a segunda maior taxa de rotatividade brasileira (48,3%). Alguns estados se destacam por uma taxa de rotatividade acima da média da região onde ficam, como Bahia (45,4%), Maranhão (45,1%) e Pernambuco (44,8%), no Nordeste (43,3%), e Minas Gerais (47,7%), no Sudeste (41,6%). Outros se destacam ainda por um crescimento mais acelerado da taxa de rotatividade ao longo do tempo, como Piauí (que passou de 25,1%, em 2003, para 39,0%, em 2014), Maranhão (de 37,3% para 45,1%) e Ceará (36,4% para 42,4%), no Nordeste, e Rio de Janeiro (34,8% para 39,0%), no Sudeste. A taxa de rotatividade é relativamente menor e mais estável no Sul do país (42,0%) e o Paraná (42,9%) possui taxas mais próximas à média nacional.

Via de regra, os dados apontam maior movimentação nos postos de trabalho em setores/atividades que têm demandado trabalhadores mais jovens e menos escolarizados. A taxa de rotatividade descontada nos postos de trabalho ocupados por jovens com idade entre 18 e 24 anos foi de 61,3%, em 2014, quase 18 pontos percentuais (p.p.) acima da taxa descontada da totalidade do segmento celetista (43,1%). Já a taxa de rotatividade dos postos de trabalho ocupados por trabalhadores com até o ensino fundamental completo estava na faixa dos 50,0%, cerca de 7 p.p. acima da taxa nacional.

A análise da evolução das remunerações médias no segmento celetista do mercado de trabalho joga mais luz sobre os impactos da rotatividade no mercado de trabalho. Como pode ser visto, a remuneração média dos vínculos desligados ao longo do ano é inferior à dos que permanecem ativos de um ano para o outro. Isso demonstra o quanto recaem sobre o conjunto dos trabalhadores desligados os impactos da rotatividade no mercado de trabalho e como a composição do estoque da Rais no final de cada ano congrega vínculos mais estáveis, de remuneração mais elevada e que acumulam maiores reajustes salariais advindos das negociações coletivas. Esses dados indicam, ademais, que a rotatividade é também usada como método de seleção, bem como incide sobre vínculos de trabalho mais precários e com menor remuneração média. Em 2014, a remuneração média de um vínculo desligado ao longo do ano foi equivalente a 69,8% da remuneração de um vínculo ativo em 31/12. Esta diferença tem se ampliado sistematicamente ao longo do tempo.

Observando o tipo de desligamento, percebe-se que os vínculos rompidos sem justa causa, por iniciativa do empregador, possuem uma remuneração média em geral ligeiramente superior aos desligados a pedido do próprio tra-

³ Trata-se da taxa de rotatividade descontada do mercado celetista.

lhador. Esta informação é particularmente relevante porque pode ajudar a entender uma das razões pelas quais os trabalhadores pedem o desligamento, uma vez que eles podem sair em busca de postos de trabalho com melhores perspectivas em termos de remuneração. Por sua vez, a remuneração média dos vínculos encerrados por término de contrato de trabalho são as menores, reforçando a questão da vulnerabilidade para o trabalhador que se encontra nessas condições.

Por fim, fechando o panorama do comportamento da renda dos vínculos, segundo a movimentação no mercado de trabalho celetista, vale destacar que a remuneração média dos admitidos em cada ano foi sempre inferior à dos desligados, ainda que esta diferença tenha apresentado paulatina redução em função do aquecimento do mercado de trabalho no período.

Anualmente, cerca de 20 famílias ocupacionais respondem por mais da metade dos desligamentos no mercado de trabalho celetista. Importante salientar que algumas dessas famílias ocupacionais possuem maior participação na movimentação dos vínculos de cada ano do que no estoque de empregos, o que indica uma rotatividade relativamente mais elevada nessas funções. Nesse sentido, merecem destaque as famílias ocupacionais dos *Ajudantes de obras civis*, *Trabalhadores de estruturas de alvenaria*, *Operadores de telemarketing*, *Trabalhadores de montagem de estruturas de madeira, metal e compostos em obras civis* e *Trabalhadores agrícolas na cultura de gramíneas*. Vale destacar que (este) conjunto de ocupações reflete a demanda por políticas públicas de intermediação, qualificação e do seguro-desemprego. Assim, estas famílias ocupacionais devem ser foco de preocupação na programação da oferta regular das políticas públicas de emprego e renda e ser alvo dos programas de fiscalização do Ministério do Trabalho (DIEESE, 2014, p. 50).

Em termos setoriais, verifica-se que a Agricultura e pecuária, a Construção civil e o Comércio são os setores com maiores taxas de rotatividade. Nesses segmentos, as características da própria atividade econômica incidem na questão da movimentação do vínculo, seja por estarem atreladas a aspectos sazonais ou à dinâmica de produção do setor, como no caso da Construção civil, onde os trabalhadores são alocados em obras, com prazo para conclusão. Cumpre salientar que, em termos setoriais, o diferencial de participação em relação ao emprego formal em comparação à participação no total de ocupados no mercado de trabalho brasileiro pode ser significativamente distinta, considerando os diferentes graus de informalidade de cada setor, onde o emprego com carteira assinada pode ser minoria absoluta, como é o caso da atividade Agrícola, por exemplo, onde, segundo dados da Pnad 2014, o emprego com carteira assinada atinge 11,8% dos ocupados no setor⁴.

4 Considerando que a referência da pesquisa é o mês de setembro.

É importante destacar algumas particularidades observadas na dinâmica de cada setor. O setor de Serviços, por exemplo, apesar de ter uma taxa de rotatividade descontada alinhada com a do mercado de trabalho brasileiro como um todo, possui dinâmicas diferentes de rotatividade dentro dos subsetores. De acordo com dados de 2014, enquanto, por um lado, os subsetores das instituições financeiras (11,8%), dos serviços médicos, odontológicos e veterinários (17,8%) e ensino (21,7%) têm as menores taxas de rotatividade do mercado celetista brasileiro, o subsetor de administração de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos e profissionais, por outro lado, possui taxa de rotatividade bastante elevada (52,8%, embora já tenha sido maior em 2002, quando foi de 64,3%), em patamares somente inferiores à Construção civil e à Agricultura. Ou seja, há uma heterogeneidade relevante mesmo dentro de cada setor. A Indústria de transformação, que, como um todo, possui taxa de rotatividade descontada (35,6%) no mercado celetista inferior à média do mercado de trabalho brasileiro (43,1%), em 2014, teve no subsetor da indústria de calçados a maior taxa de rotatividade do setor (47,3%). A indústria mecânica também apresentou, neste ano, taxas de rotatividade expressivas em relação à média da Indústria (40,8%).

Por fim, foi observado que um reduzido número de estabelecimentos é responsável pela maior parte dos desligamentos ocorridos durante o ano. Em 2014, 6,1% dos estabelecimentos do setor privado foram responsáveis por 62,8% dos desligamentos ocorridos no ano - acima de 25 desligamentos. A observação da movimentação dos vínculos só reforça a noção de que os desligamentos, como determinantes da rotatividade total do mercado de trabalho, possuem dinâmica diferenciada em relação ao porte dos estabelecimentos. Em outras palavras, é preciso ter clareza de que, por um lado, é natural que empresas de menor porte tenham uma taxa de rotatividade mais elevada, uma vez que o denominador da taxa, o estoque de empregos, é menor, mas que, por outro lado, são os estabelecimentos maiores que contribuem com os maiores contingentes de desligamentos.

Considerando os 0,5% de estabelecimentos com maior número de desligamentos, as atividades econômicas que mais se destacam são seleção, agenciamento e locação de mão de obra, obras de infraestrutura, construção de edifícios, serviços de escritório, de apoio administrativo e outros prestados às empresas e fabricação de produtos alimentícios. Os dados indicam ainda que os estabelecimentos optantes do Simples Nacional possuem taxa de rotatividade superior à taxa de rotatividade dos estabelecimentos não optantes, de 48,0%, contra 43,1% do total do mercado celetista. Este dado é relevante na medida em que as empresas optantes do Simples possuem desoneração do PIS/Cofins, base arrecadatória do Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT, de onde saem os recursos para pagamento dos benefícios do seguro-desemprego.

Os dados da Rais trazem muitos elementos para reflexão e discussão deste fenômeno, que é tão complexo, com múltiplos determinantes e efeitos. Contudo, devido à heterogeneidade característica do sistema econômico e do mercado de trabalho brasileiro, muitas dinâmicas também não são captadas pelos registros administrativos. Entende-se que, por causa da magnitude de movimentação do emprego formal e todos os seus efeitos deletérios sobre a dinâmica econômica e social do país e sobre os trabalhadores, em particular, que sofrem com uma inserção bastante precária no mercado de trabalho, tal tema permanece como extremamente relevante, tendo em vista o desejo coletivo de alcançar patamares mais elevados de desenvolvimento socioeconômico. O enfrentamento dessa questão exige a compreensão de toda a diversidade da rotatividade, para se pensar iniciativas que levem às transformações de que o país necessita, garantindo melhor qualidade de vida aos trabalhadores.

Referências bibliográficas

- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA - CNI. **Competitividade Brasil 2014: comparação com países selecionados.** - Brasília: CNI, 2015. 108 p. :il.
- COORDENAÇÃO-GERAL DE RECURSOS DO FUNDO DE AMPARO AO TRABALHADOR - CGFAT. **Boletim de informações financeiras do Fundo de Amparo ao Trabalhador. Diversos anos.** Disponível em: <http://www.mte.gov.br/index.php/fundo-de-amparo-ao-trabalhador/execucao-financeira-do-fat/boletim-informacoes-financeira>
- _____. **Relatório de Gestão do FAT.** Diversos anos. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/index.php/fundo-de-amparo-ao-trabalhador/execucao-financeira-do-fat/relatorio-gestao-fat>
- DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE. **Rotatividade e flexibilidade no mercado de trabalho.** São Paulo, SP. DIEESE, 2011.
- _____. **Rotatividade e políticas públicas para o mercado de trabalho.** São Paulo, SP. 2014.
- _____. **A Convenção 158 da OIT e a garantia contra a dispensa imotivada. Nota Técnica nº 61.** São Paulo, SP. Março de 2008.
- _____. **Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda 2015: Seguro-Desemprego.** São Paulo, SP. 2016. No prelo.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. **Manual de Orientação da Relação Anual de Informações Sociais (Rais): ano-base 2014.** Brasília: MTE, SPPE, DES, CGET, 2015. 49 p.

Anexo

TABELA 1
Evolução dos desligamentos celetistas com até 2,9 meses de tempo de permanência no emprego
BRASIL – 2002 A 2014

	Ano	Demissão sem Justa Causa	Término Contrato	Desligamento à pedido	Transferência	Falecimento	Aposentadoria	Outros	Total
	2002	723.035	1.737.104	790.735	120.457	4.925	1.748	37.187	3.415.191
	2003	705.724	1.739.184	736.817	128.631	4.950	992	33.305	3.349.603
nº absoluto	2004	746.015	1.939.743	914.023	137.690	5.556	951	37.550	3.781.528
	2005	790.960	2.085.613	994.981	151.106	5.461	922	38.752	4.067.795
	2006	811.999	2.206.263	1.048.273	174.374	5.538	955	40.191	4.287.593
	2007	871.306	2.424.285	1.266.234	207.692	5.959	739	48.473	4.824.688
	2008	1.102.120	2.887.156	1.677.956	255.932	7.096	833	58.394	5.989.487
	2009	1.038.400	2.656.894	1.523.631	230.553	6.971	807	57.015	5.514.271
	2010	1.205.544	3.275.511	2.079.796	301.423	8.223	366	72.386	6.943.249
	2011	1.261.918	3.371.984	2.372.704	314.656	9.363	341	92.501	7.423.467
	2012	1.293.399	3.588.899	2.468.648	327.062	9.136	302	96.858	7.784.304
nº absoluto	2013	1.338.393	3.574.685	2.473.506	338.883	8.341	1.127	106.869	7.841.804
	2014	1.296.232	3.525.321	2.324.303	337.670	8.005	339	110.386	7.602.256

(continua)

TABELA 1
Evolução dos desligamentos celetistas com até 2,9 meses de tempo de permanência no emprego
BRASIL – 2002 A 2014

	Ano	Demissão sem Justa Causa	Término Contrato	Desligamento a pedido	Transferência	Falecimento	Aposentadoria	Outros	Total
	2002	21,2	50,9	23,2	3,5	0,1	0,1	1,1	100,0
Distribuição (%)	2003	21,1	51,9	22,0	3,8	0,1	0,0	1,0	100,0
	2004	19,7	51,3	24,2	3,6	0,1	0,0	1,0	100,0
	2005	19,4	51,3	24,5	3,7	0,1	0,0	1,0	100,0
	2006	18,9	51,5	24,4	4,1	0,1	0,0	0,9	100,0
	2007	18,1	50,2	26,2	4,3	0,1	0,0	1,0	100,0
	2008	18,4	48,2	28,0	4,3	0,1	0,0	1,0	100,0
	2009	18,8	48,2	27,6	4,2	0,1	0,0	1,0	100,0
	2010	17,4	47,2	30,0	4,3	0,1	0,0	1,0	100,0
Distribuição (%)	2011	17,0	45,4	32,0	4,2	0,1	0,0	1,2	100,0
	2012	16,6	46,1	31,7	4,2	0,1	0,0	1,2	100,0
	2013	17,1	45,6	31,5	4,3	0,1	0,0	1,4	100,0
	2014	17,1	46,4	30,6	4,4	0,1	0,0	1,5	100,0

Fonte: MTPS/Rais. Elaboração: DIESEF
 (conclusão)

TABELA 2
Taxas de rotatividade global e descontada^a do mercado celetista
Brasil - 2003 a 2014

Grande região e UF	Taxa de rotatividade global										Taxa de rotatividade descontada													
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Norte	56,4	57,4	57,8	59,0	58,7	66,3	60,6	64,5	65,1	63,8	64,2	63,7	44,9	44,1	44,5	45,9	45,0	51,1	47,1	48,7	48,8	47,6	48,4	48,3
Rondônia	62,1	68,6	64,3	59,9	61,5	71,3	73,3	79,0	79,4	75,7	72,3	69,2	46,8	49,2	47,7	45,6	45,6	52,2	52,4	57,6	58,5	55,9	53,5	51,0
Acre	44,3	44,6	44,2	53,5	51,2	57,4	54,0	60,1	59,3	58,2	54,5	59,4	36,7	34,7	35,1	42,2	41,7	45,8	42,8	46,9	46,6	44,2	42,9	46,5
Amazonas	51,3	56,8	56,8	63,2	61,6	71,2	62,8	67,2	68,0	65,6	64,2	65,3	42,6	44,7	44,5	48,7	47,1	53,5	48,2	50,2	48,6	47,5	46,5	47,2
Pará	57,7	55,4	53,8	53,7	51,2	63,5	58,2	63,4	62,6	60,7	68,7	66,7	44,4	42,8	41,5	42,3	40,5	50,3	42,8	42,8	46,8	45,6	53,1	50,0
Pará	56,0	53,3	55,6	55,8	55,0	60,7	54,5	56,5	58,0	59,0	61,9	60,3	44,0	40,9	42,1	43,4	41,7	47,6	43,5	43,3	44,3	44,3	47,4	47,0
Amapá	58,0	55,2	53,3	53,1	57,8	61,9	56,0	57,6	59,0	56,3	59,5	60,7	48,5	45,1	44,7	44,3	48,5	50,1	46,8	47,3	48,1	45,5	46,5	48,0
Tocantins	71,5	72,6	73,7	68,7	70,9	80,4	71,1	76,3	72,2	69,0	68,6	69,6	57,3	56,1	58,2	54,3	56,3	64,1	56,7	58,9	55,9	53,4	52,9	53,1
Nordeste	47,1	45,9	47,2	48,0	48,0	53,2	50,2	54,2	56,1	56,8	56,6	56,3	39,5	38,3	39,1	39,9	39,4	43,1	41,1	42,7	44,1	43,9	44,0	43,3
Maranhão	44,7	45,3	48,3	46,9	50,8	55,8	55,1	57,8	59,3	59,4	59,1	57,9	37,3	37,2	39,4	38,3	41,0	44,0	46,1	45,5	46,4	46,1	44,8	45,1
Piauí	30,2	28,1	27,5	29,0	34,9	44,9	42,4	52,1	50,8	49,9	50,5	52,0	25,1	23,2	22,6	23,1	28,5	35,1	33,5	39,3	39,1	38,1	37,9	39,0
Ceará	47,2	42,9	43,4	45,2	44,9	50,1	47,3	53,8	56,2	57,6	58,1	36,4	35,1	35,5	37,3	36,5	39,6	37,6	41,3	42,9	40,7	43,0	42,4	
Rio Grande do Norte	53,0	58,7	56,4	52,4	50,6	55,1	50,7	52,5	56,3	56,1	56,6	54,2	45,2	50,5	46,8	43,2	41,1	44,1	41,2	41,0	43,5	42,7	43,6	41,8
Paraíba	43,6	38,3	39,4	39,6	39,7	46,2	41,7	44,6	47,5	49,6	50,0	49,4	38,0	32,3	33,4	33,5	33,3	39,1	34,7	35,9	37,0	38,4	38,8	37,7
Pernambuco	47,2	44,9	47,4	49,5	48,2	51,0	50,6	53,5	56,1	58,4	58,1	59,3	40,6	37,6	39,4	40,7	39,1	41,2	41,7	43,6	45,0	44,7	44,8	
Alagoas	48,0	49,5	49,2	51,1	49,3	50,3	49,6	50,3	52,2	54,8	55,5	52,1	41,4	40,8	42,7	43,4	42,0	42,7	42,1	42,4	43,2	44,9	45,4	43,2
Sergipe	47,9	46,6	43,3	47,1	45,1	56,8	49,7	50,3	50,3	52,8	49,7	49,6	41,7	39,5	36,0	39,4	37,6	44,6	40,9	40,7	39,6	42,1	39,8	38,6
Bahia	50,1	49,9	52,3	52,7	52,5	58,5	53,8	58,2	59,6	59,8	58,1	57,1	42,2	41,4	43,3	44,2	44,2	46,4	47,8	47,2	46,4	45,4	45,4	

(continua)

TABELA 2
Taxas de rotatividade global e descontada¹ do mercado celetista
Brasil - 2003 a 2014

Grande região e UF	Taxa de rotatividade global												Taxa de rotatividade descontada											
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Sudeste	52,0	52,1	53,8	55,1	56,9	63,0	58,9	64,0	64,3	63,2	62,6	61,4	40,9	39,9	40,9	41,2	41,6	44,7	42,6	44,3	43,0	41,8	42,1	41,6
Minas Gerais	60,1	60,6	62,6	64,5	64,6	71,5	65,3	68,4	69,2	69,3	67,0	65,0	48,4	47,8	49,2	50,4	49,7	53,6	50,4	50,0	49,4	48,8	48,5	47,7
Espirito Santo	58,7	56,3	58,0	60,5	63,4	69,5	63,1	66,3	66,2	67,4	65,1	47,2	44,8	44,5	46,5	48,4	50,9	48,0	48,8	47,2	46,3	47,3	46,0	
Rio de Janeiro	45,3	45,3	45,2	45,0	46,6	50,8	52,1	61,1	57,1	57,7	58,6	59,6	34,8	33,9	33,6	33,4	34,1	36,1	37,4	42,6	38,0	37,9	39,3	39,0
São Paulo	51,1	51,1	53,3	54,7	57,2	63,4	58,5	63,2	64,6	62,5	62,0	60,6	40,0	38,9	40,1	40,1	40,8	43,9	41,3	42,6	42,0	40,3	40,5	40,1
Sul	53,9	55,9	57,4	56,3	58,9	65,0	60,8	65,5	67,2	67,7	67,9	66,7	40,0	40,1	41,4	40,2	41,1	43,5	41,5	42,6	41,7	41,1	42,0	42,0
Paraná	54,0	56,0	58,4	56,8	60,8	67,4	62,3	68,1	69,3	69,8	70,2	67,2	41,2	41,2	42,9	41,5	43,4	46,3	43,7	45,5	43,5	42,1	43,8	42,9
Santa Catarina	56,6	58,8	60,0	61,2	63,0	66,9	64,4	67,0	68,6	68,9	68,7	69,0	39,4	39,0	39,9	40,4	40,9	41,2	40,0	40,1	39,8	38,6	38,8	39,3
Rio Grande do Sul	52,1	53,9	54,8	52,2	54,0	61,1	56,7	61,7	64,2	64,8	65,1	64,6	39,4	39,7	40,9	38,8	39,2	42,3	40,5	41,6	41,4	42,0	42,4	43,1
Centro-Oeste	59,9	62,0	62,1	62,8	66,1	73,1	70,5	72,7	77,4	76,8	76,5	75,6	44,6	44,4	45,9	47,6	48,4	52,2	51,5	51,3	53,9	52,2	52,2	52,6
Mato Grosso do Sul	64,2	65,0	65,7	68,9	71,8	82,2	71,2	73,6	74,8	75,0	75,9	74,0	48,0	45,4	47,2	50,9	49,6	56,5	50,4	49,4	48,4	48,6	49,1	49,5
Mato Grosso	75,1	81,4	81,2	75,8	77,9	85,7	82,4	82,6	94,0	97,3	95,0	95,1	52,2	53,7	58,8	57,4	55,8	60,6	60,0	58,9	68,3	67,3	66,0	67,9
Goiás	61,9	63,2	63,1	65,3	71,1	76,5	72,9	76,1	80,1	77,1	76,9	75,6	47,5	48,0	48,2	50,6	54,3	56,1	54,6	55,3	56,7	53,5	53,4	53,4
Distrito Federal	44,0	43,9	44,0	46,3	46,7	53,1	57,2	59,5	62,0	61,2	61,5	60,8	33,2	31,8	32,0	34,5	33,9	37,4	41,1	40,6	42,0	40,7	41,1	41,0
Brasil	52,4	52,8	54,2	54,9	56,7	62,7	58,8	63,4	64,5	64,0	63,7	62,8	40,9	40,2	41,2	41,4	41,8	45,0	43,0	44,5	44,0	43,1	43,4	43,1

(conclusão)

Fonte: MTPS. Rais. Elaboração: DIEESE

TABELA 3
Taxas de rotatividade global e descontada¹ do mercado formal (celetista + estatutário)
Brasil - 2003 a 2014

Grande região e UF	Taxa de rotatividade global												Taxa de rotatividade descontada											
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Norte	36,8	37,6	39,0	39,4	39,0	45,0	41,2	43,8	45,7	47,5	47,7	47,0	28,9	28,7	30,0	30,6	29,9	34,7	32,2	33,1	34,4	35,8	36,3	35,9
Rondonônia	39,6	44,4	42,0	39,9	40,9	49,0	50,2	56,2	57,5	56,0	53,7	50,2	29,4	31,9	31,1	30,5	30,3	35,6	35,7	40,7	42,4	41,5	40,0	36,9
Acre	25,7	26,6	29,1	34,1	31,0	36,6	39,1	36,1	42,1	44,6	41,4	44,5	21,5	21,1	23,8	27,3	25,2	29,3	32,0	28,1	33,4	34,8	33,2	35,1
Amazonas	36,4	38,9	38,8	43,0	41,8	49,0	44,1	46,6	50,5	51,3	49,2	49,3	29,5	30,6	30,4	33,0	32,0	37,0	34,0	34,8	36,7	37,4	35,9	35,9
Roraima	35,7	40,9	38,7	34,8	33,9	43,9	34,2	34,3	37,5	36,1	41,5	41,0	27,8	31,6	29,5	27,3	26,7	34,0	24,4	23,4	26,0	26,2	31,6	31,6
Pará	38,3	36,9	39,6	39,6	39,2	44,2	39,6	40,9	41,2	44,5	46,2	45,3	29,7	28,0	29,8	30,7	29,8	34,7	31,8	31,5	31,8	33,9	35,8	35,8
Amapá	30,4	29,8	31,1	31,5	33,8	35,4	31,3	35,2	35,8	37,4	41,1	40,1	25,4	24,3	25,9	26,3	27,9	28,9	26,3	29,1	29,6	30,6	32,6	32,1
Tocantins	36,3	36,7	41,4	35,9	36,0	42,1	37,3	42,3	44,9	49,8	50,4	50,5	29,4	28,7	33,5	28,6	28,6	33,5	29,9	32,3	34,0	38,0	39,0	38,6
Nordeste	33,7	33,1	33,4	34,2	34,4	39,2	36,9	40,2	42,0	44,4	44,3	43,9	27,7	27,1	27,5	28,3	28,1	31,3	30,1	31,7	33,0	34,7	34,2	33,8
Maranhão	28,9	31,9	29,5	29,2	32,2	35,8	35,4	38,2	38,9	41,6	41,1	40,0	22,6	22,4	23,7	23,7	25,8	28,4	29,2	30,1	30,4	32,6	31,3	31,2
Piauí	25,1	22,9	22,1	23,3	25,0	27,2	28,7	36,0	35,4	33,7	33,5	34,8	20,8	18,8	18,1	18,5	20,5	21,2	23,1	27,6	27,7	25,6	25,2	26,0
Ceará	34,4	31,5	31,6	32,8	33,6	38,6	37,1	42,5	44,4	46,4	49,5	48,7	26,4	25,7	25,7	26,9	27,1	30,4	29,4	32,7	34,0	34,5	35,9	35,7
Rio Grande	35,9	37,0	35,8	34,1	33,8	38,4	35,2	37,1	39,6	41,6	42,0	40,5	30,2	31,7	29,6	27,8	27,1	30,6	28,4	28,8	30,6	31,8	32,1	31,0
do Norte																								
Paraíba	24,2	22,3	22,8	22,6	23,0	27,6	25,6	27,0	29,7	32,5	33,4	33,3	20,8	18,5	19,1	19,0	19,2	23,1	21,2	21,9	22,8	25,7	25,4	25,3
Pernambuco	35,6	33,8	35,6	37,8	36,8	39,7	39,3	42,0	44,6	48,2	47,1	48,1	29,3	28,0	29,1	30,6	29,4	31,9	31,8	32,7	34,6	37,3	36,3	36,4
Alagoas	33,8	35,1	34,1	34,9	33,7	34,7	34,6	35,7	38,1	40,1	41,0	38,4	29,0	28,9	29,5	28,6	29,4	29,2	30,1	31,6	32,9	33,5	31,8	

(continua)

TABELA 3
Taxas de rotatividade global e descontada¹ do mercado formal (celetista + estatutário)
Brasil - 2003 a 2014

Grande região e UF	Taxa de rotatividade global												Taxa de rotatividade descontada											
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Sergipe	30,6	30,1	28,1	31,2	31,0	42,1	35,9	37,6	41,0	38,1	38,8	26,2	25,3	23,2	25,9	25,8	32,6	29,5	29,4	29,5	32,6	29,9	29,9	
Bahia	37,2	37,6	38,8	39,3	39,3	44,5	41,3	44,6	46,3	48,8	47,4	46,5	31,1	31,0	32,0	33,0	32,5	36,8	34,0	35,6	37,3	39,0	38,1	37,2
Sudeste	44,5	45,1	46,8	48,5	49,9	55,8	52,3	56,7	57,4	57,1	56,7	55,4	34,8	34,5	35,3	36,0	36,2	39,4	37,6	39,3	38,4	38,0	38,3	37,6
Minas Gerais	50,9	52,0	52,6	56,0	55,0	62,2	57,0	59,9	61,0	62,6	60,9	58,7	41,0	41,0	41,3	43,9	42,3	46,6	44,1	44,2	44,9	44,5	43,3	
Espírito Santo	54,4	57,2	56,5	56,0	58,9	64,8	57,9	60,7	61,0	62,3	63,4	60,0	44,3	46,6	44,6	43,9	43,9	45,7	48,6	44,3	45,2	44,2	45,2	42,9
Rio de Janeiro	37,0	37,4	37,3	37,1	38,5	42,9	43,7	51,2	48,0	49,4	50,2	51,0	28,1	27,8	27,5	27,4	28,0	30,4	31,3	35,7	31,9	32,7	33,9	33,5
São Paulo	44,2	44,4	47,2	48,9	51,2	57,0	52,9	57,0	58,9	57,3	56,8	55,4	34,3	33,6	35,0	35,3	36,1	39,1	36,8	38,3	38,1	36,8	37,0	36,5
Sul	47,3	49,5	50,3	49,2	51,4	57,5	53,9	58,0	59,8	60,9	60,5	59,6	35,0	35,3	36,2	35,1	35,7	38,3	36,7	37,7	37,2	37,1	37,4	37,5
Paraná	46,3	48,3	50,0	48,5	52,1	58,2	53,7	58,8	59,7	60,8	60,6	58,5	34,7	35,1	36,4	35,0	36,4	39,5	37,2	38,8	37,2	36,4	37,6	36,9
Santa Catarina	52,9	55,0	55,8	56,7	58,0	62,1	60,5	62,9	64,9	65,7	65,1	65,1	37,4	37,1	37,6	38,0	38,1	38,8	38,3	38,4	38,6	38,0	37,8	38,0
Rio Grande do Sul	44,8	47,0	47,0	44,9	46,3	53,4	49,4	53,8	56,3	57,5	57,0	56,8	33,8	34,4	35,0	33,2	33,4	36,8	35,0	36,1	36,1	37,1	36,9	37,7

(continua)

TABELA 3
Taxas de rotatividade global e descontada¹ do mercado formal (celetista + estatutário)
Brasil - 2003 a 2014

Grande região e UF	Taxa de rotatividade global												Taxa de rotatividade descontada											
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Centro- Oeste	42,8	46,2	45,4	46,2	49,4	55,9	54,5	56,1	59,8	60,2	60,1	58,9	31,7	33,2	33,4	34,9	35,8	40,2	40,3	39,9	41,8	41,1	41,1	40,8
Mato Grosso do Sul	51,2	54,0	54,0	55,6	61,1	66,7	57,8	59,9	61,5	64,0	66,0	64,0	38,1	38,1	39,0	41,3	40,5	46,3	41,2	40,6	40,4	42,1	43,5	43,4
Mato Grosso	63,0	70,2	66,3	59,7	61,2	75,4	76,4	72,4	78,5	81,8	80,0	80,6	44,6	47,8	48,3	45,4	44,0	55,0	57,8	52,7	56,9	56,4	55,4	57,4
Goiás	46,8	50,3	48,4	50,2	54,4	60,4	57,2	60,0	64,5	63,4	63,3	62,7	35,8	38,3	36,5	38,5	41,2	43,8	42,5	43,3	45,7	43,9	43,7	43,5
Distrito Federal	25,3	25,7	26,7	30,0	31,4	33,9	36,9	39,9	42,0	41,1	41,2	38,9	18,6	18,0	19,2	22,3	22,6	24,2	27,0	28,0	28,7	27,6	28,0	26,4
Brasil	42,7	43,6	44,6	45,5	46,8	52,6	49,4	53,2	54,6	55,2	54,9	53,9	33,1	33,0	33,7	34,1	34,3	37,6	36,0	37,4	37,3	37,4	37,5	37,1

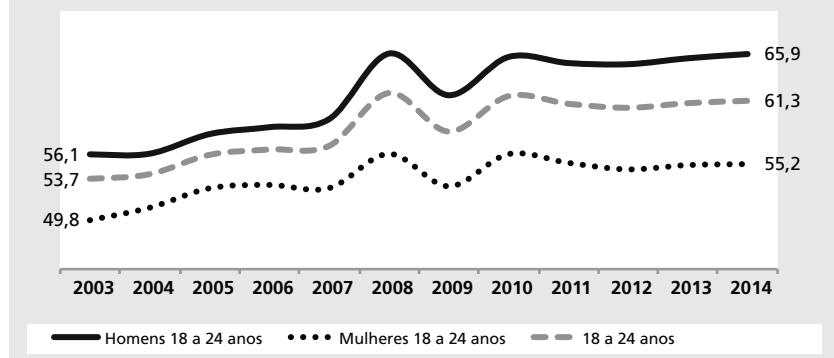
(conclusão)

Fonte: MTPS, Raiz. Elaboração: DIESE

Nota: (1) Exclui os desligamentos por falecimento, aposentadoria, transferência e demissão a pedido do trabalhador

GRÁFICO 1

Taxa de rotatividade descontada¹ dos vínculos celetistas segundo faixa etária selecionada e sexo
Brasil - 2003 a 2014 (em %)

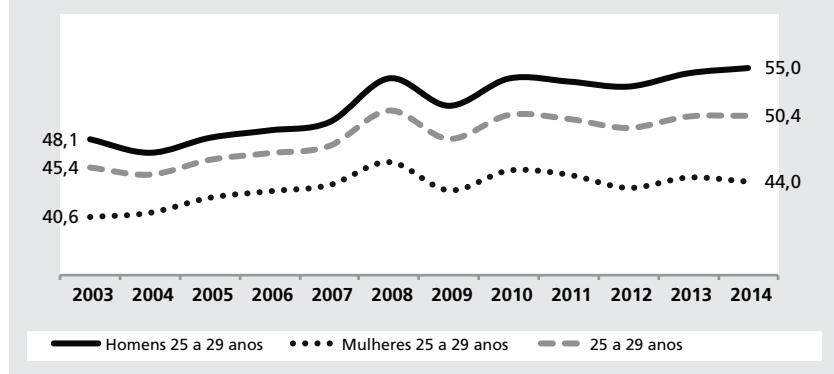


Fonte: MTPS, Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

GRÁFICO 2

Taxa de rotatividade descontada¹ dos vínculos celetistas segundo faixa etária selecionada e sexo
Brasil - 2003 a 2014 (em %)

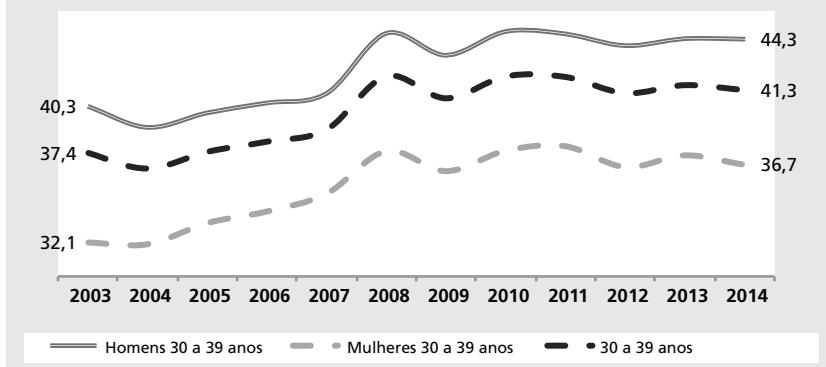


Fonte: MTPS, Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

GRÁFICO 3

**Taxa de rotatividade descontada¹ dos vínculos celetistas segundo faixa etária selecionada e sexo
Brasil - 2003 a 2014 (em %)**

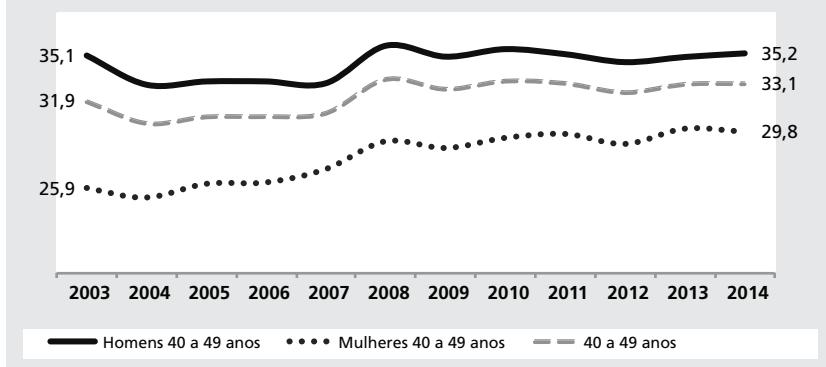


Fonte: MTPS. Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

GRÁFICO 4

**Taxa de rotatividade descontada¹ dos vínculos celetistas segundo faixa etária selecionada e sexo
Brasil - 2003 a 2014 (em %)**

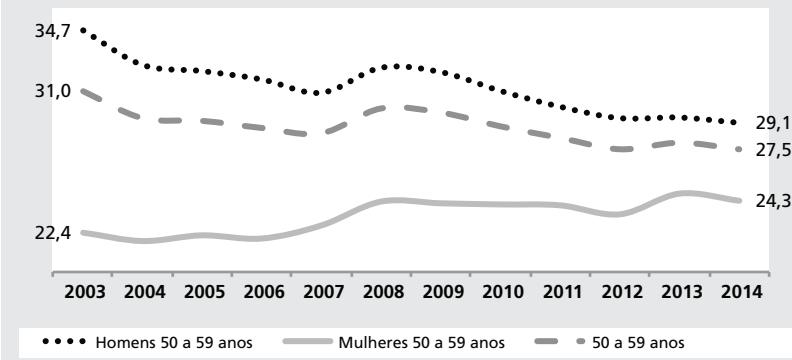


Fonte: MTPS. Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

GRÁFICO 5

**Taxa de rotatividade descontada¹ dos vínculos celetistas segundo faixa etária selecionada e sexo
Brasil - 2003 a 2014 (em %)**

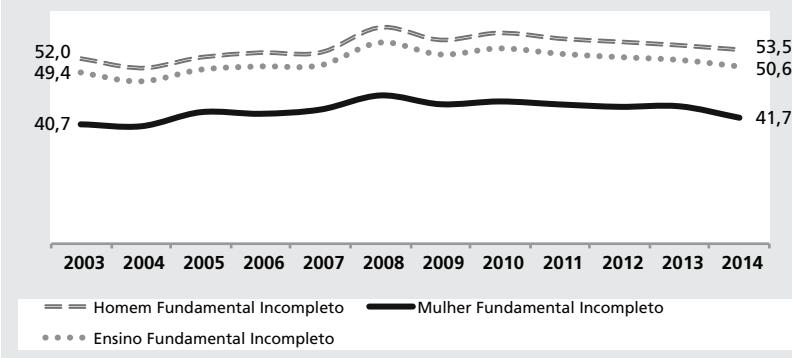


Fonte: MTPS. Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

GRÁFICO 6

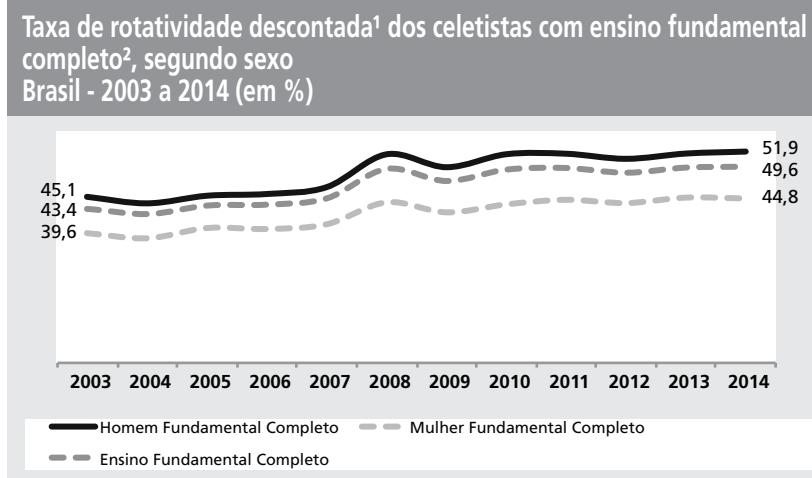
**Taxa de rotatividade descontada¹ dos celetistas com ensino fundamental incompleto², segundo sexo
Brasil - 2003 a 2014 (em %)**



Fonte: MTPS. Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos; (2) Inclui os analfabetos

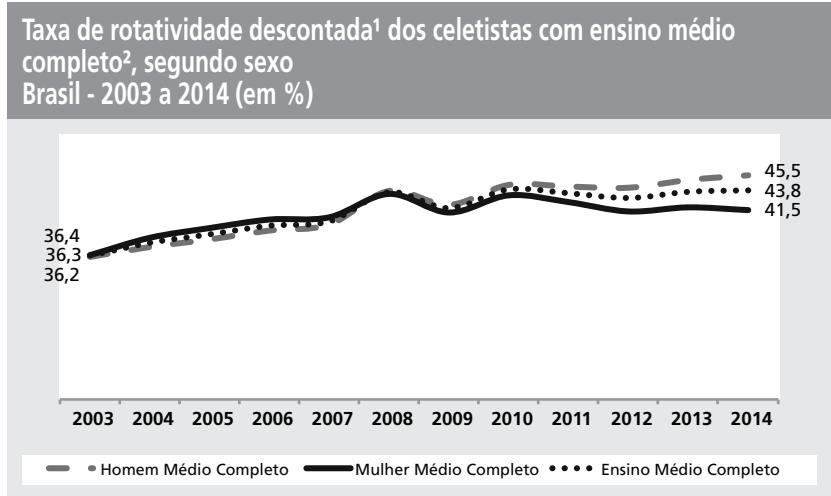
GRÁFICO 7



Fonte: MTPS. Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos; (2) Inclui o ensino médio incompleto

GRÁFICO 8

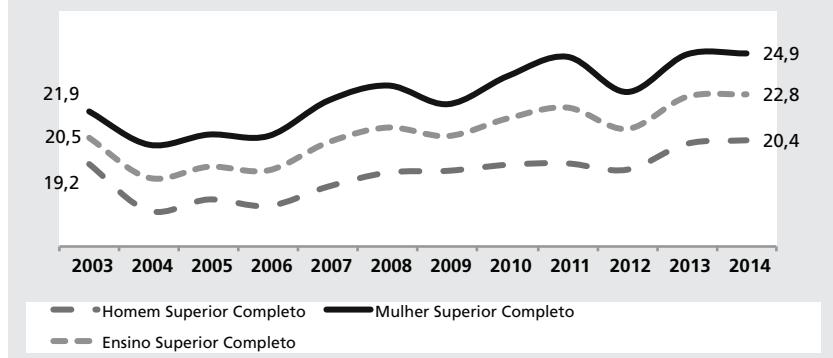


Fonte: MTPS. Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos; (2) Inclui o ensino médio incompleto

GRÁFICO 9

Taxa de rotatividade descontada¹ dos celetistas com ensino superior completo², segundo sexo
Brasil - 2003 a 2014 (em %)



Fonte: MTPS. Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos; (2) Inclui mestrado e doutorado

TABELA 4
Taxas de rotatividade global e descontada dos vínculos celetistas segundo setor de atividade econômica
Brasil - 2003 a 2014 (em %)

Setor de atividade econômica	Taxa de rotatividade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Extrativa Mineral	Global ¹	33,4	32,8	30,4	29,4	29,2	31,1	27,4	30,7	31,1	32,6	31,9	30,4
	Descontada ²	23,5	22,7	22,7	20,7	19,3	22,1	20,0	19,2	18,9	19,5	21,1	20,5
Indústria de transformação	Global ¹	43,7	42,4	46,0	46,2	48,1	54,5	49,8	51,2	53,4	53,5	52,4	50,7
	Descontada ²	33,6	31,2	34,3	34,5	34,6	38,8	36,9	35,2	36,1	35,5	35,4	35,6
Serviço Utilidade Pública	Global ¹	18,1	19,9	20,7	23,1	21,8	23,3	26,0	26,3	28,9	29,0	32,5	28,4
	Descontada ²	12,9	13,5	13,9	15,8	13,9	15,1	18,1	16,5	19,2	19,4	21,5	18,7
Construção Civil	Global ¹	111,0	109,0	105,4	110,8	105,0	119,1	108,7	118,7	115,7	114,9	115,0	116,2
	Descontada ²	93,7	90,7	86,4	90,5	84,0	92,9	86,7	91,3	87,7	87,4	88,1	91,9
Comércio	Global ¹	51,7	51,3	52,6	52,6	55,2	60,2	57,6	61,1	64,9	63,9	64,2	63,3
	Descontada ²	40,1	38,6	39,4	39,3	40,4	42,6	41,6	42,0	42,8	41,4	42,1	41,9
Serviços	Global ¹	48,4	49,6	50,6	51,4	53,1	58,5	55,2	59,3	60,5	60,1	59,6	58,7
	Descontada ²	37,7	38,2	38,4	38,3	38,8	41,1	38,7	40,2	39,9	38,9	39,0	38,2
Administração Pública	Global ¹	19,6	26,5	27,1	29,3	34,6	42,9	36,1	68,9	48,7	47,7	56,0	58,3
	Descontada ²	14,5	20,1	21,2	23,6	28,6	35,1	30,5	56,1	41,4	40,7	48,5	50,1
Agricultura	Global ¹	100,0	104,4	106,1	105,6	106,8	108,5	98,5	100,2	94,6	91,7	88,8	83,3

(continua)

TABELA 4
Taxas de rotatividade global e descontada dos vínculos celestistas segundo setor de atividade econômica
Brasil - 2003 a 2014 (em %)

Setor de atividade econômica	Taxa de rotatividade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Descontada ²	76,9	76,2	80,2	79,6	80,2	78,9	74,7	75,8	68,1	65,9	65,4	61,3	
Total	Global ¹	52,4	52,8	54,2	54,9	56,7	62,7	58,8	63,4	64,5	64,0	63,7	62,8
Descontada ²	40,9	40,2	41,2	41,4	41,8	45,0	43,0	44,5	44,0	43,1	43,4	43,1	

(conclusão)

Fonte: MTPS, Rais. Elaboração: DIESE

TABELA 5
Taxas de rotatividade global e descontada dos vínculos celetistas dos subsetores dos Serviços
Brasil - 2003 a 2014 (em %)

Sector de atividade	Taxa de rotatividade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Serviços econômica	Globál ¹	48,4	49,6	50,6	51,4	53,1	58,5	55,2	59,3	60,5	60,1	59,6	58,7
Instituições financeiras	Descontada ²	37,7	38,2	38,4	38,3	38,8	41,1	38,7	40,2	39,9	38,9	39,0	38,2
Adm. de imóveis, valores mobiliários, serviços técnicos e profissionais	Globál ¹	23,4	25,7	23,5	29,9	28,6	32,3	32,2	33,6	28,4	29,0	28,2	27,6
Transporte e Comunicação	Descontada ²	10,3	10,7	10,3	10,6	10,3	13,2	10,8	10,6	11,6	12,2	11,9	11,8
Alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação	Globál ¹	76,3	80,7	81,4	80,7	81,9	88,9	79,2	85,3	84,7	82,7	79,1	77,1
	Descontada ²	64,3	66,7	66,1	64,6	63,8	66,9	59,2	62,1	59,2	56,9	55,2	52,8
	Globál ¹	38,6	36,8	38,0	40,3	42,7	46,5	46,0	49,6	52,4	52,5	53,2	53,0
	Descontada ²	27,9	26,3	27,1	28,6	29,9	31,2	31,8	32,5	33,6	33,7	34,2	34,7
	Globál ¹	45,5	45,0	46,6	46,7	49,6	54,7	54,0	58,3	60,7	60,9	63,2	63,5
	Descontada ²	34,9	34,4	35,0	34,9	36,5	38,5	38,4	39,6	40,1	39,3	41,3	41,7

(continua)

TABELA 5
Taxas de rotatividade global e descontada dos vínculos celetistas dos subsetores dos Serviços
Brasil - 2003 a 2014 (em %)

Setor de atividade	Taxa de rotatividade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	Global ¹	24,9	24,5	25,5	24,8	26,4	30,8	30,6	31,6	33,5	34,1	34,9	34,5
Ensino	Descontada ²	17,1	16,5	16,9	16,2	16,7	17,9	18,0	18,0	18,4	17,5	18,4	17,8
	Global ¹	27,5	28,2	28,8	30,9	30,2	34,4	33,9	35,1	36,8	36,6	37,0	36,5
	Descontada ²	19,2	19,6	19,6	20,8	20,4	21,5	21,7	21,7	21,9	21,2	21,7	(conclusão)

Fonte: MTPS, Rais. Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Incluem todos os desligamentos; (2) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

TABELA 6
Taxas de rotatividade global e descontada dos vínculos celetistas dos subsetores do Comércio
Brasil - 2003 a 2014 (em %)

Setor de atividade	Taxa de rotatividade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Comércio	Global ¹	51,7	51,3	52,6	55,2	60,2	57,6	61,1	64,9	63,9	64,2	63,3	
	Descontada ²	40,1	38,6	39,4	39,3	40,4	42,6	41,6	42,0	42,8	41,4	42,1	41,9
Comércio Varejista	Global ¹	51,9	51,7	53,2	53,2	55,8	61,0	58,5	62,3	66,3	65,4	65,7	64,9
	Descontada ²	40,1	38,7	39,7	39,6	40,8	43,1	42,1	42,7	43,5	42,2	42,9	42,6
Comércio atacadista	Global ¹	50,5	49,3	49,5	49,4	52,1	56,0	53,4	55,2	58,0	56,3	56,7	55,4
	Descontada ²	39,9	38,2	38,1	37,4	38,4	40,3	39,1	38,7	38,9	37,7	38,1	38,2

Fonte: MTPS, Rais. Elaboração: DIEESE
 Nota: (1) Incluem todos os desligamentos; (2) Desconta os desligamentos à pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

TABELA 7
Taxas de rotatividade global e descontada dos vínculos celetistas dos subsetores da Indústria de transformação
Brasil - 2003 a 2014 (em %)

Sector de atividade econômica	Taxa de rotatividade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Indústria de transformação	Global ¹	43,7	42,4	46,0	46,2	48,1	54,5	49,8	51,2	53,4	53,5	52,4	50,7
Prod. mineral não metálico	Descontada ²	33,6	31,2	34,3	34,5	34,6	38,8	36,9	35,2	36,1	35,5	35,4	35,6
Metalúrgica	Global ¹	42,0	39,8	42,1	43,1	44,9	52,6	48,5	53,3	54,1	54,4	54,0	52,2
Mecânica	Descontada ²	34,5	30,3	31,7	32,3	33,1	37,1	36,2	36,9	37,6	37,9	37,1	37,3
Eletro e Comunicação	Global ¹	38,7	35,6	40,3	38,7	40,8	48,8	43,5	47,6	49,2	49,3	50,7	47,4
Material de transporte	Descontada ²	29,9	27,8	30,5	30,7	30,4	36,4	37,1	35,0	36,0	36,0	37,3	38,1
Madeira e mobiliário	Global ¹	36,1	36,5	42,0	43,5	45,0	54,0	44,3	49,4	51,3	52,0	53,0	52,0
	Descontada ²	29,3	28,2	33,6	32,4	33,0	40,4	37,9	36,1	37,1	37,8	38,1	40,8
	Global ¹	33,0	32,9	35,2	42,7	40,7	44,0	39,2	41,5	46,2	47,9	47,7	43,1
	Descontada ²	25,9	22,8	26,1	28,9	28,0	32,2	32,6	29,1	30,9	32,6	33,9	33,0
	Global ¹	23,2	20,6	22,0	26,9	22,9	32,2	25,7	28,0	31,0	31,7	32,6	27,5

(continua)

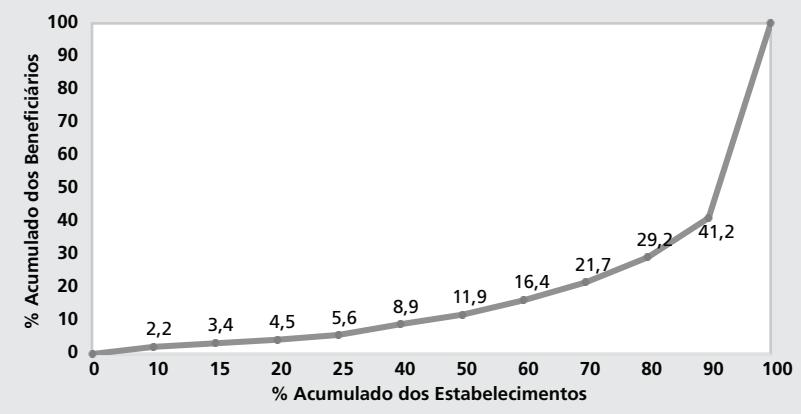
TABELA 7
Taxas de rotatividade global e descontada dos vínculos celetistas dos subsetores da Indústria de transformação
Brasil - 2003 a 2014 (em %)

Sector de atividade econômica	Taxa de rotatividade	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Descontada ²	38,1	36,7	42,3	38,5	39,6	42,7	38,9	38,1	38,7	37,3	37,1	37,4	37,4
Papel e gráfica Global ¹	31,8	32,2	33,8	33,2	35,8	40,4	38,3	39,7	43,0	42,1	42,4	42,4	40,2
Descontada ²	25,0	24,3	25,2	25,6	26,3	28,2	27,9	27,6	28,9	28,3	29,0	29,0	28,5
Borracha, fumo, couros	Global ¹	47,1	48,3	50,7	49,4	52,9	58,1	51,0	55,8	57,7	53,8	54,2	51,1
Descontada ²	37,5	37,7	40,0	38,5	39,4	43,7	39,2	38,8	40,7	37,2	37,6	37,6	37,6
Química Global ¹	33,4	31,9	35,4	36,2	37,2	43,9	39,4	52,0	48,6	48,3	46,0	46,0	44,5
Descontada ²	26,0	23,8	26,3	26,4	27,0	31,1	28,6	36,2	33,4	33,0	31,4	31,4	31,3
Têxtil Global ¹	43,9	42,4	45,5	47,0	48,9	54,1	50,7	53,8	57,2	56,5	56,6	56,6	53,9
Descontada ²	34,5	30,9	33,7	34,5	35,0	37,8	36,1	35,6	38,4	35,8	36,1	36,1	35,9
Calçados Global ¹	64,0	57,3	60,9	60,3	65,3	73,9	58,8	64,3	69,7	66,6	65,0	60,0	60,0
Descontada ²	43,6	41,0	49,0	47,9	48,9	56,8	46,4	45,8	50,4	48,1	46,4	46,4	47,3
Alimentos e bebidas	Global ¹	54,9	54,5	58,3	58,8	62,2	67,2	62,7	57,8	61,1	63,3	59,2	56,3
Descontada ²	43,0	39,9	42,9	44,1	43,1	46,0	44,2	38,1	38,8	38,4	37,9	36,8	(conclusão)

Fonte: MTPS, Rais. Elaboração: DIEESE
 Nota: (1) Incluem todos os desligamentos; (2) Desconta os desligamentos a pedido do trabalhador, transferências, aposentadorias e falecimentos

GRÁFICO 10

**Curva do percentual acumulado dos beneficiários do seguro-desemprego formal em relação ao percentual acumulado de estabelecimentos de emprego
Brasil - 2009 (em %)**



Fonte: DIEESE. Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda: seguro-desemprego, 2015
Elaboração: DIEESE

DIEESE
Departamento Inters Sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

Escritórios Regionais

Amazonas

Rua Duque de Caxias, 958 - Sala 17 - Praça 14 de Janeiro
Manaus - CEP 69020-141
Tel.: (92) 3631-0795 - ramal 202
E-mail: eram@dieese.org.br

Bahia

Rua do Cabral, 15 - Nazaré
Salvador - CEP 40055-010
Tel.: (71) 3242-7880 - Fax: (71) 3326-9840
E-mail: erba@dieese.org.br

Ceará

Rua Vinte e Quatro de Maio, 1.289 - Centro
Fortaleza - CEP 60020-000
Tel.: (85) 3253-3962 - Fax: (85) 3231-1371
E-mail: erce@dieese.org.br

Distrito Federal

Setor SHC SUL EQ 314 315 Bloco A - Sind Parte A - 1º andar - Asa Sul
Brasília - CEP 70383-400
Tel.: (61) 3345-8855 - Fax: (61) 3345-7615
E-mail: erdf@dieese.org.br

Espírito Santo

Rua Antônio Aguirre, 94 - 2º andar - Centro
Vitória - CEP 29016-020
Tel.: (27) 3223-3090 - Fax: (27) 3232-5000 - ramal 5014
E-mail: eres@dieese.org.br

Goiás

Rua 04 - Ed Parthenon Center, 515 - Sala 1.518 - Central
Goiânia - CEP 74020-045
Tel.: (62) 3223-6088 - Fax: (62) 3223-6088
E-mail: ergo@dieese.org.br

Minas Gerais

Rua Curitiba, 1269 - 9º andar - Centro
Belo Horizonte - CEP 30170-121
Tel.: (31) 3222-9395 - Fax: (31) 3222-9787
E-mail: ermg@dieese.org.br

Mato Grosso do Sul

Rua 26 de Agosto, 2.296 - Amambaí
Campo Grande - CEP 79005-030
Tel.: (67) 3382-0036 - Fax: (67) 3321-5116
E-mail: erms@dieese.org.br

Pará

Travessa Tiradentes, 630 - Reduto
Belém - CEP 66053-330
Tel.: (91) 3241-3008 - Fax: (91) 3241-3093
E-mail: erpa@dieese.org.br

Paraíba

Rua Cruz Cordeiro, 75 - Varadouro
João Pessoa - CEP 58010-120
Tel.: (83) 3241-3674 - Fax: (83) 3221-1139
E-mail: erpb@dieese.org.br

Paraná

Rua Treze de Maio - Ed. Sevilha, 778 - 2º andar - sala 5 - São Francisco
Curitiba - CEP 80510-030
Tel.: (41) 3225-2279 - Fax: (41) 3225-2279
E-mail: erpr@dieese.org.br

Pernambuco

Rua do Riachuelo, 105 - Sala 1.021 e 1.023 - Boa Vista
Recife - CEP 50050-400
Tel.: (81) 3423-6204 - Fax: (81) 9248-5066
E-mail: erpe@dieese.org.br

Rio de Janeiro

Avenida Rio Branco, 277 - Sala 904 - Cinelândia
Rio de Janeiro - CEP 20040-009
Tel.: (21) 2518-4332 - Fax: (21) 2518-4381
E-mail: errj@dieese.org.br

Rio Grande do Norte

Rua João Pessoa, 265 - Ed. Mendes Carlos, Sala 208 - Cidade Alta
Natal - CEP 59025-500
Tel.: (84) 3211-2609 - Fax: (84) 3211-2609
E-mail: erm@dieese.org.br

Rio Grande do Sul

Avenida Júlio de Castilhos, 596 - 8º andar, conjunto 809 - Centro
Porto Alegre - CEP 90030-130
Tel.: (51) 3211-4177 - Fax: (51) 3211-4203
E-mail: errs@dieese.org.br

Santa Catarina

Avenida Mauro Ramos, 1.624 - Centro
Florianópolis - CEP 88020-304
Tel.: (48) 3228-1621 - Fax: (48) 3228-1621
E-mail: ersc@dieese.org.br

Sergipe

Avenida Gonçalo Prado Rolemberg, 794 - Centro
Aracaju - CEP 49010-410
Tel.: (79) 3211-0621 - Fax: (79) 3211-0621
E-mail: erse@dieese.org.br

São Paulo

Rua Aurora, 957 - 1º andar - Santa Efigênia
São Paulo - CEP 01209-001
Tel.: (11) 3821-2140 - Fax: (11) 3821-2179
E-mail: ersp@dieese.org.br

Para ajudar a ampliar a compreensão sobre a rotatividade no mercado de trabalho brasileiro, o DIEESE e o Ministério do Trabalho e Previdência Social vêm desenvolvendo vários estudos. Esta publicação é a terceira elaborada por meio da parceria. A obra atualiza e aprofunda indicadores já explorados em duas publicações anteriores, a partir da Relação Anual de Informações Sociais (Rais). O olhar é direcionado, principalmente, ao mercado de trabalho celetista, onde a rotatividade tende a ser maior.

Além de apresentar o cálculo da taxa de rotatividade para 2014, para todo o mercado de trabalho, setores, regiões, estados, o livro faz uma caracterização dos vínculos de emprego e da movimentação de trabalhadores e aborda: as causas dos desligamentos e o tempo de duração dos vínculos; as diferenças regionais da rotação da força de trabalho; os atributos dos trabalhadores, procurando identificar quais segmentos estão mais suscetíveis ao impacto da rotatividade; as famílias ocupacionais que possuem maior participação no total dos desligamentos; a evolução da remuneração dos empregos celetistas; rotatividade entre as atividades econômicas; os estabelecimentos que mais contribuem para a movimentação de mão de obra.

As informações são de grande importância para formuladores e gestores das políticas de emprego, pois a rotatividade tem reflexos na demanda por políticas públicas de intermediação, seguro-desemprego e qualificação.